

Obras poeticas de Gregorio de Mattos
Guerra - Tomo I : precedidas de vida do
poeta pelo licencceado Manuel Pereira
Rebello

OBRAS POETICAS

DE

GREGORIO DE MATTOS

OBRAS POETICAS

DE

GREGORIO DE MATTOS GUERRA

PRECEDIDAS DA VIDA DO POETA

PELO LICENCEADO

MANUEL PEREIRA REBELLO

TOMO I

RIO DE JANEIRO
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL

1882

Até que afinal vai correr mundo boa cópia das numerosas composições de Gregorio de Mattos, depois de terem decorrido quasi dois seculos da morte d'este nosso famoso satyrico.

Poucas producções do notavel genio brasileiro existiam até agora impressas e ao conego Januario da Cunha Barbosa cabe a gloria de ter sido o primeiro que nos deu em 1831, no seu *Parnaso brasileiro*, meia duzia de satyras de Gregorio de Mattos, precedidas de um resumo da sua vida. O sñr. commendador Joaquim Norberto de Sousa Silva inseriu depois, em 1843, alguns fragmentos de poesias no tomo 1 da *Minerva Braziliense* e em 1844, uma satyra e tres sonetos seus no *Mosaico poetico*. Em 1850, Varnhagen, depois visconde de Porto Seguro, imprimiu maior numero de composições de Mattos no tomo 1 do seu *Florilegio da poesia brasileira*; depois, em 1855, sahiram algumas poesias e sonetos escolhidos do satyrico nacional no *Ensaio biographico critico dos melhores poetas portuguezes* de José Maria da Costa e Silva. Francisco de Paula Brito tambem publicou uma producção de Mattos na sua *Marmota* de 11 de Março de 1855. Eis tudo o que até hoje existia impresso do nosso poeta.

I

Para a presente edição, além do que corria impresso, servi-me:

- 1) de duas collecções pertencentes á bibliotheca de S. M. o Imperador, as quaes pertenceram a Innocencio Francisco da Silva e foram adquiridas do seu espolio. A primeira, que mostra ser de lettra mais antiga, tem o titulo:

VIDA, E MORTE
DO DOUTOR
GREGORIO DE MATTOS
GUERRA.
I TOMO.
DE OBRAS SACRAS,
E DIVINAS
I. E II. PART.

É um volume no formato de 4.º, contendo 2 ff. inn., 214 pp. num., e mais 1 inn., 4 ff. de *Index*.

As poesias que occorrem nesta collecção da pg. 172 á 214 são do p. Eusebio de Mattos, irmão do poeta.

A outra, que fez parte de mais ampla collecção, é assim intitulada:

AS OBRAS POETICAS

Salinas da Margarida - Bahia

DO
D. GREGORIO DE MATTOS GUERRA
DIVIDIDAS EM 4 TOMOS
EM QUE SE CONTEM AS OBRAS SACRAS, JOCOSERIAS, E
SATIRICAS, QUE A BREVIDADE NÃO PERMITTIO SEPARAR.
TOMO 2.
BAHIA ANNO DE 1775.

In-4.º de 1 fl., 456 pp. num.

- 2) de outra collecção em dois volumes, que pertencem ao sñr. Luiz de Carvalho, ambos de boa lettra do XVIII seculo e sem titulos. São in-4.º, contendo um 329 pp. com as primeiras 73 num., e o outro 351 pp. innumeradas.
- 3) finalmente de mais outra collecção tambem em dois volumes, pertencente ao sñr. dr. João Antonio Alves de Carvalho, distincto bibliophilo fluminense. É cópia moderna feita pelo punho do grande amator de livros Manuel Ferreira Lagos. Os volumes são in-fol. peq., contendo o primeiro 374 pp. num. e o segundo 47 ditas num. Não trazem titulo e o primeiro é precedido da *Vida* do poeta, sem contudo trazer o nome do auctor, que é o licenceado Manuel Pereira Rebello.

D'estas quatro collecções manuscriptas que me serviram para fazer a edição que ora apparece pela primeira vez, visto se acharem algumas poesias repetidas, notam-se muitas variantes, umas devidas ao proprio poeta e outras que parecem defeitos dos copistas. Das mais notaveis farei uma relação no final do ultimo volume. Nas composições que andam em collecções impressas existem igualmente outras tantas variantes. Tanto de umas como de outras acceitei aquellas que me pareceram mais apropriadas á vista dos manuscriptos, e para isso consultei o dr. Teixeira de Mello, que me prestou valioso auxilio com as suas luzes.

Outras collecções manuscriptas das obras de Gregorio de Mattos existem e existiram em bibliothecas e em mãos dos curiosos d'este genero de litteratura.

Varnhagen possuia dois codices differentes; um, de «excellente lettra» em quatro tomos, que já tinha ao publicar em 1850 o primeiro volume do seu *Florilegio da poesia brasileira*; e outro «de lettra contemporanea, muito mettida e em um só volume, bastante grosso, enquadernado toscamente, porventura na propria Bahia, ha mais de seculo e meio.» Esta ultima collecção é accusada pelo illustre historiador no tomo III==APPENDICE (*Vienna*, 1872) do seu mencionado *Florilegio*. O visconde de Porto Seguro, referindo-se á sua primeira collecção em 4 tomos, acrescenta: «E

em quatro volumes deviam arranjar-se as suas obras todas, segundo a vontade do proprio poeta, que na dedicatoria satyrica, que d'ellas faz ao governador citado, Camara Coutinho, diz:

D'esta vez acabo a obra,
Porque este é o quarto tomo.

A vóz illustre Tocano,
Mal direito e bem giboso,
Pernas do rollo de pau
Antes que se leve ao torno.

A vós dedico e consagro
Os meus volumes e tomos.

Varnhagen, quando esteve pela ultima vez no Rio de Janeiro, offereceu á Bibliotheca Nacional as suas duas referidas collecções das obras de Gregorio de Mattos, ficando de remette-las logo que tornasse á Europa. Infelizmente, o historiador brasileiro ao chegar á Vienna d'Austria foi surprehendido pela morte, não chegando assim a realizar o seu importante offerecimento.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa possui um grosso volume in-4.º, que contém boa porção de poesias, conforme diz Innocencio da Silva.

A Bibliotheca publica Eborensis descreve no seu Catalogo dos manuscritos, tom. II (1868), pg. 80:

POESIAS de Gregorio de Mattos. Cod. cxxx/1-17 as ff. 183, 232, e 328 v.

E tambem no mesmo catalogo, pg. 194, accusa uma «Carta que escreveu Gregorio de Matos ao Conde do Prado, estando na Bahia com seu pae o Marquez das Minas.» *Com.*==Daqui desta praia grande==. Cod. cv/1-9 a fl. 29 v. 2 ff. in-4.º

O conego Januario da Cunha Barbosa diz que as poesias de Mattos correm manuscriptas em 6 grossos volumes de 4.º, acrescentando que alguns dos quaes possuia.

José Maria da Costa e Silva tinha um volume d'ellas.

O sñr. commendador Joaquim Norberto, quando, em 1843, publicou algumas linhas acêrca de Gregorio Mattos nos seus *Estudos sobre a litteratura brasileira durante o seculo XVII*, teve em mãos dois volumes.

Francisco de Paula Brito tambem teve em seu poder dois volumes in-4.º, e d'elles apenas publicou uma producção na sua *Marmota* de 11 de Março de 1855, promettendo todavia dar outras, o que não realizou. Estes dois

volumes pertenceram ao visconde do Rio Vermelho, que os deu na Bahia a Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

Muitas producções pouco decorosas escreveu Gregorio de Mattos, occorrendo algumas nas collecções manuscriptas de que me utilizei para a presente edição. A ellas porém, pela minha parte, não dou nem darei curso. É verdade que grande parte das satyras de Gregorio de Mattos estão entresachadas de termos e expressões inconvenientes; mas no acto de publica-las substitui-as por signaes, deitando tantos pontos quantas as letras suprimidas.

Das obras obscenas diz Rebello que Mattos as escreveu em tanta quantidade, que das que possuia «tão indignas do prelo, como merecedoras da melhor estimação» se podia constituir um grande volume.

II

A vida de Gregorio de Mattos que occorre em seguida foi escripta, ao que parece, na Bahia, por meados do XVIII seculo, pelo licenciado Manuel Pereira Rebello, para preceder as obras ineditas do poeta colligidas por elle.

Esta vida, que na opinião de Varnhagen «é um tecido de anedoctas comicas e chistosas que farão de certo apparecer um dia no tablado com muito bom exito o nosso poeta» conservava-se inédita.

A cópia de que me servi para a sua publicação pertence ao dr. J. A. Alves de Carvalho e é escripta pelo punho de Manuel Ferreira Lagos. O conego Januario da Cunha Barbosa, o commendador J. Norberto, Varnhagen, José Maria da Costa e Silva e Innocencio Francisco da Silva tambem possuíam cópias d'ella; todos elles se valeram d'esta curiosa biographia do famoso satyrico bahiano para nos darem os traços, posto que resumidos, da sua vida, direi melhor peregrinação pelo mundo.

Depois de impressa esta biographia tive o ensejo de ver outra cópia diversa em parte, e como contém outros factos da vida do poeta, algumas alterações e numerosas variantes, que não se acham na que ora sahe publicada, reservo-a para da-la na sua integra no fim do ultimo tomo das Obras. Esta cópia pertence a Sua Magestade o Imperador, adquirida do espolio de Innocencio da Silva; precede á primeira collecção das obras do poeta a que acima me refiro, occupando as primeiras 56 paginas do codice e tem o seguinte titulo:

VIDA DO DOUTOR

GREGORIO DE MATTOS
GUERRA

Salinas da Margarida - Bahia

ESCRITTA PELO LECENCIADO MANOEL
PEREYRA RABELLO.

A cópia pertencente a Sua Magestade apresenta uma grande divergencia na data do nascimento de Gregorio de Mattos, porque na que ora sahe publicada o faz Rebello nascido a 7 de Abril de 1623 e na que ainda está inédita diz o mesmo biographo que o poeta nascêra a 20 de Dezembro de 1633. Entretanto, nas duas cópias vê-se que Gregorio de Mattos falleceu em 1696, na idade de 73 annos, o que não se conforma com a data de 1633, pois neste caso teria o poeta morrido com 63 annos, como já por sua vez ponderou Innocencio da Silva.

Agora cumpre dizer que a data da morte de Gregorio de Mattos ainda carece de averiguação. Rebello diz na *Vida* impressa que o poeta morreu no «dia em que chegavam as novas da restauração do famoso Palmar a Pernambuco, que havia de ser o sexto da victoria, pois tanto gasta um caminheiro apressado de um logar a outro.» E na cópia que se acha inédita diz o biographo, quando tracta do mesmo factó: «Foi este dia celebrado; e em perpetua lembrança pelas que chegaram da restauração dos Palmares, que haviam tantos annos desvelado aquella Capitania no estrago de seus moradores. Morreu finalmente no anno de 1696, com idade de 73 annos.»

A republica dos Palmares é um dos factos mais brilhantes dos annaes da humanidade; a sua historia ainda está por escrever-se, apezar de termos uma chronica coeva, embora não abranja todo o seu largo periodo. Basta dizer-se que os historiadores não declaram a epocha da sua *restauração* ou extinccão, porque as divergencias de datas que em muitos se notam não condizem com os documentos authenticos.

Aquella famosa reunião de negros, que viviam não em completa anarchia, mas regularmente governados, era o maior protesto que podia levantar a humanidade contra a escravidão de homens que nasceram livres e independentes. Os palmares eram uns heroes nas luctas que tiveram de sustentar e preferiam a morte á escravidão, dando assim o mais brilhante exemplo de abnegação e heroismo. Quando o chefe Zumby foi atacado no seu mocambo, trahido por um mulato prisioneiro, que o denunciára em consequencia de temer os castigos da barbara escravidão e assim poder livrar-se d'elles, não se suicidou, despenhando-se de alto penedo, como geral e erradamente se diz; não quiz render-se, luctou e foi morto na heroica peleja. Heroica peleja, porque as forças do chefe palmar não passavam então de 6 homens, ao passo que as dos paulistas, que o atacavam, eram numerosas.

A França Antártica e o Brasil Holandês não tinham razão de ser, a não ser a da conquista; mas a República dos Palmares era toda baseada nas leis naturais da humanidade. Talvez mesmo que não haja memória nos annaes dos povos de um aggregado de homens armados tão bellamente justificado. Não se pense porém que sou de opinião que a republica continuasse, ganhando cada dia mais heroes e mais terreno; mas tambem que não se levasse aquelle reducto do dever a ferro e a fogo como aconteceu. Havia por ventura outro meio de evitar-se tantos destroços, tantas mortes de parte a parte. Mas este recurso era durissimo para o tempo, que não permittia que em tal assumpto se fallasse; pois parece que a idéa da abolição da escravatura ainda não passava naquelle tempo sinão da imaginação ardente de Gregorio de Mattos.

Provavelmente a nova mais agradável que chegou ao Recife no govêrno de Caetano de Mello de Castro (1693-1699) foi a morte do Zumbi e o immediato e grande destroço que tiveram os negros dos Palmares.

Estes successos deram-se em fins de 1695 ou em começo de Janeiro de 1696. A data do facto não se encontra nos nossos historiadores; apenas dizem que em 1695 se deram os mais sanguinolentos encontros. De uma carta de officio de d. João de Alencastro, de 24 de Janeiro de 1696, collige-se aquellas datas. Accusa o governador geral da Bahia ao de Pernambuco (Caetano de Mello de Castro) que havia recebido a sua carta, cuja data infelizmente não declara, dando a nova da morte do *Zumbi*, *no bom successo que tiveram os paulistas*, e acrescenta: «Com a sua morte e estrago dos negros considero quasi acabada a guerra dos Palmares, destinada ha tantos annos para vos lograrem a felicidade de os venceres, e ser vossa essa gloria de que vos dou o parabem como amigo e como interessado, pois sempre tocou aos generaes á das victorias, que na sua jurisdicção se alcanção. As occasiões do vosso gosto, sempre acharão no meu amor os alvoroços, que devo a estimação que d'ellas faço: e as do nosso serviço, sem cerimonia, a minha obrigação.»

Mello de Castro em data de 14 de Março do mesmo anno de 1696, provavelmente epocha da partida da primeira frota para o Reino, communicou á sua Magestade as novas do successo dos Palmares, mas ignora-se a data que elle deveria dar na conta da morte do Zumbi e dos mais acontecimentos, porque na Consulta do Conselho Ultramarino de Lisboa de 18 de Agosto do referido anno de 1696, em que se responde áquella carta, não se allega a respectiva data. Como esta Consulta encerra particularidades ainda desconhecidas na historia dos Palmares permitta-se-me da-la na sua integra:

«O Governador de Pernambuco Caetano de Mello de Castro, em carta de 14 de Março d'este anno dá conta a Vossa Magestade de se haver

conseguido a morte do Zomby, ao qual descobrira um mulato de seu maior valimento, que os moradores do Rio de S. Francisco aprisionarão e remetendo-se-lhe topára com uma das tropas que dedicára aquelles dstrictos, que acertou ser de Paulistas, em que ia por cabo o capitão André Furtado de Mendonça e temendo-se o dito mulato de ser punido por seus graves crimes offerecêra que segurando-se-lhe a vida em nome d'elle Governador se obrigava a entregar o dito Zomby e acceitando-se-lhe a offerta desempenhára a palavra guiando a tropa ao mocambo do negro que tinha já lançado fóra a pouca familia que o acompanhava, ficando somente com vinte negros, dos quaes mandára quatorze para os postos das emboscadas que esta gente usa no seu modo de guerra, e indo com os mais que lhe restarão a se occultar no sumidouro, que artificialmente havia fabricado achando tomada a passagem, pelejára valerosamente ou desesperadamente, matando um homem, ferindo alguns, e não querendo render-se nem os companheiros fôra preciso mata-los, apanhando só um vivo, que enviando-se-lhe a cabeça do Zomby determinára se puzesse em um pau no logar mais publico d'aquella praça a satisfazer os offendidos e justamente queixosos e atemorisar os negros que supersticiosamente julgavão este immortal; pelo que se entende, que nesta empreza se acabara de todo com os Palmares, que estimaria elle Governador, que em tudo se experimentem successos felices, para que Vossa Magestade se satisfaça do zêlo com que procura desempenhar as obrigações de leal vassallo.

«Ao Conselho parece fazer presente a Vossa Magestade o que escreve o Governador de Pernambuco Caetano de Mello de Castro de se haver conseguido a morte do negro Zomby, entendendo que por este meio se poderão reduzir os mais dos Palmares por ser este a cabeça principal de todas as inquietações e movimentos da guerra que tão sensivelmente padecião os moradores d'aquellas Capitánias com tanta perda de suas fazendas e morte de muitos, e que Vossa Magestade deve mandar agradecer ao dito Governador o bem com que neste particular, e nos mais do serviço de Vossa Magestade se ha havido, e que o perdão que se deu a este mulato se deve approvar na consideração da importancia d'este negocio e de se poder pôr termo as hostilidades tão repetidas, quantas os vassallos de Vossa Magestade sentirão na extorsão e violencia d'este negro Zomby. Lisboa 18 de Agosto de 1696.-*Conde.-Sepulveda.-Serrão.-*Como parece. Lisboa 22 de Agosto de 1696.-*Rey.*»

As duas cartas de Mello de Castro para o governador geral da Bahia e para a côrte, dando conta dos acontecimentos, não apparecem e só ellas poderão esclarecer ao certo a data da morte do Zumby e de outros factos que devem relatar por menor, como se collige da accusada carta de officio de d. João de Alencastro quando escreve: «no bom successo que tiverão os Paulistas, ainda que foi para elles bastantemente custoso, como por ou-

tras noticias se me diz», e da Consulta do Conselho Ultramarino, que fica reproduzida, quando dá a summa da carta do governador de Pernambuco referindo como se poudo conseguir a morte do chefe dos Palmares. Estas duas cartas de Mello de Castro provavelmente devem existir, sinão nos seus proprios originaes, ao menos nos livros de registo dos dois governadores da Bahia e de Pernambuco e nos do Conselho Ultramarino de Lisboa e o apparecimento d'ellas viria de certo elucidar este facto da maxima importancia na historia dos Palmares. E d'esta elucidação poder-se-ha tirar illações para fixar-se a data da morte de Gregorio de Mattos, a darmos credito ao seu biographo Rebello, quanto ao ter ella occorrido no dia da chegada das novas da redução dos Palmares ao Recife.

Pela carta do governador geral da Bahia vê-se que a nova da morte do Zumby foi bem recebida no Recife e provavelmente ahi festejada; porque os principaes da capitania estavam empenhados na lucta, somente com o intento de evitar que os seus escravos continuassem a engrossar as denodadas fileiras dos Palmares. Os colonos consideravam o paiz rico e tinham para si que trabalharem ao nivel dos negros era a maior ignominia e aviltamento. Só queriam ser *senhores* e a importancia do colono era aquilatada pelo numero de escravos que possuia, o que importava dizer que o mais barbaro era o mais considerado. Assim, a noticia da morte do Zumby e do destroço de parte dos Palmares deveria ter causado vivo contentamento aos povos do Recife e aos das mais partes da capitania. Accioli, que narra succintamente a historia dos Palmares, sem comtudo dar uma só data, diz nas suas *Memorias da Bahia*, 1, 139, que «o povo d'aquella cidade se entregou ao maior regozijo» e que «houve logo procissão em acção de graças.»

Rebello e fr. João de S. José Queiroz, bispo do Pará, dizem que o bispo de Pernambuco (d. fr. Francisco de Lima), assistira aos ultimos momentos de Gregorio de Mattos. Ora, o bispo de Pernambuco, nomeado em Agosto de 1695, só chegou ao Recife a 22 de Fevereiro de 1696. Já se vê d'aqui que Gregorio de Mattos não podia ter morrido na occasião em que recebeu o Recife a noticia do destroço dos Palmares e morte do Zumby. Como disse, esta nova só poderia ter chegado ao Recife até os primeiros dias de Janeiro de 1696, quando d. fr. Francisco de Lima ainda não havia aportado á sua diocese. Neste anno de 1696, si não no de 1695, não consta que houvesse em Pernambuco outro regozijo a proposito de victorias alcançadas contra os Palmares.

Alguns auctores são accordes em darem a guerra terminada em 1695 e outros em 1697, quando entretanto a lucta ainda proseguiu pelo menos até 1701, dirigida pelos paulistas.

Fernandes Gama, nas suas *Memorias historicas de Pernambuco*, IV, 41, dá

até o dia da extinção dos Palmares, o que é um verdadeiro absurdo. Este auctor, depois de relatar a morte do Zumbi e os destroços dos negros, acrescenta: «de maneira que, com mui raras excepções, do Quilombo dos Palmares só ficaram em Pernambuco os negros e as crianças. D'esta sorte aniquilaram aquelle Quilombo formidavel em 14 de Maio de 1695, depois de um sitio de mais de dous mezes e de bem prejuizo de gente.»

Para provar-se a inexactão d'esta data basta ter-se noticia da carta do Governador geral da Bahia de 24 de Janeiro de 1696, acima indicada, e da Consulta do Conselho Ultramarino de 18 de Agosto do mesmo anno, acima reproduzida; pois o governador de Pernambuco não deixaria passar quasi um anno para communicar á côrte um acontecimento, que considerava tão importante.

Milliet de Saint-Adolphe no seu *Diccionario geographico*, artigo PALMARES, diz: «Durou este perto de setenta annos, tendo sido infructuosas varias expedições que contra elle se fizeram; porém o marquez de Pombal acabou por destrui-lo em 1697, mandando contra elle uma divisão de 8,000 homens, com a mosquetaria e artilharia que o caso pedia, &.» O auctor ainda agrava o seu formidavel anachronismo referindo-se mais duas vezes ao mesmo marquez de Pombal, que entretanto só dois annos depois, em 1699, foi que nasceu.

Azevedo Marques nos seus *Apontamentos historicos da provincia de S. Paulo*, vol. I, pg. 126, tractando de Domingos Jorge Velho, diz: «Dirigiuse depois a Pernambuco e obteve licença para atacar o quilombo dos Palmares, para onde marchou, e depois de alguns combates sem resultado, declarou-se a victoria pelo lado de Domingos Jorge a 3 de Março de 1687, sendo de todo destruido o quilombo que já contava cêrca de 30,000 negros.»

Como se vê, o chronista moderno de S. Paulo dá a republica dos Palmares exterminada a 3 de Março de 1687. Azevedo Marques foi buscar esta data nos *Capitulos e condições que concede o sñr. Governador João da Cunha Souto Maior ao Coronel Domingos Jorge Velho para conquistar, destruir e extinguir totalmente os negros levantados dos Palmares com a sua gente e officiaes que o acompanhão tudo na forma referida, &c.*, que são datados de Olinda a 3 de Março de 1687. Estas condições foram ainda ratificadas em Olinda a 3 de Setembro de 1691 e confirmadas pela côrte por Alvará de 7 de Abril de 1693!

A guerra porém não terminou com a morte do chefe dos Palmares, não se conseguindo portanto a sua restauração em 1696; continuou ainda, torno a dizer, pelo menos até 1701. Quando d. Fernando Martins Mascaranhas de Alencastro succedeu a Caetano de Mello de Castro no governo

de Pernambuco ainda encontrou accessa a lucta entre os paulistas e os negros. Sou obrigado a publicar neste logar um documento e parte de mais dois-provas irrefragaveis d'essa asserção. São Consultas do Conselho Ultramarino de Lisboa de 1699, 1700 e 1701.

Na Consulta de 16 de Novembro de 1699 lê-se:

«Em o quarto sobre o negro Camanga, que a d. Fernando Martins Mascaranhas se escreva, que quando não aproveitem com elle as advertencias e avisos que lhe tem feito o Bispo para o reduzir, faça toda a diligencia para que não engrosse este negro em poder, e se faça ao depois mais custosa a sua destruição, e se sinta antes que o apresionem, ou matem aquelles effeitos que se costumam experimentar nos assaltos d'estes inimigos.»

Na mesma consulta ainda se diz:

«E no oitavo que respeita á mudança que este Bispo dá conta intenta fazer o mestre de campo Domingos Jorge Velho do arraial em que está situado, e chegar-se mais para o povoado, que esta de nenhuma maneira se lhe deve permittir pelas grandes consequencias que d'isso se podem seguir, antes que o Governador de Pernambuco lhe escreva que em nenhum caso o faça; pois o contracto que se fez com elles é terem a sua assistencia nos mesmos Palmares, para d'ali fazerem guerra aos negros levantados, sendo esta a causa principal para que foram chamados, &.»

Segue-se a Consulta de 27 de Setembro de 1700:

«Mandando Vossa Magestade ver neste Conselho a conta que deu o bispo de Pernambuco por via do secretario Roque Monteiro Paim das diligencias que fez quando andou em visita pelos Palmares para reduzir o negro Camoanga, foi Vossa Magestade servido ordenar ao Governador das mesmas capitancias dom Fernando Martins Mascaranhas em carta de 20 de Janeiro d'este anno, que quando com este negro não aproveitassem as advertencias e avisos que lhe tinha feito o bispo para o reduzir, applicasse toda a diligencia, para que não engrossasse em poder e se fizesse ao depois mais custosa a sua destruição.

«Á carta de Vossa Magestade responde o dito Governador por outra de 24 de Junho do mesmo anno, que como o dito negro faltou por varias vezes á palavra que deu ao Bispo para o reduzir de se avistar com elle em tempo certo e logar determinado; e as entradas que faziam os Paulistas no sertão se repetiam amiudadamente nunca poderia demorar em um logar, e si concluiria com elle e com os seus sequazes pelo meio das armas, que era o unico, como a experiencia nos tinha mostrado para se reduzir e sujeitar esta gente á obediencia.

«Ao Conselho parece que como este negro faltou ao que havia promettido

ao Bispo, e se não ache em parte certa e se possa temer que engrosse em poder, sendo ao depois mais difficil a sua sujeição e destruição que se deve ordenar ao Governador de Pernambuco que com effeito se lhe faça a guerra, e o busquem de proposito por toda a parte, para se lhe dar o castigo que merece. Lisboa 27 de Setembro de 1700.-*O Conde d'Alvor.-Serrão.-Silva.-*Como parece. Lisboa 8 de Outubro de 1700.-*Rey.*»

E finalmente eis parte da Consulta de 14 de Janeiro de 1701:

«E no vigesimo quinto que tracta da extincção do Terço dos Paulistas que supposto se entenda não ser conveniente a sua assistencia para os Indios, que com tudo para os negros dos Palmares se reconhece ser *precisissima porque sobre haver ainda muitos d'estes inimigos*, cujas hostilidades se fizeram tão sensiveis para os vassallos de Vossa Magestade continentes nas suas visinhanças se elles se apartarem d'ali tornarão a sentir os mesmos povos as suas invasões; e no que respeita as terras que se lhe prometteram e a assistencia dos arraiaes nas partes mais necessarias se tem já dado toda a providencia necessaria.»

Assim, quanto á chamada restauração dos Palmares que se lê na Vida de Gregorio de Mattos, parece que Rebello quer referir-se á morte do Zumby e aos mais successos alcançados pela mesma occasião; mas á vista dos dados authenticos, a data d'estes factos é, como já disse, de fins de 1695 ou começo de Janeiro de 1696. Tambem podiam ter se dado em 1695 e chegado a noticia ao Recife nos primeiros dias de 1696. Si pois Gregorio de Mattos morreu no dia em que chegou ao Recife a nova da victoria alcançada contra os Palmares, não podia de certo o bispo d. fr. Francisco de Lima ter assistido aos ultimos momentos do poeta. Rebello e o bispo do Pará não são testemunhos coevos; ambos escreveram muitos annos depois da morte de Mattos, o primeiro depois de 1740 e o segundo de 1759 a 1764. D. fr. João de S. José Queiroz não dá a data da morte de Gregorio de Mattos, nem declara o nome do bispo que chegou a ir pessoalmente dispor o poeta para que não morresse como impio; mas desde Junho de 1694 a diocese de Pernambuco achava-se vaga, e provavelmente o bispo do Pará quer referir-se a d. fr. Francisco de Lima, que governou de 22 de Fevereiro de 1696 a 23 de Abril de 1704.

III

Como se vê no final da Vida de Gregorio de Mattos, Rebello fez tirar o seu retrato por um antigo pintor, que fôra familiar do poeta; mas este retrato infelizmente não apparece hoje, deixando assim um vacuo immenso na galeria historica dos homens notaveis do paiz.

IV

O nome de Gregorio de Mattos basta para que faça despertar logo no espirito de muitas pessoas as engraçadas anedotas que de sua vida ainda hoje correm, vindas vagamente de geração em geração, accrescentando-se-lhes ou diminuindo, como é natural, uns pontinhos de mais ou de menos. Vejamos, por exemplo, tres das mais curiosas que vogam, contadas de modos inteiramente diversos.

O bispo do Pará d. fr. João de S. José Queiroz, nas suas *Memorias*, publicadas em 1868 pelo sñr. C. Castello Branco, narra:

«Fez Gregorio de Mattos, em Pernambuco, uma satyra universal ao clero e religiões. Escapou-lhe um clerigo, por lhe não occorrer e viver fóra da cidade. Foi este simples sacerdote procurar o poeta e agradecer-lhe muito o não o metter na satyra. Perguntou-lhe o Mattos o nome e onde assistia. E depois accrescentou: «Reparou Vm. na obra, num *multitudo cavallorum* que lá vêm?»-Sim senhor, disse o clerigo. «Pois alli está Vm. mettido,» concluiu o mordaz poeta.»

O seu biographo, Pereira Rebello, porém, dando conta d'esta passagem, diz:

«... Nem havia lisonja que desmentisse as durezas d'aquelle engano, o que se prova com esta decima:

A nossa Sé da Bahia,
Com ser um mappa de festas,
É um presepe de bestas,
Si não fôr estrebaria;
Varias bestas cada dia
Vejo que o sino congrega:
Caveira mula gallega,
Deão burrinha bastarda,
Pereira rossim de albarda,
Que tudo da Sé carrega.

«Pareceu a certo conego que não ia incluído nesta decima, onde o seu nome se não mostrava, e promptamente lhe veio agradecer com palavras humildes; mas o poeta lhe respondeu: *Não, sñr. padre, lá vai nas bestas.*»

Agora passemos á segunda, que diz respeito aos ultimos momentos do desditoso satyrico. D. fr. João de S. José refere que o poeta.

«...Morreu como impio, sem embargo de o exhortarem padres muito doutos, chegando o bispo de Pernambuco a ir pessoalmente dispo-lo. Recebeu o prelado, dando-lhe as costas e virando-se para a parede. Instado por aquelle benigno pastor que se animasse e pedisse perdão a Deus, voltou-

se, e vendo-lhe na mão um crucificado com os olhos coberbertos de sangue, proferiu tão impia como jocosamente o sabido quarteto:

Quando meus olhos mortaes
Ponho nos vossos divinos
Cuido que vejo os meninos
De Gregorio de Moraes.

«Os meninos de Gregorio de Moraes, seus visinhos, traziam os olhos inflammados. Intempestiva e indecente allusão! E assim morreu.»

A este trecho accrescenta o sñr. C. Castello Branco:

«Escreve Innocencio Francisco da Silva que o poeta morrêra com «grandes mostras de contricção e arrependimento, si é verdade o que affirmam os seus biographos.» Não nos edifica o arrependimento de Gregorio de Mattos, si fechou a vida com a copla celebrada pelo bispo do Pará. A meu ver, a impia memoria do mordente brasileiro explica o silencio do abbade de Sever, justamente arguido pelo citado bibliophilo.»

Mas é d'este outro modo accusada pelo biographo Rebello a morte do nosso Mattos:

«Uma rigorosa febre lhe attenuou os dias, de sorte que, desenganados os piedosos pernambucanos de remir-lhe a vida, chamaram o vigário do Corpo Sancto, Francisco da Fonseca Rego, pessoa que suppunham de mais auctoridade, para que o dispuzesse a morrer como catholico. Mas como este parochio era na opinião do poeta mal recebido, sem poder disfarçar nesta hora o genio livre, soltou algumas palavras, que puzeram as chimeras do vulgo em suspeitas, de que nasceu um rumor menos decoroso á sua consciencia; o qual chegando aos ouvidos do illustrissimo prelado d. frei Francisco de Lima, logo desde uma legua de caminho se arrojou como bom pastor a tomar em seus hombros a ovelha que suppunha desgarrada, e não foi assim, porque não só o achou disposto a morrer como verdadeiro christão, mas em signal de que lhe servira o entendimento no maior conflicto, viu em uma folha de papel escripto com caracteres tremulos o grande soneto que offerecemos:

Pequei senhor; mas não, porque hei peccado,
Da vossa alia piedade me despido:
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Si basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,

Vos tem para o perdão lisongeados.

Si uma ovelha perdida, já cobrada,
Gloria tal o prazer tão repentino
Vos deu, como affirmais na Sacra Historia,

Eu sou, senhor, ovelha desgarrada:
Cobrae-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa gloria.

«Assistiu-lhe o piedoso bispo até o ultimo valle, e logo seu corpo foi levado por homens principaes ao Hospicio de Nossa Senhora da Penha dos Capuchinhos Francezes, o dia em que chegavam as novas da restauração do famoso Palmar a Pernambuco, que havia de ser o sexto da victoria, pois tanto gasta um caminheiro apressado de um logar a outro.»

A terceira é a seguinte, que ocorre na *Bibliotheca Bahiana* de João Nepomuceno da Silva, vol. 2.º (1863), tractando-se de Gregorio de Mattos:

«A promptidão com que o poeta achava pensamento, rima e sal para a satyra, é o que mais o tornou distincto. Umhas mulheres suas visinhas, accommettidas inopinadamente de umhas visitas á noite, recorreram ao poeta no emprestimo de umhas grandes e bojudas porcelanas chamadas palanganas: servidas, não mais cuidaram em restitui-las. Passado algum tempo chegaram ellas em uma noite á janella para ver um enterro que pela rua passava, ao tempo que o poeta tambem chegava á d'elle. Surprehendidas, disfarçaram, pedindo uma dillação ao poeta, que fizesse uma satyra ao enterro, e então foi esta a satyra que de prompto lhe surgiu:

Dizem que as almas que vão
Á este mundo não vem,
E as minhas palanganas
Fizeram-se almas também?»

Um entusiasta de Gregorio de Mattos, porém, nas linhas publicadas no *Cruzeiro* de 7 de Abril de 1881, conta a mesma anedocta de modo differente.

«Mandára o poeta uma bandeja rica com doces a uma familia de suas relações. Acharam graça em guardar a bandeja e o presente. Passaram-se tempos e o poeta nada reclamou. Um dia passou-lhe pela porta, e apanhando-os na gelosia, disse-lhes:

As almas do outro mundo
Dizem que vão e não vem,
E a minha bandejinha

Será alma também?»

Conta-se outra anedocta curiosa passada na cidade da Bahia entre o coronel Sebastião da Rocha Pitta, auctor da conhecida *Historia da America Portuguesa*, e o poeta.

Rocha Pitta era então alferes de infantaria e estava de guarda em Palacio. Acconteceu passar por ali o nosso poeta, e chegou-se a elle o depois historiador brasileiro e lhe disse: *Senhor doutor, estou com uma obra entre mãos e para acaba-la, quero que V. M.^{ce} me dê um consoante a esta palavra ==para mim==*. Ao que promptamente respondeu Gregorio de Mattos *==Capim==*. Rocha Pitta tornou-se então inimigo de Gregorio de Mattos. O auctor da *America Portuguesa* também era poeta e parece que quando ouviu a rima pedida proferida em tom serio e grave pelo espiituoso satyrico, ficou assim meio duvidoso. Provavelmente o proprio Gregorio de Mattos foi quem andou narrando o caso, e d'aqui procedeu todo o odio de Rocha Pitta.

V

A litteratura do Brazil no seculo do seu descobrimento é apenas representada pelo pernambucano Bento Teixeira Pinto, auctor de um poemeto intitulado *Prosopopéa*, o qual foi impresso em 1601 e reimpresso em 1872 pela Bibliotheca Nacional, á esforços do illustrado sñr. dr. Ramiz Galvão. No seculo immediato, o XVII, entrou então o Brazil a desenvolver-se, e, como era natural, não poucos homens de talento, nascidos no torrão americano, começaram a cultivar as lettras e sciencias em todos os seus ramos.

D'entre os mais notaveis poetas, para só fallar d'elles, destacam-se: Gregorio de Mattos, que já era muito apreciado e applaudido em Portugal; Eusebio de Mattos, Bernardo Vieira Ravasco, Manuel Botelho de Oliveira, Domingos Barbosa, Gonçalo Soares da Franca, Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, naturaes da Bahia; Salvador de Mesquita, Martinho de Mesquita e João Mendes da Silva, do Rio de Janeiro. Os poetas bahianos são, em honra da verdade, os que representam toda a litteratura brasileira durante o XVII seculo: de poucos d'elles porém existem livros impressos em separado, mas das composições de quasi todos subsistem algumas amostras.

De todos estes cantores d'aquelle seculo o mais conhecido e reputado foi incontestavelmente Gregorio de Mattos; corriam de mão em mão as suas numerosas obras, e eram por todos repetidas de bocca em bocca, «desde o palacio á choupana, desde a floresta á cidade.»

Ninguem ha, pois, que cultive as lettras no Brazil, que não encontre logo

occupando nellas um logar proeminente o nosso Gregorio de Mattos, pelo seu estro gigantesco, pela originalidade das suas producções satyricas, pelos seus rasgos admiraveis. O seu nome, apesar de decorridos quasi dois seculos depois da sua morte, é ainda hoje apregoado como um dos mais valentes cooperadores das litteraturas de dois povos e da lingua portugueza fallada no Brazil. Movido por estes dois pontos de vista decidi-me a publicar as suas obras. Si todas as suas producções são realmente de verdadeiro merito, não o saberei eu dizer; e, quando por ventura não n'ó tenham, fica explicada a razão por que encetei a publicação de escriptos de um auctor que fazia timbre em criticar, não a todos nem a tudo, como geralmente se diz, mas áquelles que se deslisavam dos seus deveres, ou que o provocavam com motejos e escriptos pregados pelas praças, e aquillo que julgava no seu esclarecido entendimento andar fóra da razão e da justiça. Moralisar os viciosos, ridicularisar certos usos e costumes desregrados, retratar ao vivo certos personagens, era o fim principal do poeta.

Como disse, até então poucas producções do notavel poeta lograram ver a luz da publicidade; agora, porém, vamos ter uma collecção, ainda que incompleta, das poesias de Gregorio de Mattos, o BOCCA DO INFERNO, nome pelo qual era mais conhecido no seu tempo, pela vehemencia e mordacidade das suas engraçadas satyras, que produziam um effeito extraordinario no espirito dos seus conterraneos, e não menos produzirão ainda hoje com a sua vulgarisação pela imprensa.

Como é sabido, notava-se nos tempos coloniaes o desgoverno do Brazil; tractava então cada um de seguir a sua conveniencia, *gemesse quem gemesse*, e com o apparecimento das satyras do nosso poeta notou-se que de algum modo moderaram os viciosos os seus desregrados costumes: d'ahi veio a dizer o grande padre Antonio Vieira que *maior fructo faziam as satyras de Mattos que as missões de Vieira*, de onde se infere que não foram poucos os serviços prestados pelo vate bahiano ao então nascente Brazil, concorrendo com a sua veia satyrica para o saneamento moral da patria. Já de Eusebio de Mattos, irmão do poeta, havia affirmado o mesmo padre Vieira «que Deus se apostára em o fazer em tudo grande, e não fôra mais por não querer.»

Gregorio de Mattos, apesar de ter feito da sua vida um verdadeiro romance, cheio de peripecias singulares, de inimitaveis rasgos e de desvarios e desregramentos, fustigou os vicios e expoz ao ridiculo as vaidades e desconcertos do seculo em que viveu e poetou, entresachando as suas satyras de um tiroteio de chistes e descripções picantes, que as tornavam muito lidas e faziam com que gyrassem em cópias manuscriptas, ás centenas, pelas mãos dos curiosos.

Um dos maiores senões das satyras que não versam sobre a critica dos vicios e a censura dos costumes em geral, é devido a ignorar-se mais tarde quasi tudo o que nellas se diz, o que realmente faz com que percam muito do seu sal e valor.

Para o tempo em que correm ainda quentes são de effeito immenso, porque todo o mundo conhece as baldas do criticado e a exacção do satyrico, não lhe escapando as menores circumstancias, que entretanto mais tarde se tornam inteiramente extranhas. D'ahi nascia a avidez com que as satyras de Mattos eram lidas, relidas ás vezes, ante um num eroso auditorio e copiadas com sofreguidão no tempo. O proprio governador da Bahia d. João de Alencastro, a quem se deve o desterro de Mattos, tinha um livro especial em que com esmerada lettra mandava registrar as produções do nosso poeta, com mais cuidado e correcção talvez do que as suas mesmas cartas de officio para a côrte: quando porém a musa satyrica lhe entrou por casa sem pedir licença, foi o poeta traçoicamente prêso e por ordem sua desterrado!

Mas Gregorio de Mattos não foi só poeta satyrico: ha composições suas notaveis e distinctas, não só por terem sahido fóra do seu habito de compor, como porque tractam de tornar salientes as virtudes e merito de algumas pessoas e dignidades da sua patria: d'aqui se conclue que reconhecia elle a virtude, onde quer que a achasse, e que si não era virtuoso, tinha probidade e honra, e a não serem exactas as suas palavras, é certo que elle não exaltaria meritos, si realmente os não encontrasse, pois, como se sabe, o poeta não perdia vaza, e folgava de ter occasião de jogar a sua setta veemente e ferina contra esta ou aquella pessoa, logo que o merecesse, fosse grande ou pequeno, branco ou preto.

D'aqui vem o dizer-se que Gregorio de Mattos estragava a sua musa delicada com assumptos pouco dignos de um poeta; porque depois que acabava de retratar fielmente um governador e capitão-general, um vice-rei, uma alta dignidade ecclesiastica, descia a photographar a largos traços pessoas inteiramente obscuras e collocadas muito baixo na escala social.

Accresce ainda que ha poesias de Gregorio de Mattos sobre objectos diferentes, repassadas do mais fino e delicado lyrismo, e algumas de assumptos religiosos, que certo não são as suas menos estimaveis obras, e bastavam ellas para dar-lhe logar honroso no grande festim da poesia nacional. Tudo isto o que prova? Que a sua musa não tendia só para o comico e satyrico. Na sua alma palpitava fortemente um coração de poeta, e ante as scenas magestosas da natureza, ante a virtude, ante o merito, ante a boa christandade, o seu alevantado espirito não podia de certo ficar calado. Elle era poeta e tinha os olhos fitos no céu e o coração aberto na terra!

As obras de Gregorio de Mattos não são só reservadas aos homens de letras, como se póde suppor. São destinadas não sómente aos que se dedicam ao cultivo da mais elevada litteratura, como ao povo, para quem em particular escrevia o famoso satyrico. Gregorio de Mattos fazia timbre de ser conhecido e applaudido das turbas populares, tanto que se aprazia em viver entre musicos e folgazões quando estava na Bahia. Escrevia para o povo, mas as suas composições agradavam ao homem mais douto, sabendo assim o poeta a um só tempo deleitar a todos. Por isso muitas das suas poesias não parecem escriptas ha tão longos annos, pela jovialidade que apresentam, pelo enredo de seus dramas, pela agudeza dos seus dictos, pela vivacidade das suas côres.

Gregorio de Mattos foi, como se sabe, o primeiro que introduziu na poesia portugueza o verso decasyllabo, que por isso ainda hoje é conhecido nos tractados de poetica sob o nome de *verso gregoriano*, ainda que o nosso poeta não fosse verdadeiramente o seu inventor, pois havia muito tempo que d'elle usavam os italianos, de quem Gregorio de Mattos o tomou, não deixando com isso de fazer um bom serviço ao mechanismo da poesia portugueza. *Marinicolas*—é a producção caracteristica dos versos decasyllabos, á que me refiro, famosa satyra que tanto celebrizou o notavel satyrico brasileiro.

Conhecido como deve ser o nosso Mattos, tornar-se-ha elle tão popular, como o fôra no seu tempo, não só em todo o Brazil, onde a sua fama chegou a todos os seus recantos, como em Portugal. Gregorio de Mattos pertence á litteratura de dois povos. Costa e Silva chamou-o *Rabelais portuguez*; antes, porém, já o sñr. J. Norberto o chamára o *Juvenal brasileiro*.

As obras de Gregorio de Mattos foram sempre muito apreciadas dos curiosos e amadores da boa poesia; pena é, porém, que o poeta descaia ás vezes em phrases e termos poucos decorosos, que não podem passar pelos olhos de todos e são obrigados a ficar ineditos. Posto que as suas composições fossem escriptas ha dois seculos, muitas d'ellas são e serão incontestavelmente de todos os tempos, pelo interesse geral que offerecem todas.

Os seus criticos são accordes em affirmar que a sua linguagem é rica, especialmente em termos e locuções populares e familiares, fluente, correcta e quasi sempre harmoniosa, e que as suas pinturas são vivas, profundos e penetrantes os seus golpes satyricos, e inexhaurivel a sua graça. Gregorio de Mattos é pois um poeta classico e dos mais auctorizados na linguagem portugueza.

Thomaz Pinto Brandão, o celebre poeta portuguez que «vivendo de alegrar a gente, morreu de fome», como elle proprio o diz, foi seu discipulo

e com elle veiu em 1681 para o Brazil, quando o dr. Guerra estava despachado para a Bahia. O biographo de Th. Pinto Brandão diz que «influiu nelle Gregorio de Mattos o seu espirito agudo e picante, a que o seu perspicaz engenho soube illuminar com um emphasi especifico, que brilhava não só nas suas composições, mas nos seus dictos.»

Thomaz Pinto, falecido em 1743, parece que nunca esqueceu o seu mestre e amigo Gregorio de Mattos, e em 1713 invocou a alma do poeta bahiano e deu-nos a *Satyra feita a todo o Governo de Portugal por Gregorio de Mattos ressuscitado em Pernambuco em 6 de Agosto de 1713*. Consta de 40 strophes e é imitada da satyra de Mattos que tem por titulo *Justiça que faz o P na honra hypocrita pelos estragos que anda fazendo na verdadeira honra*, e que começa:

Uma cidade tão nobre,
 Uma gente tão honrada,
 Veja-se um dia louvada
 Desde o mais rico ao mais pobre:
 Cada pessoa o seu cobre;
 Mas si o diabo me atiga,
 Que indo a fazer-lhes justiça,
 Algum sahia a justiçaçar,
 Não mo poderão negar
 Que por direito e por lei

Esta é a justiça que manda El-Rei.

A primeira strophe da satyra de Thomaz Pinto é esta:

Um Reino de tal valor,
 E de povo tão honrado,
 É justo seja louvado
 Desde o vassallo ao senhor.
 Inda que fraco orador,
 A verdade hei de dizer,
 E cada qual recolher
 Póde, aquillo, que lhe toca;
 Inda que diga, o provoca
 Uma imitação real:

Este o bom Governo de Portugal.

Esta longa producção ainda se conserva inedita. A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a possui nas *Obras partas de Thomaz Pinto Brandão*, msc. in-4.º de 269 ff. num. Acha-se de ff. 195 a 204.

Os homens de genio nunca morrem; neste caso está o nosso Gregorio de Mattos, que é uma verdadeira gloria nacional: quasi obumbrado por espaço de dois seculos, o seu ainda que não completo apparecimento no mundo litterario é quiçá um acontecimento. Estou certo que, mais conhecido, o seu nome se tornará tão vulgar como o de Luiz de Camões, dado o desconto da indole poética de um e de outro e da profunda differença dos assumptos de que um e outro se occuparam e que não são de certo para comparar-se. Gregorio de Mattos terá porém igualmente citadores, porque ha nas suas poesias muito que se applicar a todas as situações da vida, e si as condições sociaes mudaram, não são as mesmas do tempo em que poetou e floresceu, a humanidade é ainda a mesmissima e as fragilidades humanas se repetem e renovam em todos os seculos... por ventura refinadas.

Nascido na Bahia formára-se em Coimbra e estivera por algum tempo em Lisboa a exercer a advocacia. Tornou depois á Bahia, de onde, preso pela vivacidade das suas satyras, fôra deportado para Angola: d'ahi voltou a Pernambuco, onde exhalou o ultimo suspiro em 1696.

Como Camões, foi em Coimbra que Gregorio de Mattos começou a fazer-se conhecido pelas suas poesias e satyras; ahi esteve 7 annos, como elle proprio o diz, e, quando terminou o seu tirocinio academico, não se esqueceu de compôr um *Adeus á Coimbra*, despedindo-se da Universidade:

Adeus Coimbra inimiga,
Dos mais honrados madrasta,
Que eu me vou para outra terra
Onde viva mais á larga.

Adeus prolixas escholas,
Com reitor, meirinho, e guarda,
Lentes, bedeis, secretario
Que tudo sommado é nada.

Adeus famulo importuno
Ladrão público de estrada,
Adeus: comei d'esses furtos,
Que a bolsa está já acabada.

Adeus ama mal soffrida
Que si a paga vos tardava,
Furtaveis sem consciencia
Meios de carneiro e vacca.

Adeus amigos livreiros,
Com quem não gastei pataca
No discurso de sete annos,
De tantas carrancas cara.

Esta producção foi assim publicada por Varnhagen no seu *Florilegio da poesia brasileira*, t. I, pg. 11.

A sua vida é uma perfeita comedia, em que figuram os mais notaveis personagens do tempo, trazidos á baila pela sua musa folgazã, aviventados pelo seu genio creador e superior.

O Brazil ainda não produziu outro genio igual no seu genero ao de Gregorio de Mattos. Como já disse, não era elle só satyrico: era tambem um poeta sacro e um lyrico insigne. Os sonetos, que escreveu em grande numero, são eguaes ás melhores composições d'esta especie; rivalisam com os mais famosos de Bocage.

Na qualidade de advogado, Mattos era de um tino e perspicacia admiraveis, sabendo tirar partido vantajoso dos mais insignificantes incidentes: uma causa que tivesse a ventura de cahir nas suas mãos, estava de certo ganha e coberta de innumeros applausos, mesmo dos da parte contraria. Era de um laconismo extraordinario nos seus embargos, e de muitos d'elles nos dá noticia o seu biographo Rebello.

Gregorio de Mattos era alegre e folgazão como o mostra boa parte das suas producções.

Em geral os poetas pedem a morte cedo; Gregorio de Mattos porém não desejava morrer na flor da idade, e no soneto em que chora a morte de um filho seu de tenra idade, diz:

Que muito, ó filho, flor de um pau tão bronco,
Que acabe a flor na docil infancia,
E que acabando a flor dure inda o tronco.

De genio altaneiro e character independente, não se curvava a interesses mundanos. Queria dar expansão ao seu singular espirito e não admittia nisso o mais leve constrangimento.

A sua ambição era limitada: assim, não fazia caso de dinheiro, nem mercava a sua musa aos poderosos.

Conta o seu biographo, que quando elle vendeu umas terras suas por tres mil cruzados, recebendo o dinheiro em um sacco, mandara-o despejar a um canto da casa, e d'ahi se ia tirando o necessario e sem regra, para os gastos diarios.

Como advogado Gregorio de Mattos era de rectissimo proceder; só defendia o justo e aconselhava o verdadeiro. «Conta-se, diz o seu biographo, que muitas vezes aconteceu entrarem-lhe as partes com dinheiro consideravel, e os amigos com assumptos menos dignos, e que elle despresava aquellas, para attender a estes, passando lastimosas necessidades.»

Apezar da promessa de d. Pedro II de um logar na Casa da Supplicação de Lisboa, não quiz o dr. Gregorio de Mattos devassar no Rio de Janeiro dos crimes imputados ao governador Salvador Corrêa de Sá e Benavides, cahindo assim das graças d'aquelle monarcha. Este facto, si não lhe sobrassem outros muitos que conta o seu biographo, bastava para mostrar a rectidão e a independencia de character do poeta.

Á Gregorio de Mattos deve o Brazil o primeiro brado da sua independencia. Foi elle quem primeiro, só e desajudado, teve a coragem e a energia de dar este grito de alarma na colonia portugueza. Em muitas das suas producções notam-se o amor que o poeta consagrava á sua patria e os esforços que empregava para liberta-la do jugo da metropole, e na despedida que fez á Bahia, quando seguiu para o seu exilio de Angola, diz elle:

Que os Brasileiros são bestas
E estarão a trabalhar
Toda a vida, por manterem
Maganos de Portugal.

As famosas *bandeiras* que em busca de minas partiram da Bahia, levaram o nome do poeta até á Villa Rica de N. S. do Pilar, hoje cidade do Ouro Preto, onde, em homenagem ao famigerado satyrico, denominaram uma das suas ruas *Gregorio de Mattos*: prova inconcussa de que a sua fama não se circumscrevia só á capitania natal. Esta rua parece que hoje já se acha com o nome mudado. Vi-a indicada em uma *Planta de Villa Rica de N. S. do Pilar*, trabalho manuscripto que se guarda no Archivo Militar d'esta côrte.

VII

Gregorio de Mattos como linguista presta um auxilio poderoso á lingua-gem portugueza e brasileira. É elle o escriptor que nos dá idéa mais exacta do modo de fallar e escrever no Brazil no XVII seculo. O seu vocabulario é riquissimo, principalmente em locuções e termos populares, sem exceptuar, já os de origem indiana, já os derivados da lingua africana, e é o unico documento d'aquelle seculo que possuímos neste genero de estudos; o poeta provavelmente não imaginára que viria um dia prestar valioso serviço aos philologos e investigadores das cousas da patria até sob este ponto de vista.

Gostava Gregorio de Mattos de conviver com gente da mais baixa sociedade; mas d'ahi buscava elle elementos para as suas chistosas composições, e por isso nos dá cabal idéa do que era a Bahia, e por conseguinte o Brazil, nos primeiros tempos coloniaes, relatando-nos por miudo os usos, costumes e modo de viver da gente de então.

Gregorio de Mattos é incontestavelmente um dos homens que mais honra fazem á poesia portugueza e brazileira. Nascido em epocha em que o Brazil, mal conhecido, como as inhospitas praias de Angola, servia de logar de exilio e receptaculo dos povoadores das cadêas do Reino, não podia certamente receber na sua terra aquella instrucção que pedia o seu alentado espirito.

Dispondo seus paes de recursos, mandaram-n'ó para Coimbra cursar a sua Universidade, onde se formou em leis, e em Portugal passou a mocidade, ganhando sempre a mais merecida e honrosa fama de poeta e jurisconsulto. Quando se resolveu a tornar á patria, já era um homem feito, pois tinha mais de meio seculo de existencia: contava 58 annos.

Quasi velho pela idade, era todavia moço pelo vigor do talento e pela vivacidade e lucidez do espirito. O amor da terra natal agitava-se fortemente no coração do poeta. Em Portugal, Gregorio de Mattos escreveu muito, mas parece que no Brazil, apezar dos poucos annos que nelle viveu, escreveu ainda mais. Aqui nada lhe escapou, não poupando os desconcertos do seu seculo, nem os desvarios das auctoridades civis e ecclesiasticas da sua terra. Notava elle o desgoverno das conquistas da America Portugueza, e derramava então nos seus escriptos uma torrente de satyras, versando sôbre varios assumptos, umas tractando dos vicios e costumes, outras cheias de personalidades, ora em tom serio, ora repletas de chistes agudos e pouco decorosos; mas o certo é que em todas ellas se observa o mais acrysolado amor da patria:

Querem-me aqui todos mal,
Mas eu quero mal a todos,
Elles e eu por varios modos
Nos pagamos tal por qual:
E querendo eu mal a quantos
Me têm odio tão vehemente,
O meu odio é mais valente;
Pois sou só, e elles são tantos.

O odio de Gregorio de Mattos, a que elle proprio se refere, inspirava-o o mais elevado principio-o amor da patria-que é uma das virtudes que mais ennobrecem o coração do homem. O odio do poeta não abrangia a todos, nem a tudo. Soube respeitar e louvar o merito de muitas pessoas

do seu tempo; e que as suas satyras tinham grande força e energia prova-o o grande padre Antonio Vieira, quando diz que *maior fructo faziam as satyras de Mattos que as suas missões*; o que importa dizer que mais valiam as censuras satyricas de um poeta do que as palavras cheias de unccção e de verdade proferidas do pulpito por um famoso orador sagrado.

Comprehende-se d'aqui que o poeta gozava de importancia na boa sociedade dos seus dias, e que as suas satyras eram bem cabidas, salvo um ou outro excesso ou exaggero que nellas se nota proprio dos poetas e roman-cistas, que têm o direito de engendrar cousas as mais impossiveis, sem todavia se lhes poder exigir contas.

Si Gregorio de Mattos não cantou a natureza brasileira tão bellamente recommendada por seu contemporaneo Botelho de Oliveira; si não descreveu os exquisitos fructos indigenas da sua terra, como o fez mais tarde o nosso épico Sancta Rita Durão; si não quiz chamar ao ridiculo a Companhia de Jesus, como o realizára por interesse proprio Basilio da Gama; retratou os vicios e costumes desregrados da sua patria, entrelaçando-os de ditos agudos e picantes. De genio instavel e buliçoso, pouco tempo lhe sobrava para descantar as scenas portentosas da natureza americana, o seu esplendido e formoso céu, as aguas pittorescas e risonhas da sua bahia. Apezar d'isso, e como já disse, ha poesias suas repassadas do mais puro e delicado lyrismo, e que muito o honram e abonam o seu estro.

Gregorio de Mattos foi em vida um homem popular; como poucos, adquiriu esta honraria, tão desejada de muitos; era conhecido por grandes e pequenos, ricos e pobres, e, apezar das suas satyras mordentes e picantes, e, de, ás vezes, empregar expressões menos decorosas nas suas poesias, não deixava todavia de ser respeitado e admirado de quantos o conheciam. Por occasião da sua morte fizeram-lhe um soneto, do qual infelizmente só se conhecem os dois quartetos, que justificam por demais o que fica allegado. Dizem elles:

Morreste emfim, Gregorio esclarecido,
Que sabendo tirar por varios modos
A fama, a honra, o credito de todos,
Desses mesmos te viste applaudido.

Entendo que outro tal não tem nascido
Entre os romanos, gregos, persas, godos,
Que contigo mereça ter apodos
Nos applausos, que assim has adquirido.

Gregorio de Mattos viveu e viveu longos annos; mas si passou a sua mocidade na grandeza e na abundancia, como elle mesmo confessa no soneto

que dedicou á cidade da Bahia, quando diz:

Triste Bahia! Oh quão dissimilhante
Estás, e estou do nosso antigo estado.
Pobre te vejo a ti, a mim empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mim abundante,

tambem veio a soffrer na velhice, si por ventura elle a teve; porque o seu espirito era sempre o mesmo, dizia sempre as suas graças com a mesma naturalidade e chiste; quer na ventura, quer na desventura, foi sempre o mesmo homem, o mesmo genio, o mesmissimo character. A sua presença quer em Coimbra quer em Lisboa, quer na Bahia, quer em Angola, quer em Pernambuco, que lhe serviu de tumulo, sempre infundiu o mais decidido respeito.

Era um homem reconhecidamente douto e mui versado nas litteraturas italiana e hespanhola, as duas mais em voga no seu tempo. De facto Gregorio de Mattos escreveu poesias em castelhano, algumas das quaes se acharão nos seus logares da presente edição.

Gregorio de Mattos não era um talento commum, nem um simples versejador; foi um genio e soube crear; um d'esses genios raros e extraordinarios, que só apparecem de seculos a seculos, revestidos de todas as galas, e que perduram por todos os tempos, ganhando cada vez mais fama, augmentando cada dia o numero dos seus admiradores e entusiastas.

Gregorio de Mattos foi um genio e genio creador-torno a dizer; e teria talvez feito uma eschola, si as suas obras tivessem sido publicadas pouco depois da sua morte, quando já não existissem as personalidades retratadas.

Mas teve inimigos poderosos e hereditarios, que o obrigaram a andar mendigando o pão pelas casas dos amigos e que só desejavam dar-lhe cabo da existencia! Foi torturado, não pela Inquisição, como Bocage, mas pelos grandes da sua terra; e os seus dois maiores amigos foram os seus dois maiores traidores! O poeta porém não fraqueou, ganhou antes novas forças, e, despedindo-se da sua Bahia quando seguiu para o seu exilio de Angola, começou dizendo:

Adeus praia, adeus cidade,

Sendo que estás tão decahida;
Que nem Deus te quererá.

E concluiu assim:

Terra, que não se parece

Neste mappa universal
Com outra; e ou são ruins todas,
Ou ella sómente é má.

E como Scipião Africano, chegou a dizer: *Ingrata patria! ossa mea non possidebis!*

Accresce ainda que o poeta teve, além dos inimigos hereditarios, inimigos posthumos, que, calando e occultando as suas obras, só ambicionavam tirar-lhe a aureola de poeta, tentando assim apagar-lhe o nome da memoria dos posteros.

Não obstante isso e as expressões e termos pouco decorosos que ás vezes emprega nas suas obras, o seu nome será sempre evocado com respeito e veneração, e jámais ficará esquecido nos annaes da litteratura dos dois paizes que fallam a sua lingua.

A. DO VALLE CABRAL.

VIDA

DO

DR. GREGORIO DE MATTOS GUERRA

PELO LICENCEADO

MANUEL PEREIRA REBELLO

VIDA

DO

DR. GREGORIO DE MATTOS GUERRA

Abreviarei a vida de um poeta pouco cuidadoso de estende-la nos espaços da eternidade, que lhe franqueou as portas, escrevendo costumes do dou-

Salinas da Margarida - Bahia

tor Gregorio de Mattos Guerra, mestre de toda a poesia lyrica por especial decreto da natureza, cujo enthusiastico furor poderá só retratar-se dignamente, porque de fôrma menos viva desconfia a equidade tão excellente materia.

Cousas direi menos decorosas ao sujeito de minha empreza; e por seguir os dictames da verdade historica, quero perder os louros de piedoso advogado contra exemplares famosos, que commentando ou redimindo as obras de benemeritos talentos, affectam justificar-lhe as vidas no resumo d'ellas, de modo que pareça impeccavel aquelle de quem o céu confiou os erarios da sua profluencia. E si a geral opinião reprovar ésta maxima por desabrida, o mesmo sujeito que descrevo me apologisa, cujas doutrinas persuadem sempre a verdade nua.

Nasceu na Bahia de Todos os Sanctos, capital cidade do Estado do Brazil, ao Cruzeiro de S. Francisco, da parte do norte, em casas cuja figurada cornija de medalhas imperiaes ainda hoje as distingue caprichosamente nobres. Os paes que o deram á luz em 7 de abril de 1623 foram Pedro Gonçalves de Mattos, fidalgo da serie dos Escudeiros em Ponte de Lima, natural dos Arcos de Valdevez; e Maria da Guerra, matrona geralmente conhecida de respeito em toda a cidade, cujas prendas intellectuaes amasaram uma trindade capaz de resplandecer no coração da mesma Roma. A 15 do dicto mez recebeu a graça baptismal com o nome de João, na cathedral que depois o venerando prelado d. Pedro da Silva e Sampaio, pela sua occurrencia e milagroso auspicio de S. Gregorio Magno collocado em Nossa Senhora da Ajuda, lhe mudou em Gregorio, mysterioso agouro de que seria Gregorio doutamente grande o tenro afilhado: mas dirigida aquella mudança de algum modo a favorecer a distincção de seus paes.

Eram estes de tal maneira ricos que possuíam com outras fazendas um soberbo cannavial na Patatyba fabricado com perto de cento e trinta escravos de serviço, que repartia a safra por dous engenhos, cujo rendimento suppria largamente os gastos de um liberal tractamento e caridade com os pobres; mas nada d'isto basta para que um poeta sendo grande se escuse de morrer nos braços da maior miseria.

Foi o doutor Gregorio de Mattos o ultimo filho de tres varões que nasceram d'este matrimonio, dotados pela natureza com os maiores thesouros; mas a fortuna sempre opposta aos morgados da natureza veiu a consumir-lhe aquelles nomes, que ambiciosa a fama pedia; e não sem apparencias de virtude, increpando o desalinho e pouca estimação, &, achaques que sempre toma de aniquilar os benemeritos, e desgraça repetidas vezes chorada de sua mãe, que com agudeza natural dizia: «Deu-me Deus tres filhos como tres sovélas sem cabo.» Farei particular menção dos dous

primeiros no segundo tomo, para que o ultimo se não queixe do desaire que a minha penna poderia occasionar-lhe, que é menos honra ser um accidentalmente grande, que o ter vinculada sua grandeza na especie generativa.

Gregorio, que d'este triumvirato sapiente é o nosso particular assumpto, criou-se com a boa estimação que inculcavam os seus haveres e as suas honras. Soube mais que seus brasileiros contemporaneos fatalmente agudados com o temperamento do clima, sendo lastima carecerem de mestres para toda a Faculdade: porque Athenas perdêra de uma vez aquella soberba, com que se reproduz em desprezo do mundo.

Passou a Coimbra, onde não teremos por novidade que aprendesse, ou que admirasse quem tanto de casa levava as potencias dispostas. Direi somente que assombrou na poesia: porque Belchior da Cunha Brochado, depois desembargador da Relação d'este Estado, escreveu a certo cavalleiro da côrte em um periodo succinto o maior elogio do seu entusiasmo: «Anda aqui (dizia elle) um estudante brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e seus tropos parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo.» Não devia de haver-lhe visto as valentias amorosas para enviar outra cedula aos apaixonados de João Baptista Marini pelo postilhão de Italia: mas como o maior d'esta materia se destina a perpetuo silencio pela impunidade dos termos que a modestia portugueza não permite, triumphem os Italianos embora, que lá deve de haver necessidade d'aquillo mesmo que cá se despreza.

Doutorou-se na Faculdade de Leis, e passando á côrte a praticar os termos da judicatura com um dos melhores letrados d'ella, lhe conciliou grandes creditos o caso seguinte:

Defendia este letrado um pleito a certo titular, tão volumoso que o conduziam mariólas quando era preciso. Era a causa civil sôbre a possessão de uns morgados, e expirava contra aquelle cavalheiro, que somente queria empatar-lhe a execução; e nesse empenho nenhuma esperança lhe dava o seu advogado com os melhores da côrte. Mas por animar o affligido pleiteante, resolveu manda-lo ao doutor Gregorio de Mattos, dizendo que só d'aquella viveza confiava o remedio palliativo a Sua Excellencia, dado que o houvesse. Conduzido aquelle volumoso labyrintho para casa do nosso praticante, com os maiores encarecimentos lhe supplicou o fidalgo que puzesse os olhos naquelle instrumento de sua perdição, examinando-lhe os menores incidentes para embargos, cuja extensão dirigia a concertar-se com a parte vencedora por meio de algum respeito.

Era meio dia, foi-se o fidalgo, e não lhe soffrendo descanso o seu alvoroço antes de vespervas, partiu a examinar si se desvelava ou não com os au-

tos o novo letrado; mas achando-o na janella que palitava sôbre o jantar, grandemente affligido rompeu em queixas do pouco cuidado que lhe dava cousa de tanta importancia. «Socegue V Ex. (lhe disse o bom Gregorio), que os autos estão vistos, e nelles o remedio que desejamos muito avantajado. Neste termo de autuação temos embargos de nullidade a todo o processo, porque no anno aqui mencionado antes e depois corria um decreto de Felipe IV que condemnava nullos aquelles processos começados em papel que não tivesse o sello das armas de Castella; e como alcançou o decreto este, de que tractamos, e lhe falta o sello, segue-se que está nullo.» Com esta destreza se trocaram as fortunas dos pleiteantes, e o novato se acreditou por aguia de melhor vista.

É tradição constante que serviu na côrte o logar de Juiz do Crime; e que tambem serviu o de Orphãos se mostra de uma douta sentença sua proferida em 2 de novembro de 1671, que traz Pegas no tomo 7.º das Orden., Liv. I. tit. 87 § 24. Chegou a merecer a attenção do senhor rei d. Pedro II, então principe regente da monarchia, pelo bom e particular conceito que fez da sua grande litteratura e rectissimo proceder, e d'aqui se foi engolphando em merecimentos. Com promessa de logar na Supplicação o mandava sua alteza ao Rio de Janeiro devassar dos crimes de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, mercê que fatalmente rejeitou. Uns dizem que por temer as violencias de tão poderoso quão resolutu réu, quando no firme proposito de observar justiça: outros, que com algum atrevimento indecoroso capitulára com o Soberano a mercê antecipada do serviço, dando a entender que se fiava pouco em promessas ainda que Reaes.

Isto é o que se conta, e sempre o ouvi dizer a pessoas de melhor noticia; mas como se faz merecedor do engano (diz Camões) quem acredita mais o que lhe dizem, que o que vê, affirmarei que o doutor Gregorio de Mattos cahiu da graça do Soberano á persuasão de alguém prejudicado em suas satyras, sem que atrevida ou temerosamente recusasse mercês. Thomaz Pinto Brandão, em um resumo que faz da sua mesma vida, diz que viera ao Brazil na companhia d'elle, que se retirava descontente de lhe negarem aquillo mesmo com que rogavam a outros, e isto por ser poeta e jurista famoso:

Procurei ir-me chegando
A um bacharel mazombo,
Que estava para a Bahia
Despachado, e desgostoso
De lhe não darem aquillo
Com que rogavam a outros,
Pelo crime de poeta,

Sôbre jurista, famoso.

D'aqui infiro que invejas indignas occasionaram que o doutor Gregorio de Mattos se retirasse desgostoso para a patria d'aquellas injustiças, que de ordinario padecem na côrte os benemeritos. E com elle mesmo provarei o que digo, que é auctor sem suspeita, escrevendo umas decimas a d. João de Alencastre:

Mas inda que desterrado
Me tem o fado e a sorte
Por um juiz de má morte, &.

Esta queda do conceito de el-rei devia occasionar-lhe certo semivalido, contra quem indignado soltou o meu poeta os diques á sua musa, mostrando desde Lisboa ao mundo a mais venenosa satyra que podéra excogitar o mesmo Apollo. Sempre que leio este ramalhete de viboras me recordo do miseravel Bupalò, que desesperado de honra se enforcou por haver sido assumpto de outra menos viva talvez do que esta: cujo heroe devia de amar menos a honra, do que a vida. Foi tal esta obra, que o mesmo Soberano a decorou, fazendo glorioso apreço das suas figuradas consonancias.

Despachado e desgostoso, que são termos encontrados, diz Thomaz Pinto que viera para a patria o doutor Gregorio de Mattos: e veiu desgostoso por lhe negar el-rei o adiantamento que merecia, mas despachado, porque sendo provido na dignidade de thesoureiro-mór da Sé da Bahia, d. Gaspar Barata de Mendonça, primeiro arcebispo d'esta, lhe commetteu o cargo de vigario geral, que acceitou, e com estes empregos se embarcou para a patria, desenganado de poder lograr o fructo de suas virtuosas lettras em uma côrte que o reconheceu agudo, para teme-lo ousado. O desembargador Christovão de Burgos de Contreiras, natural da Bahia, que depois o foi na Relação de Lisboa, lhe facilitou a passagem na sua conducta, e em julho de 1681 entrou a exercer de ordens menores aquelles cargos que trouxera, trajando porém o habito secular todo aquelle tempo que lhe ficava livre das obrigações ecclesiasticas: capricho que principiou a arrufa-lo com os governadores do arcebispado: porém os erros do habito eram nelle menores que os de costume naquelles, cuja parcialidade se augmentára por horas em contraposição da luz: e o padecente que conhecia o seu damno com vista clara, queria reparar a inimizade de todos com a sua. Elle o pinta magistralmente nestes versos:

Querem-me aqui todos mal,
Mas eu quero mal a todos,
Elles e eu por varios modos
Nos pagamos tal por qual:

E querendo eu mal a quantos
Me têm odio tão vehemente,
O meu odio é mais valente,
Pois sou só, e elles são tantos.
Algum amigo que tenho,
Si é que tenho algum amigo,
Me aconselha que o que digo
O cale com todo o empenho, &.

Era o doutor Gregorio de Mattos acerrimo inimigo de toda a hypocrisia, virtude que, se podéra, devia moderar, attendendo ao costume dos presentes seculos, em que o mais retirado anacoreta se enfastia da verdade crua. Mas seguindo os dictames da sua natural impertinencia, habitava os extremos da verdade com escandalosa virtude, como si nunca houveram de acabar-se as singelezas da primeira idade; e bem que se communicava com os doudos, d'aquella prodigiosa chuva nunca se resolveu a molhar a cabeça, como admiravelmente o diz na obra em que redargue a doutrina ou maxima de bem viver, que seguem muitos politicos, de involucrer-se na confusão de homens perdidos e nescios, a qual o leitor veja, por me fazer mercê, e d'esta contumacia lhe nasciam os quebradouros d'ella. Nem havia lisonja que desmentisse as durezas d'aquelle engano, o que se prova com esta decima:

A nossa Sé da Bahia,
Com ser um mappa de festas,
É um presepe de bestas,
Si não fôr estrebaria:
Varias bestas cada dia
Vejo que o sino congrega:
Caveira mula gallega,
Deão burrinha bastarda,
Pereira mula de albarda,
Que tudo da Sé carrega.

Pareceu a certo conego que não ia incluído nesta decima, onde o seu nome se não mostrava, e promptamente lhe veio agradecer com palavras humildes; mas o bravo lhe respondeu: «Não, senhor padre, lá vai nas bestas.» É verdade que naquelle tempo eram poucos ou nenhuns os formados que vestiam murça, e tanto que para acceitarem aquelles logares capitulavam conveniencias os benemeritos, pelo contrario do que agora passa.

Com ésta singular opinião passou o doutor Gregorio de Mattos de uma côrte de sabios, que o representavam grande, a uma colonia de presumidos, que o aborreciam critico, experimentando por peor condição d'esta troca desigual o entregar-se nos braços da propria patria, onde o mais pu-

rificado sempre tem o desar de o haverem visto menino. E como aquelle que olhou para o sol, que qualquer sombra depois lhe parece abysmo, a elle, com a vista proxima de Lisboa, se representavam infernos as confusões da Bahia.

O genio satyrico e orgulho intrepido, não ha duvida que de justiça providencial se devia ao desgoverno d'estas conquistas, onde cada um tracta de fazer a sua conveniencia, gema quem gemer, e se notou que de algum modo moderaram os viciosos seus depravados costumes: de que veiu a dizer o grande padre Antonio Vieira que maior fructo faziam as satyras de Mattos, que as missões de Vieira; mas bem podéra deixar de dizer muitas cousas, sem inteira informação, do que ao depois como christão se arrependeu, dizendo ao vigario da Muribeca em Pernambuco, Antonio Gomes Baracho, que lhe doia na alma o que dissera de fr. Basilio.

Com este genio pois e com esta valentia se fez Gregorio de Mattos aborrecido de uns e temido de outros. Estes lhe fingiam amizade, pelo que já sentiam: sendo o primeiro golpe da commum vingança fazerem-lhe despir a murça capitular com desprezo, por sentença do arcebispo d. fr. João da Madre de Deus, successor d'aquelle em cujo tempo a vestira; si não é que elle de motu proprio abandonou o beneficio por se não accommodar ás pensões da sua residencia.

Poucos dias antes pretendeu este prelado com piedosas mostras persuadir ao poeta que tomasse ordens sacras, para conservar-lhe os cargos; mas elle respondeu com inteira resolução que não podia votar a Deus aquillo que era impossivel cumprir pela fragilidade de sua natureza; e que a troco de não mentir a quem devia inteira verdade, perderia todos os thesouros e dignidades do mundo: que o ser mau secular não era tão culpavel e escandaloso, como ser mau sacerdote. E esta resposta esperava sem duvida o arcebispo, conhecida a inteireza de Gregorio de Mattos. Sendo certo que si o quizera conservar nos cargos não eram as ordens condição necessaria, valentia foi sem duvida offender a um homem que para despicar-se não respeitava character, nem potestade, trajando por espada a mesma foice de Saturno amolada nas esquinas da eternidade.

D'esta segunda declinação da fortuna, que com os bens patrimoniaes muito antes havia vacillado, nasceu o precipicio terceiro, que se enca-deam os males, casando com Maria de Povos, viuva honestissima, quanto formosa; mas tão pobre que seu mesmo tio Vicente da Costa Cordeiro, lastimado do seu abatimento, entendeu despersuadi-lo. Mas vendo ser impossivel, fez da sua fazenda um donativo, para que a sobrinha não fosse totalmente destituida. Era o gosto de Gregorio de Mattos, e não se trocava pelos maiores interesses, que nunca o dinheiro foi capaz de lhe apaixonar o animo. Vendeu já necessitado por tres mil cruzados uma sorte de terras,

e recebendo em um sacco aquelle dinheiro, o mandou vasar no canto da casa, d'onde se distribuia para os gastos sem regra, nem vigilancia.

Posto já na obrigação de sustentar encargos de matrimonio, e aberto as portas o escriptorio da vocacia, poucos eram os defendidos, porque a in-teireza do seu animo patrocinava sómente a mesma razão em materias civeis, sendo inimigo voraz d'aquelles advogados, que por junctarem cabedal enredam as partes no labyrintho de incertas opiniões. Si algumas vezes defendeu contra o que entendia, eram as causas crimes, onde a summa justiça se reputa por summa iniquidade. Ninguem se acorda que lhe rejeitassem embargos, e toda a materia d'elles se corporisava em quatro palavras d'aquelle espirito laconico, que sem offender gigantes fórmas conseguia a diminuição plausivel das materias, logrando na curta esphera de qualquer laconismo alma substancial, visivel graça, e intelligencia com-mum, como ninguem. Por exemplo contarei com brevidade alguns casos.

Pleiteava Pedro o cabedal que havia dado com sua filha em dote a Paulo, o qual depois de adornar a defuncta esposa com palma e capella, publicava que havia fallecido intacta. Defendia por parte do auctor o nosso jurista, e provada legalmente razoou o feito com ésta vulgaridade:

Gaita de folles não quiz tanger,
Olhe o diabo o que foi fazer.

Banhou-se em aguas de flor o patrono adverso accusando de ridicularia indecente este razoado na extensa formalidade do seu: mas um e outro Senado confirmando aquella sentença, veio a conhecer o que realmente passava; e foi que o doutor Mattos fallando pouco para merecer o menos, dizia muito para conseguir o mais.

Outro laconismo se nos envolve na historia de um religioso, para cuja in-telligencia já dissemos o grande aborrecimento que tinha a todo o fingido. Venerava os religiosos verdadeiros tanto quanto abominava os que com este sancto titulo apenas merecem o nome de frades. Elle o diz com graça nestes versos:

Se virdes um dom abbade
Sôbre o pulpito cioso,
Não lhe chameis religioso,
Chamae-lhe embora de frade.

Um d'estes frades pois se valeu do doutor Mattos, pedindo embargos para seu sobrinho, sentenciado á morte natural por haver furtado a naveta da sua sacristia. Mas elle absolutamente o desenganou que não estava em hora de o servir. Instava o religioso por saber ao menos a razão da diffi-culdade, e comtudo não poderei eu doirar a pilula da resposta. «É (dizia

elle) que neste instante se foi d'aqui Maria de S. Bento muito agastada, e fez aquella cruz na minha porta em juramento de não entrar mais por ella.» «Ila-hei buscar (tornou o religioso), si nisso está o valer-me V M^{ce}.» E logo foi representar á mulata quanta necessidade tinha de leva-la a quebrar o seu juramento. Caprichosa era ella, mas em tal caso caritativa acompanhou o triste pretendente, e posta já na presença d'esse singular e exquisito genio, ouviu que lhe dizia assim: «Não eras tu, ridicula, quem fez aquella cruz de aqui não tornar? Bem se vê que morrias por esta introducção. Ora vae, que agora te mando eu.» Foi-se a mulata exhalando veneno pelos olhos; e á vista dos autos fez elle a seguinte trova por embargos:

A naveta, de que se trata,
Era de latão, e não de prata.

Á vista dos autos digo, porque o processo nelles estava em termos de lhe valerem, como valeram, ganhando sempre applausos pela attenção com que examinava os menores incidentes.

Com a folhinha do anno livrou a outro condemnado, contra quem as testemunhas com verdade haviam jurado de vista sôbre um furto de noite escura, a peditorio de seu amigo João dos Reis, mordomo então da Misericordia.

Um homem de baixa esphera, que por aquella iniquidade a que no Brazil chamam fortuna, subiu a desconhecer seu amo, comprando a vara de Juiz Ordinario na villa de Igaracú em Pernambuco, fez um auto criminal contra este, por lhe haver chamado por Vós, como antes de o ver Juiz costumava. Defendia o nosso jurista ao réu, e confessando a culpa, mostrou que o não era, começando as razões com este argumento:

Si tractam a Deus por tu,
E chamam a El-Rei por vós,
Como chamaremos nós
Ao Juiz de Igaracú?
Tu e vós e vós e tu.

Estas e outras obras de mais agigantado peso no seu officio canonizaram o doutor Gregorio de Mattos pelo melhor jurista; de sorte que no dia de sua morte disse o Ouvidor de Pernambuco, que lhe não era affeição: «Já morreu quem entendia o direito.» Mas si o dinheiro é inimigo declarado da virtude, mal poderia Gregorio de Mattos adquiri-lo, defendendo o justo, e aconselhando o verdadeiro, arrebatado maiormente pelo furor das Musas, cuja condição totalmente se encontra com os labyrinthos de Bardo e Bartolo. Conta-se que muitas vezes aconteceu entrarem-lhe as partes com dinheiro consideravel, e os amigos com assumptos menos dignos, e

que elle despresava aquellas, por attender a estes, passando lastimosas necessidades.

Era a esposa um pouco impaciente, talvez pelo pouco pão que via em casa, e tal pelo distrahimento de seu marido, cujas desenvolturas claro se patenteam d'estas obras: como veremos pelas rubricas de cada uma, posto que nem a todas se deva dar inteiro credito; e enfadada de uma e outra desesperação sahiu de casa, e entrou pela de seu tio, que depois de a reprehender asperamente, veiu rogar ao poeta com razões de amigo que a fosse buscar, ou consentisse ao menos que elle lh'a trouxesse: e foi-lhe respondido que de nenhum modo admittiria sua mulher em casa sem vir atada em cordas por um capitão do matto, como escrava fugitiva. Assim se fez pelo mais decoroso modo, e elle a recebeu, paga a tomadia do regimento; protestando chamar Gonçalos áquelles filhos que nascessem de tal matrimonio; porque a sua casa se pudesse dizer de Gonçalo, com mulher tão resoluta.

Acossado da pobreza, e sem esperança alguma de remedio em uma terra, onde sómente o tem para triumphar da fortuna quem por estradas de iniquidade caminha, se entregou o poeta a todo o furor da sua Musa, ferindo a uma e outra parte como raio com edificios altos a materia mais debilitada. E não achando a resistencia, que talvez desesperado pretendia (negação fatal em tempos bellicosos), elegeu peregrinar pelas casas dos amigos, e sahiu ao reconcavo povoado de pessoas generosas pela multidão florentissima de engenhos d'assucar, preciosa droga, que perdendo com o valor a estimação, levou comsigo a dos Magnates Brazilienses.

Por este Paraiso de deleites estragava a cithara de Apollo suas harmoniosas consonancias com assumptos menos dignos de tão relevante estrondo. Lascivas mulatas e torpes negras se ufanizaram dos tropos e figuras de tão delicada poesia. Mas que muito, si quando naufraga o baixel quaesquer barbaros galeam a mais preciosa mercadoria! Não quero persuadir que a desesperação lhe occasionou desenvolturas; mas direi que do genio, que já tinha, tirou a mascara para manuzear obscenas e petulantes obras em tanta quantidade, que das que tenho em meu poder tão indignas do prélo, como merecedoras da melhor estimação, se póde constituir um grande volume.

Mas a prodiga diffusão de mal applicados conceituosos dispendios nascia das enchentes prodigiosas d'aquella Musa, que sem esperança de que seus descuidos correriam na futura estimação, barateava versos á conjuncção dos acasos, facilitando linguagem ao genio dos sujeitos. Da mesma sorte que o celebrado pintor Raphael de Urbino, que disfarçado em sua criminosa peregrinação pintava aos oleiros louça, e taboetas de meção aos estalajadeiros, sem prevenir que em sua posteridade seriam

resgatados por alto preço aquelles borrões milagrosos da sua malograda idéa.

Assistia-lhe nestas desenvolvuras com outros do mesmo genero aquelle celebrado trovador de chistes, a quem uma titular lisonja proporcionou Thalia por ama sêcca, que se prezava muito de ministrar-lhe assumptos, apezar dos melhores amigos, que d'estas companhias lhe prognosticavam sempre a fatal ruina.

Governava então d. João de Alencastre, secreto estimador das valentias d'esta Musa, que a toda a diligencia lhe enthesourava as obras desparcidas, fazendo-as copiar por elegantes letras; quando de uma náu de guerra desembarcou o filho de certa personagem da côrte com animo vingativo contra o poeta, por dizer-se que havia satyrisado toda a honra de seu pae: e bem que disfarçava sua maligna intenção, toda a intenção maligna percebeu d. João dos mesmos disfarces d'ella. Era este cavalleiro generosamente compadecido, e excogitando meios de livrar uma vida em que a natureza depositára tão singulares prendas, achou traças de segurar-lhe o perigo nos fingimentos de rigoroso justiceiro.

Ordenou aos officiaes de milicia que saindo fóra da cidade a toda a cautela lhe trouxessem preso o dr. Gregorio de Mattos. Mas não pôde effectuar a diligencia, porque suspeito d'ella o vigario da Madre de Deus, Manuel Rodrigues, homem virtuoso que o hospedava, soube consumir naquella ilha as mesmas presumpções de ser achado. Mas o governador impaciente com ésta tyranna piedade, que lhe frustrava os meios da sua piedosa tyrannia, communicou a intenção ao secretario d'Estado Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, pessoa de bom entendimento, e como tal estimador do poeta, e accordaram que o mesmo secretario fingisse que o chamava para dar-lhe importantes avisos, que não poderiam ser menos de pessoas; e com carta de sua lettra se enviou portador interessado nas melhoras do perseguido.

Conhecida a lettra pelo dr. Gregorio de Mattos, e confiado na muita honra de Gonçalo Ravasco, promptamente veio a fallar-lhe no lugar determinado, que era a casa de Antonio de Moura Rolim, tambem amigo, para que se veja que quando os amigos grandes se junctam empenhados a favorecer um desditado poeta, será para o prenderem e desterrarem por modo de fineza. Sempre tenho que d'estas tres amizades, a primeira arrastou com sagacidade as duas por temer em seu govêrno os atrevidos córtes d'esta penna.

Alli pois o prenderam sem poder dar um desafôgo ao discursivo; e mettido na casa que chamam Leoneira, na mesma portada de Palacio, mandou que alli não deixassem chegar pessoa de qualidade nenhuma: e por mãos de

um confidente criado lhe remettia para sustentar-se os manjares de sua meza particular: e d'esta particular prisão o trasladaram depois á cadêa, mal seguros de seu perigo.

Trabalhou o infeliz Gregorio por justificar-se, lisongeando a um tempo aquelle magistrado, cujas entranhas dominava pias; mas d. João o enganou, intimando-lhe que por sua conhecida culpa e necessario remedio havia de embarcar-se para Angola em uma nau, que promptamente carregava a tropa de cavallos de El-Rei para Benguella. Era o dr. Gregorio de Mattos consummado solfista, e modulando as melhores lettras d'aquelle tempo, em que a solfa portugueza se avantajava a todas as de Europa, tangia graciosamente. A proposito do que me pareceu escrever aqui esta decima, que por isso lhe fez Gonçalo Soares da Franca, nobre engenho da Bahia:

Com tanto primor cantais,
Com tanta graça tangeis,
Que as potencias suspendeis,
E os sentidos elevais:
De ambas sortes admirais
Suspendido o bravo Eolo,
Mas eu vos digo sem dolo,
Que de mui pouco se admira
Pois tocais de Orpheu a lyra,
E a pluma tendes de Apollo.

Com estas prendas fazia apreço particular de uma viola, que por suas curiosas mãos fizera de cabaço, frequentado divertimento de seus trabalhos, e nunca sem ella foi visto nas funcções a que seus amigos o convidavam, recreando-se muito com a brandura suave de suas vozes. Por esta viola, que havia deixado na Madre de Deus, fazia extremos taes, receiando que sem ella o embarcassem, que o vigario Manuel Rodrigues, a quem feriam na alma suas desgraças, promptamente lh'a mandou com um liberal donativo para as cordas d'ella.

D. João, chegada a hora de embarcar, o mandou vir á sua presença, e tractando-o com humanidade de principe lhe pediu que evitasse as occasiões de sua perdição ultima; porque era lastima que uma pessoa, a quem o céu enriquecêra de talento para melhor fama, comprasse o seu discredito com o discredito irremediavel de tantos. Decorosamente o fez embarcar, não se olvidando de recommenda-lo ao governador de Angola Pedro Jacques de Magalhães, a quem com a causa d'aquelle degredo insinuava os perigos que em qualquer parte corria sua pessoa.

Chovendo maldições e praguejando satyras peregrinou os mares aquelle

que por instantes naufragava nas tempestades da terra. Dizia elle que com razão sobrada podia articular o *non possidebis ossa mea* de Scipião; e fallou com rigoroso acêrto: porque se houveram patrias no mundo que desterraram seus benemeritos filhos, não consistiu talvez essa desgraça tanto na malicia d'ellas, como no destino d'estes. Porém a Bahia dos muitos habitos de desprezar seus naturaes fez natureza para aborrece-los e persegui-los. A melhor pintura d'esta verdade se póde ver nas vozes que sôbre ella declama o mesmo poeta, onde sem hyperbole de Musas resplandece a propriedade tal, que eu com ser estrangeiro acreditava a poesia com o juramento dos Sanctos Evangelhos.

As personagens de quem o poeta justamente se queixa em suas satyras são comparadas a uma herva natural de Guiné, chamada aquelle terreno Nhesiquè, e transplantada neste com o nome de Melão de S. Caetano, por virem as primeiras a um sitio d'este nome; a qual de sorte se apoderou do Brazil em toda parte, que não ha lugar sem ella, nem planta que prevaleça com sua inutil visinhança. As casas de religião enriquecidas e illustradas pelos curiosos e liberaes mazombos, e sempre nellas laborando petulantes opposições a parcialidade dos Reinóes admittidos alli por com miseraçãõ. Ingratos hospedes! Mas si algum tivesse desejos de padecer martyrio, fallar nesta materia queixoso causaria ao menos um degreço similhante ao do doutor Gregorio de Mattos.

Não poderá negar-me a razão, que choro, quem sabe que no anno de 1740 mandou o provincial de S. Francisco conduzir do Porto uma chusma de pobretões, em desprezo dos pacientissimos naturaes da terra, para adorno da sua religião, e nunca o demonio acertou com esta destreza para combater o animo de Job. Chegam finalmente a aborrecer os mesmos filhos sem maior causa que haverem nascido no Brazil, onde receberam cabedal, e inundando por toda a parte em que os brazileiros os honram e estimam, em nenhuma d'ellas querem soffrer que haja honra nem estimaçãõ nos brazileiros.

Fazendo porém verdadeira distincção nos nossos naturaes que são comprehendidos nesta miseria, culparei sómente os das fecundissimas provincias da Beira e Minho (salvando os nobres), e é de reparar que sendo estes os que com maior necessidade se lançam a buscar dinheiro, são estes mesmos aquelles cuja suberba é tão formidavel a quem os remedeia. Vejamos ésta queixa allegorisada pela nossa aguia sôbre o gato de um meirinho:

Não posso comer ratinhos,
Porque cuido, e não me engano,
Que de meu amo são todos
Ou parentes, ou paisanos:

Porque os ratinhos do Douro
São grandíssimos velhacos;
Em Portugal são ratinhos,
E cá no Brazil são gatos.

Mas deixando esta materia por irremediavel, e não por temer as unhas d'estes gatos, irei seguindo o meu infeliz poeta em sua fatal navegação.

Chegado ao reino de Angola, miseravel paradeiro de infelizes, a quem com a propriedade costumada chamou armazem de pena e dor, e exercendo na cidade de Loanda o officio de advogado, aconteceu que amotinada a infantaria da guarnição d'aquella praça, e posta em armas fóra da cidade, entrou uma chusma de soldados pela casa de Gregorio de Mattos, forçando-o a que os fosse aconselhar sôbre as capitulações que tinham com o governador seu general; e posto com effeito entre os amotinados no campo, clamou que o levassem á casa para trazer certa cousa que lhe esquecêra, sem a qual não podia obrar á medida de suas satisfações. Entenderam os soldados que seria livro de direito, e não duvidaram de romper segunda vez o perigo de entrar na praça; mas aquelle que imaginavam instrumento de solido conselho, outra cousa não era mais que a sonora cabaça do poeta; do que se infere o como chasqueou este Democrito das alterações da fortuna.

Muito pago ficou o governador d'esta galantaria geralmente celebrada. Serviu-se d'elle para adjuncto na condemnação dos cabeças d'aquelle motim, que foram arcabuzados pelos ouvidos; e desempenhando a recomendação de d. João de Alencastre deu-lhe liberdade para embarcar-se a Pernambuco. Posto naquella capitania, governada então por Caetano de Mello de Castro, com o semblante perturbado pela indecencia do habito demandou a presença d'este fidalgo, que lastimando de ver o miseravel estado a que chegára um homem tão mimoso da natureza, lhe fez donativo de uma bolsa bem provida, e com palavras um pouco severas lhe mandou que naquella capitania cuidasse muito em cortar os bicos á penna, si o quizesse ter por amigo. Não sei si era zelo publico, si particular temor. Gregorio de Mattos o prometteu fazer assim, e em algumas occasiões mostrou quão violentado estava com aquelle preceito: seja uma d'ellas o caso que refiro.

Picadas de ciumes se encontraram duas mulatas meretrizes juncto á porta do poeta, e renovando suas paixões de uma e outra parte se descompunham em vozes petulantes. Passaram de lingua a braços, e atracadas tenazmente cahiram por terra em ridicula visão, a tempo que avisado da grita sahiu a vê-las o poeta, e dando naquelle espectaculo deshonesto começou a gritar: *ai que de El-Rei contra o senhor Caetano de Mello!* Perguntaram-lhe os circumstantes que queixa tinha do governador: «Que

maior queixa (respondeu) que a de prohibir-me fazer versos quando se me offerecem similhantes assumptos?» Notavel argumento do respeito d'este fidalgo, si Gregorio de Mattos não tomára depois algumas licenças de satyrisar.

Os nobres de Pernambuco contendiam ambiciosas demonstrações de urbanidade com elle, venerando em sua pessoa prendas de que já os havia a fama informado por escriptos. De uma em outra fazenda passava Gregorio de Mattos uma regalada vida, e sem offender a nobreza d'este paiz, me persuado a crer que o adoravam á maneira que os antigos idolatras com politica religião faziam sacrificios ao gorgulho para não destruir-lhe as sementeiras, e á peste para perdoar-lhe as vidas. Mas sempre é digno de louvor quem sabe lisongear o damno porque o teme. Na Bahia perdeu muitos amigos pelo meio de os ganhar; e em Pernambuco os ganhava pelo meio de perde-los. Referirei dous casos, que sirvam de exemplo a este ultimo reparo.

Certa pessoa muito principal em Pernambuco, de quem o poeta era hospede, ouvia d'elle os encarecimentos com que relatava a desgraça em que nascêra, e sua desterrada peregrinação com todos os acontecimentos tristes, e como attribuia seus infortunios á rigorosa força de estrella; e mal persuadido d'esta rhetorica triste lhe respondeu atalhando nesta fórma: «Sñr. doutor, nós mesmos somos os auctores da nossa fortuna, e cada um colhe o que semêa.»—«Não ha duvida (respondeu o poeta), mas é desgraçado aquelle contra quem se conjurou a malicia, que das mesmas virtudes lhe fazem dilictos: verbi gratia, alli vem aquelle boi (e mostrou um da fazenda do mesmo sujeito); elle tem um só corno, como estamos vendo, mas si eu lhe chamar boi de um corno, Deus me livre da indignação de seu dono.» E sendo esta materia por toque ou remoque muito melindrosa em Pernambuco, disfarçou este homem o proposito, sendo certo que foi o maior amigo que teve naquella terra o doutor Gregorio de Mattos.

O vigario da Muribeca Antonio Gomes Baracho, atravessado com o seu coadjutor, não lhe podia soffrer as presumpções de solfista. Ordenou ao seu trombeta que tocasse desesperadamente em ouvindo cantar como sempre o coadjutor. Mas este que percebeu a burla, tambem se armou de um caracol marinho, com que apupava a trombeta de seu inimigo. O vigario, a quem o grande odio descompunha o entendimento, se foi querelar do caso perante o vigario geral, com quem privava. Recebida a queréla, e seguro o coadjutor, chegou o caso á noticia de Gregorio de Mattos, e posto a caminho sobre a besta de um farinheiro entrou com seis leguas de jornada por casa do criminoso, a quem pediu procuração para defender-lhe a causa, asseverando que o não trouxera alli outro algum negocio, e que de graça o queria servir. Ia o padre a agradecer-lhe tanta fineza, mas o dou-

tor lhe atalhou, dizendo: «Não, sñr. padre, não m'ó agradeça, que o meu interesse é saber d'este juiz qual é a lei que condemna a quem toca um buzio.» Avisado o vigario do excesso que fizera aquelle homem, a quem conhecia douto e respeitava poeta, logo o foi buscar á casa do mesmo co-adjutor, concedendo a este pazes, e ficando em particular amizade com elle.

Honravam-no todos seriamente; mas arrebatado de seu fresco e esparcido genio fugia dos homens circumspectos, e se inclinava (como na Bahia) a musicos e folgazões. E sendo naturalmente aceiado e gentil, descompunha a sua auctoridade vivendo entre estes ao philosopho: de sorte que invejava aos barbaros gentios do Brazil a liberdade de andarem nus pelo arvoredos, lastimando-se d'aquellas pensões a que nos obriga a policia. Como outros costumam adornar seus escriptorios de odoriferos pomos, que regalam a vista e olfacto, adornava elle o seu de bananas que chamam do Maranhão, que mais servem ao sustento que ao gosto: e isto em demasiada quantidade, que provocando riso a quem as via, dava em razão: *- adornemo-nos de proveito, que em quanto as tenho, riu-me da fome.*

Uma rigorosa febre lhe attenuou os dias, de sorte que desenganados os piedosos pernambucanos de remir-lhe a vida, chamaram o vigario do Corpo Sancto Francisco da Fonseca Rego, pessoa que suppunham de mais auctoridade, para que o dispuzesse a morrer como catholico. Mas como este parochos era na opinião do poeta mal recebido, sem poder disfarçar nesta hora o genio livre, soltou algumas palavras, que puzeram as chimeras do vulgo em suspeitas, de que nasceu um rumor menos decoroso á sua consciencia; o qual chegando aos ouvidos do illustrissimo prelado d. fr. Francisco de Lima, logo desde uma legua de caminho se arrojou como bom pastor a tomar em seus hombros a ovelha que suppunha desgarrada; e não foi assim, porque não só o achou disposto a morrer como verdadeiro christão, mas em signal de que lhe servira o entendimento no maior conflicto, viu em uma folha de papel escripto com caracteres tremulos o grande soneto que offerecemos:

Pequei, senhor: mas não, porque hei peccado,
Da vossa alta piedade me despido:
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.
Si basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
Vos tem para o perdão lisongeados.
Si uma ovelha perdida, já cobrada,
Gloria tal e prazer tão repentinos

Vos deu, como affirmais na Sacra Historia:

Eu sou, senhor, ovelha desgarrada;
Cobrae-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa gloria.

Assistiu-lhe o piedoso bispo até o ultimo valle, e logo seu corpo foi levado por homens principaes ao Hospicio de Nossa Senhora da Penha dos Capuchinhos Francezes, o dia em que chegavam as novas da restauração do famoso Palmar a Pernambuco, que havia de ser o sexto da victoria, pois tanto gasta um caminheiro apressado de um logar a outro. Mas é em vão busca-lo em Pitta, auctor moderno que d'isto tracta como si não tractára. E mais me escandalisa que passasse em sua mesma patria por um poeta de tal nome seu contemporaneo, com quem devia gastar parte d'aquelles elogios. Morreu finalmente no anno de 1696 com idade de setenta e tres annos.

Este é o mais abreviado resumo que posso dar da vida do meu suspirado, quão dilectissimo poeta lyrico; e oxalá podéra eu publicar os prodigiosos fundamentos do meu amor, derramando entre as gentes o manancial thesouro de suas graças! Singular foi a estrella que dominou em seu engenho; porque a toda a circumferencia das luzes apolineas brilhou com egualdade senhoril; e não menos prodigioso aquelle não sei que de sua guarda, porque offendendo ás claras muitas pessoas, de quem o menor movimento seria sem duvida uma tyranna morte, sempre se atreveu, e nunca de seu motu proprio cautelou perigos; morrendo intacto de tão prolongados mezes.

Muitos eram os feridos do seu ferro que consultaram o remedio no mesmo instrumento da chaga, beijando a Achilles a lança que os traspassára. Raro testemunho d'esta fatalidade foi a resposta que deu a um queixoso certo governador severamente resolutivo: «Não faça V. M^{ce}. caso (disse), porque isso tambem passa por mim, sem que por mim passe a minima tenção de o castigar.»

Testemunho d'esta fatalidade são as duas quartas de um soneto, que se fez em sua morte; o qual não escrevo por inteiro em razão de que si os seus principios professam a verdade pura, os fins todavia contém temeraria petulancia:

Morreste emfim, Gregorio esclarecido,
Que sabendo tirar por varios modos
A fama, a honra, o credito de todos,
D'esses mesmos te viste applaudido.

Entendo que outro tal não tem nascido

Entre os Romanos, Gregos, Persas, Godos,
 Que contigo mereça ter apodos
 Nos applausos, que assim has adquirido.

Muitas vezes quiz elle refrear o genio, que conhecia prejudicialmente pecaminoso, fazendo os actos de christão que em seu logar veremos, mas debalde o intentava, porque o seu furor intrepido imperava dominante na massa sanguinaria contra os desacertos d'aquella edade, castigados por Deus com tão horrorosa peste e tão repetidas fomes: como tambem veremos pelo decurso d'estas obras. E não é de admirar que disparadas do throno da divina justiça aquellas duas lanças de sua via, seguisse a terceira com tão exquisito genero de guerra em um homem, que de sua mãe unicamente tomou este appellido entre outros partos: ella o deu appellidando-se-da Guerra-, e elle o foi sem aquella proposição *da*, por ser a mesma guerra, e não o instrumento d'ella. Isto parece que prophetizou corto inimigo seu, respondendo-lhe a uma satyra com outra na seguinte fórma:

Porém si em nada és guerreiro,
 Para que te chamas guerra,
 E a fazes a toda a terra
 Com a lingua, que é mor damno, &.

Deixou o dr. Gregorio de Mattos um filho de sua mulher Maria de Povos, chamado Gonçalo de Mattos, cujo amor publica em várias obras este livro, que em seus logares se verão sem enfadosas citas.

o quente da cama
 Com Gonçalo, e com sua ama,
 Dizendo estava comei-me, &.
 Por vida do meu Gonçalo,
 Custodia formosa e linda, &.
 Madrasta do Gonçalinho,
 Que é lindo enteadado a fé, &.
 Sim, por vida de Gonçalo, &.
 Mas por vida de Gonçalo, &.

D'este moço, que com sua mãe ficou em summa pobreza e desamparo, correm noticias muito geraes que totalmente degenerára d'aquella massa scientifica de seus estupendos progenitores. Bem pudera eu duvida-lo em uma terra, onde sempre se hão de tomar os echos da fama pelo contrario; pois nunca vi nella abonar um sujeito que não mereça ser desterrado por máu, nem vituperar outro que ao contrario desmereça elogios de bom.

Mas para cumprir com os relativos d'esta historia consultei dous sujeitos que se criaram com Gonçalo de Mattos, ambos de instincto capaz para

uma informação, e entre elles achei a contradicção, que póde servir de exemplo a quem se informa: um affirma com juramento que era poeta natural, o outro jurando nega que tal fosse, dizendo que elle nem o Padre Nosso era capaz de repetir. A este seguem muitos, e nenhum áquelle: mas o primeiro chamado Christovão Rodrigues diz que em sua adolescencia lhe dera o seguinte mote:

Com que, porque, para que.

Defendia-se o Gonçalo temeroso de uma maldicção condicional de sua mãe, em respeito da qual não queria pegar na penna para fazer versos, posto que no animo lhe pulsavam as Musas (tal foi o escarmento que deixaram ellas naquelles cadaveres da paciencia lastimosa). Mas como a condição do preceito tinha sua clausula, em que fundar-se uma heresia graciosa, respondeu importunado: «Pegae vós na penna, porque a maldicção de minha mãe parece que não me prohibe fazer versos, mas sim pegar na penna para elles.»

Repetiu-me então esta decima, que tanto ella como a resposta, si são verdadeiras, vem a ser uns relampagos da esphera do fogo:

GLOSA.

Disse Clori que me amava
Para o intento que tem,
O qual não disse a ninguem,
Nem o porque declarava:
Eu então lhe perguntava
Com que genero de fé!
Suspensa a dama se vê;
Como nada respondeu,
Não pude saber o seu
Com que, porque, para que.

Persuado a crer o caso pelas suas circumstancias, e muito mais quando vejo aqui umas reliquias mais separadas d'aquelle humor, ou ramas menos fortes do enxerto do doutor Pedro de Mattos seu tio, onde não ha resposta sem equivoco sem substancia do genero mais nobre.

Foi o doutor Gregorio de Mattos de boa estatura, secco do corpo, membros delicados, poucos cabellos e crespos, testa espaçosa, sobrançelhas arqueadas, olhos garços, nariz aguilenho, bocca pequena e engraçada, barba sem demasia, e no tracto cortezão. Trajava commumente seu collete de pelles de ambar, volta de fina renda, e era finalmente um composto de perfeições como poeta portuguez, que são Esopos os de outras nações. Tinha phantasia natural no passeio, e quando algumas vezes por

recreação sulcava os quietos mares da Bahia a remo compassado, com tão bizarra confiança interpunha os olhos, examinando as janellas da sua cidade, que muitos curiosos iam de proposito a vê-lo.

Fiz tirar d'elle a presente cópia, por um antigo pintor, que foi seu familiar, e conferindo-a com as memorias que d'elle têm algumas pessoas antigas, tenho-a por mui conforme a seu original. Naquelle tempo era pouco versado o uso das cabelleiras, e elle a trajava: mas pareceu-me copia-lo sem ella, porque os homens de talento devem patentear-nos as officinas capi-taes que o produzem para informação dos judiciosos.

SATYRICAS

OBRAS POETICAS

DE

GREGORIO DE MATTOS GUERRA

AOS VICIOS

TERCETOS

Eu sou aquelle que os passados annos
Cantei na minha lyra maldizente
Torpezas do Brazil, vicios e enganos.

E bem que os descantei bastantemente,
Canto segunda vez na mesma lyra
O mesmo assumpto em plectro differente.

Já sinto que me inflamma e que me inspira
Thalia, que anjo é da minha guarda
Des' que Apollo mandou que me assistira.

Arda Bayona, e todo o mundo arda,
Que a quem de profissão falta á verdade
Nunca a dominga das verdades tarda.

Nenhum tempo exceptua a christandade
Ao pobre pegureiro do Parnaso
Para fallar em sua liberdade.

A narração ha de egualar ao caso,
E si talvez ao caso não eguala,
Não tenho por poeta o que é Pegaso.

De que pôde servir calar quem cala?
Nunca se ha de fallar o que se sente?!
Sempre se ha de sentir o que se falla.

Qual homem pôde haver tão paciente,
Que, vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire e não lamente?

Isto faz a discreta phantasia:
Discorre em um e outro desconcerto,
Condemna o roubo, increpa a hypocrisia.

O nescio, o ignorante, o inexperto,
Que não elege o bom, nem mau reprova,
Por tudo passa deslumbrado e incerto.

E quando vê talvez na doce trova
Louvado o bem, e o mal vituperado,
A tudo faz focinho, e nada approva.

Diz logo prudentaço e repousado:
--Fulano é um satyrico, é um louco,
De lingua má, de coração damnado.

Nescio, si d'isso entendes nada ou pouco,
Como mofas com riso e algazarras
Musas, que estimo ter, quando as invoco.

Si souberas fallar, tambem falláras,
Tambem satyrisáras, si souberas,
E si fôras poeta, poetisáras.

A ignorancia dos homens d'estas eras
Sizudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canoniza bestas feras.

Ha bons, por não poder ser insolentes,
Outros ha comedidos de medrosos,

Não mordem outros não--por não ter dentes.

Quantos ha que os telhados têm vidrosos,
E deixam de atirar sua pedrada,
De sua mesma telha receiosos?

Uma só natureza nos foi dada;
Não creou Deus os naturaes diversos;
Um só Adão creou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos perversos,
Só nos distingue o vicio e a virtude,
De que uns são comensaes, outros adversos.

Quem maior a tiver, do que eu ter pude,
Esse só me censure, esse me note,
Calem-se os mais, chiton, e haja saude.

BENZE-SE

O P. DE VARIAS ACCÇÕES QUE OBSERVAVA NA SUA PATRIA

D'estes que campam no mundo
Sem ter engenho profundo,
E, entre gabos dos amigos,
Os vemos em papafigos
Sem tempestade, nem vento:
 Anjo bento!

De quem com lettras secretas
Tudo o que alcança é por tretas,
Baculejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã té à tarde:
 Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Muito presado de amante,
Por fóra luvas, galões,
Insignias, armas, bastões.
Por dentro pão bolorento:
 Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,

Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,
Sendo nas caras uns Janos,
Que fazem do vicio alarde:
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar
Quem mal sabe engatinhar,
Muito inteiro e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento:
Anjo bento!

D'estes avaros mofinos,
Que põem na meza pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que queima e arde:
Deus me guarde!

Que pregue um douto sermão
Um alarve, um asneirão;
E que esgrima em demasia
Quem nunca lá na Sophia[1]
Soube pôr um argumento:
Anjo bento!

[1] Rua principal de Coimbra: allusão á Universidade.

D'esse sancto emmascarado,
Que falla do meu peccado,
E se tem por Sancto Antonio,
Mas em luctas com o demonio
Se mostra sempre cobarde:
Deus me guarde!

Que atropellando a justiça,
Só com virtude postiga,
Se premeie o delinquente,
Castigando o innocente
Por um leve pensamento:
Anjo bento!

REPROVAÇÕES

Si sois homem valoroso,
Dizem que sois temerario,
Si valente--espadanchim,
E atrevido si esforçado.

Si resoluto--arrogante,
Si pacifico, sois fraco,
Si precatado--medroso,
E si o não sois--confiado.

Si usaes justiça, um Herodes,
Si favoravel, sois brando,
Si condemnaes, sois injusto,
Si absolveis, estaes peitado.

Si vos dão, sois um covarde,
E si daes sois deshumano,
Si vos rendeis, sois traidor,
Si rendeis--afortunado.

Si sois plebeu, sois humilde,
Soberbo, si sois fidalgo,
Si sois segundo sois pobre,
E tolo si sois morgado.

Si galeaes, sois fachada,
E si não--não sois bizarro,
Si vestis bem, sois gram moda,
Si mal vestis sois um trapo.

Si comeis muito, guloso,
E faminto, si sois parco,
Si comeis bem, regalão,
E si mal, nunca sois farto.

Si não soffreis, imprudente,
Si soffreis sois um coitado,
Si perdoaes, sois bom homem,
E si não sois--um tyranno.

Si brioso, tendes fumos,
E si não, sois homem baixo,
Si sois serio, descortez,
Si cortez, afidalgado.

Si defendeis, sois amigo,
Si o não fazeis sois contrario,
Si sois amigo, suspeito,
Si o não sois--affeigado.

Si obraes mal, sois ignorante,

Si bem obraes, foi acaso,
Si não servis, sois isento,
E si servis, sois criado.
Si virtuoso, fingido,
E hypocrita si beato,
Si zeloso, impertinente,
E si não, sois um patrano.
Si sois sisudo, intractavel,
Si sois devoto, sois falso,
Pertinaz, si deffendente,
Si arguinte, porfiado.
Si discreto, prevenido,
E si não, sois insensato,
Si sois modesto, sois simples,
E si o não sois, sois um diabo.
Si sois gracioso, sois fatuo,
E si não sois, um marmanjo,
Si sois agudo tresledes,
E si o não sois, sois um asno.
Si não compondes, sois nescio,
Si escreveis, sois censurado,
Si fazeis versos sois louco,
E si o não fazeis, sois parvo.
Si previsto, feiticeiro,
E si não, desmazelado,
Si verdadeiro, bom homem,
Muito humilde, si sois lhano.
Si robusto, sois grosseiro,
Si delicado, sois brando,
Si descansado, ocioso,
Si para pouco, sois tranco.
Si sois gordo, sois balôfo,
Sois phthisico, si sois magro,
Si pequeno, sois anão,
E gigante, si sois alto.
Si sois nobre, sois pelão,
E si official, sois baixo,
Si solteiro--extravagante,
Si noivo sois namorado.
Si corado, figadal,
Descorado, si sois alvo,
Si grande nariz--judeu,
Si trigueiro, sois mulato.

Si liberal sois perdido,
E si o não sois, sois escasso,
Si sois prodigo, vicioso,
E avarento, si poupado.
Si não despendeis--mesquinho,
Si despendeis, sois mui largo,
Si não gastaes--miseravel,
Si gastaes--esperdiçado.
Si honesto sois, não sois homem,
... si sois casto,
Si não namoraes,
Si o fazeis, sois estragado.
Si não luzis, não sois gente,
Si luzis, sois mui presado,
Si pedis, sois pobretão,
E si não, fazeis Calvarios.
Si andaes devagar--mimoso,
Si depressa sois cavallo,
Mal encarado, si feio,
Si gentil--affeminado.
Si fallaes muito, palreiro,
Si fallaes pouco, sois tardo,
Si em pé, não tendes assento,
Preguiçoso, si assentado.
E assim não póde viver
Neste Brazil infestado,
Segundo o que vos refiro
Quem não seja reprovado.

VERDADES

Ouve, ó amigo João,
Esta verdade que canto,
Si a verdade causa espanto
Esta causa admiração:
É certo, sem remissão,
E contra isto não ha nada,
Que a outra verdade usada
Com rebuços, mais enganos,
É verdade de maganos,
Mas esta é de gente honrada.

Domingos e dias sanctos
Nos manda a igreja guardar,

Nos mais dias trabalhar:
As mulheres trazem mantos:
Os doutos estão nos cantos,
Os ignorantes na praça,
Os cachorros vão á caça,
Os gatos furtam as ceias,
Os barbeiros rasgam veias
E as padeiras fazem massa.

Os homens fazem a guerra,
E as mulheres fazem renda,
Os tolos não têm emenda,
Os capos cavam a terra:
O bezerro sem mãe berra
Batem bandeiras alferes,
Os pobres buscam haveres,
Os peixes nadam no mar,
As purgas fazem purgar,
E os franciscanos colhéres.

Os cavallos comem herva,
Os despidos andam nús,
Come o Gentio cajús,
Os Tapuyas são caterva:
Não dorme de noite a cerva,
Os macacos fazem momos,
Os escripturarios tomos,
Os namorados passeiam,
As fragonas zombeteiam,
E as limas todas têm gomos.

Todos os ferrões têm ponta,
A agua do mar é salgada,
O hóspede logo enfada,
Todo o algarismo é conta:
A nau sem vela não monta,
O badalo dá no sino,
Chorar muito é desatino,
Muito comer enche a pança,
Bum-bum é agua em criança
E ter em pé, _pino-pino_.

Os caranguejos têm pernas,

Tocado o tambor faz bulha,
O _arrelá_ desempulha,
O navio tem cavernas;
O fogo accende as lucernas
Os ... fedem á ..,
Quem degenera não herda,
O carvão todo é de lenha,
É só de lã a estamenha,
E a cabelleira tem cerda.

As hervas são todas folhas,
As laranjeiras dão fructas,
Mulheres damas são,
Uma talha são dez polhas:
As botijas levam rolhas,
Toda a neve é branca e fria,
A irmãa de mãe é tia,
É o bronze todo duro,
Onde não ha luz, é escuro,
Quando não é noite é dia.

O sol e o fogo são quentes,
A chuva aonde cae molha,
Quem não tem vista não olha,
Ossos na boca são dentes:
É affronta dizer--mentes!
É ave grande a gallinha,
O cabelo cae com tinha,
Quem é rouco tem catarrho,
Carregado canta o carro,
Mulher de rei é rainha.

Não ha barba sem cabelo,
A arêa toda é de grãos,
Toca-se a harpa com as mãos,
É animal o camello:
Nenhuma calva tem pello,
Os ovos saem pelo ..
É marisco o sururú,
Todo o feijão é legume,
Coze-se o comer ao lume,
É abobora o gerumú.

Todo o unguento é mézinha
Não tem banha o bacalhau,
Papas ralas é mingau,
Trigo moido é farinha:
Couza alheia não é minha,
Não ha escada sem degraus,
Os picaros são maraus,
Tem aduellas a pipa,
Umbigo é ponto de tripa,
Sempre é loio o rei de paus.

Primeiro foi frango o gallo,
Palangana é prato fundo,
É redondo todo o mundo,
As luvas não fazem callo:
Tem quatro pés o cavallo,
Nunca mija o papagaio,
O chouriço grande é paio,
Não sabe ler a guariba,
Quem tem carcunda tem giba,
Antes de junho está maio.

Todo o chapéu é sombreiro,
As arvores são de pau,
Tudo o que não presta é mau,
E faz a barba o barbeiro:
O.. detraz é trazeiro,
É nervo a penna de pato,
Filho de parda, é mulato,
Mulheres todas são femeas,
Duas em um ventre são gêmeas,
No pé se calça o sapato.

Toda a cousa negra é preta,
Papel é de trapos velhos,
Olhos do. são besbelhos,
Bordão de velho é moleta:
O mascarado é careta,
Tabaco é fumo pizado,
Peixe de moquem é assado,
O pirão duro é taipeiro,
Mareta em mar é carneiro,
Rapadura é mel coalhado.

Quem não tem juízo é tolo,
Quem morre fica sem vida,
Perna delgada é comprida,
Reposto de jogo é bôlo:
Negro ladino é creoulo,
Sebo de vacca é gordura,
Fígado e bofes forçura,
Manteiga é nata de leite,
É oleo todo o azeite,
E todo o vigario é cura.

Sem a lingua não se falla,
Quem não come morre á fome,
A empinge toda come,
O surrão de couro é mala:
Palalá é... rala,
O tatú tem casca dura,
O salgado faz segura,
Arroz sem casca é pilado,
As sôpas são pão molhado,
O ferrolho é fechadura.

Os bancos servem de assento,
Leicenço tem carnegão,
Homem de villa é villão,
As pennas voam com vento:
O adro da igreja é bento,
A camisa é roupa branca,
Pau que fecha a porta é tranca,
Tem ventas todo o nariz,
Toda a batata é raiz,
A cara feia é carranca.

A farinha do Brazil
Primeiro foi mandioca,
Milho estalado é pipoca,
O gato todo é subtil:
Tres barris e um barril
Enchem todos uma pipa,
Não se faz casa sem ripa,
Ou vara com seu sipó,
Quem não tem ninguem é só,

Todo o bom cavallo esquipa.

Sempre é boa a espada nova,
Mas a velha é saramago,
Homem que gagueja é gago,
Toda a banana é pacova:
Quem morreu vai para a cova,
Olho do .. é mataco:
Água de flor do sovaco
Deu sempre vida a um morto,
O que tem um olho é torto,
Guariba não é macaco.

Solimão e rozalgar
Matam, porque são veneno,
Grande doutor foi Galeno,
O fazer curso é purgar:
Fallar por solfa é cantar,
Na botica ha trementina,
Criança femea é menina,
.....
Mascarado é papa-angú,
Oleo de pinha é resina.

Tabaco pobre é macaya.
Ave sem penna é morcego,
Toda a agua do Mondego
Desemboca pela praia:
Quem é mulher veste saia,
Os homens vestem calções,
Têm os negros seus bordões,
E cinco palmos a vara,
Tantas arrobas de tara
Tem cada um dos caixões.

Aguardente é geribita,
...dura é,
A é pismam
E todo o listão é fita:
A colera logo irrita,
Ganhamú é caranguejo,
Não é sancto São Serejo,
Mas no ceu moram os sanctos;

Todas as casas têm cantos,
Do leite se faz o queijo.

Nos trunfos ha basto e sota,
Dará cartas quem foi mão,
A mulher tem seu pampam,
Pelo pé se calça a bota:
Quem não tem voto não vota,
O que deu cartas é pé,
O escrivão porta por fé,
Obra grosseira é do Porto,
Todo o defuncto está morto,
Vaza e mais enche a maré.

Almorreimas é quentura,
As redes têm seus cadilhos,
Zebedeu foi pae de filhos,
Quem morreu, já não tem cura:

.....
.....
Jogo de trez é a espadilha,
Ao de dous lhe chamam zanga,
Camisa tem sua manga,
Não ha navio sem quilha.

Faz pasteis o pasteleiro,
Toda a virgem é donzella,
No Brazil ha já cannella,
Todo o frade é redoleiro.
Bate no ferro o ferreiro
E o marido na mulher,
Porque um e mais outro quer,
E gostam da tal asneira,
E não ha mister peneira
Quem farinha não tiver

Todas as côres são tintas,
Duro pau é supipira,
Quem é manso não tem ira,
Do zengá se fazem cintas:
Portugal tem ricas quintas,
E cada uma tem seu dono,
O que quer dormir tem somno,

O que dorme está dormindo,
O que veio tem já vindo
E toda a solfa tem tono.

Ha pelo entrudo filhozes,
Não ha carne na quaresma,
É todo o fedelho--lesma,
No poder os reis são crozes:
Quem tem dente come nozes,
O que quebra está quebrando,
Quem come está manducando,
O que corre vai correndo,
O que bebe está bebendo
E quem joga está jogando.

_Dico vere veritates,
Crede mihi_, vou fallando,
E quanto mais for andando,
Magis dicam asnitates
No Recife ha mil mascates
Sobreposse mercadores,
Geme quem padece dores,
É o ... todo vento,
Freiras moram no convento,
E quem quer tem seus amores.

As madrinhas são comadres,
Chocolate tem cacau
Passa dez não é pacau,
Clerigos todos são padres:
É cego não ver por grades,
O limão todo é azedo,
O que tem pavor tem medo,
É boa a mulher que,
Não é boa a ... mole,
A pedra grande é penedo.

Quem tem boca vai a Roma,
Quem tem sangue faz chouriços,
As abelhas têm cortiços,
A zabelê sua coma:
O ruim assucar é broma,
A canada tem quartilho,

Não tem pé a mão de milho,
Coruja não é canario,
Livro velho é calendario,
O maná não é quintilho.

É o memento lembrança
Das almas do outro mundo,
A panella tem seu fundo,
E quem herdou teve herança:
É zombar estar de chança,
Muitos filhos tem Antonio
Nunes, do seu matrimonio,
Que dos outros não sabemos;
Aposto que já entendemos
Em que é purga o antimonio.

Os sapatos levam sola,
A carne de boi é vacca,
A ... em criança é caca,
É redonda toda a bola:
Passarinho na gaiola
Está prezo na cadeia,
O gatinho bravo meia,
São frades os franciscanos,
O homem velho já tem annos,
A formosa não é feia.

Quem vai só--vai solitario,
Quem tem fome excusa mólho,
O ... tem no meio ôlho,
Tem a mulher ordinario:
Chama-se a pessa Calvario;
Cidades tem Portugal,
Ouro é o que ouro val,
Pratos de côr tem rabique,
Não se faz renda sem pique,
Todo o salgado tem sal.

Peccados mortaes são septe,
E dez são os mandamentos,
Septe são os Sacramentos,
O estojo tem canivete:
Os frades com seu topete

Não pagam luguel de cazas,
 Os anjinhos levam azas,
 Cães de fila todos mordem,
 Sacramento sexto é ordem,
 Ganhou o que fez mais vazas.

Estas pois e outras verdades,
 Amigo, que aqui vos digo,
 São as de que sou amigo;

.....

O mais são só asnidades
 D'esses que dizem rodeios,
 Porque só por estes meios
 Se falla bem portuguez;
 Tudo o mais é ser francez,
 E trazer na boca freios.

JUSTIÇA

QUE FAZ O P. NA HONRA HYPOCRITA PELOS ESTRAGOS QUE ANDA FAZENDO NA VERDADEIRA HONRA

Uma cidade tão nobre[2],
 Uma gente tão honrada,
 Veja-se um dia louvada
 Desde o mais rico ao mais pobre:
 Cada pessoa o seu cobre;
 Mas si o diabo me atiga,
 Que indo a fazer-lhes justiça,
 Algum saia a justiça,
 Não me poderão negar
 Que por direito e por lei
 Esta é a justiça que manda El-Rei.

[2] Lisboa.

O fidalgo de solar
 Se dá por envergonhado
 De um tostão pedir prestado
 Para o ventre sustentar:
 Diz que antes o quer furto,
 Por manter a negra honra,
 Que passar pela deshonra
 De que lh'o neguem talvez:

Mas si o vires nas galés
Com honras de vice-rei,
Esta é a justiça que manda El-Rei.

A donzella embiocada,
Mal trajada, peor comida,
Antes quer na sua vida
Ter saia que ser honrada:
É publica amancebada
Por manter a negra honrinha,
E si lh'o chama a visinha,
E lh'o ouve a clerizia,
Dão com ella na enxovia,
E paga a pena da lei:
Esta é a justiça que manda El-Rei.

A casada com adorno,
E o marido mal vestido,
Crêde que este tal marido
Pentêa monho de ...
Si disser pelo contorno
Que si soffre a frei Thomaz,
Por manter a honrinha o faz;
Esperae pela pancada,
Que com carocha pintada
De Angola ha de ser vis-rei:
Esta é a justiça que manda El-Rei.

Os lettrados peralvilhos,
Citando o mesmo doutor
A favor do réu e auctor,
Comem de ambos os carrilhos:
Si se diz pelos corrilhos
Sua prevaricação,
A desculpa que vos dão
É a honra de seus parentes;
E entonces os requerentes
Fogem d'esta infame grei:
Esta é a justiça que manda El-Rei.

O clerigo julgador,
Que'as causas julga sem pejo,
Não reparando que eu vejo

Que erra a lei e erra o doutor:
Quando vem do monsenhor
A sentença revogada,
Por saber que foi comprada
Pelo gimbo ou pelo abraço,
Responde o padre madraço:
Minha honra é minha lei;
Esta é a justiça que manda El-Rei.

O mercador avarento
Quando a sua conta estende,
No que compra e no que vende
Tira duzentos por cento:
Não é elle tão jumento
Que não saiba que em Lisboa
Se lhe ha de dar na gamboa;
Mas comido já o dinheiro,
Diz que a honra está primeiro,
E que honrado a toda a lei.
Esta é a justiça que manda El-Rei.

A viuva auctorisada,
Que não possue vintem,
Porque o marido de bem
Deixou a casa empenhada:
Alli entra a fradalhada,
Qual formiga em correição,
Dizendo que á casa vão
Manter a honra da casa;
Si a vires arder em brasa,
Que ardeu a honra entendei.
Esta é a justiça que manda El-Rei.

O Adonis da manhã,
O Cupido em todo o dia,
Que anda correndo a coxia
Com recadinhos á irmã,
E si lhe cortam a lãa
Diz que anda naquelle andar
Pela honra conservar
Bem tractado e bem vestido;
Eu o verei tão despido,
Que até as costas lhe verei.

Esta é a justiça que manda El-Rei.

Si vires um dom abbade
 Sôbre o pulpito cioso,
 Não lhe chameis religioso,
 Chamae-lhe embora de frade:
 E si o tal Paternidade
 Rouba as rendas do convento,
 Para acudir ao sustento
 Da ..., como da peita
 Com que livra de suspeita
 Do Geral, do Vice-Rei,

Esta é a justiça que manda El-Rei.

DIALOGO

ENTRE O DEMONIO E A ALMA

Cantavam naquelle tempo os chulos da Bahia certas cantigas por uma toada triste que rematava, dizendo: «Banguê, que será de ti?» Mas outros mais piedosos reduziam a mesma canção ao Divino finalizando assim: «Meu Deus, que será de mim?» E o P. entre o temporal e o eterno de uma o outra chularia introduziu uma alma christãa resistindo ás tentações do demonio com a glosa de ambos os extremos:

Meu Deus, que será de mim?
 Banguê, que será de ti?

Alma--Si o descuido do futuro
 E a lembrança do presente
 É em mim tão continente,
 Como do mundo murmuro?
 Será porque não procuro
 Temer do principio o fim?
 Será porque sigo assim
 Cegamente o meu peccado?
 Mas si me vir condemnado,
 Meu Deus, que será de mim?

Dem.--Si não segues meus enganos
 E meus deleites não segues,
 Temo que nunca socegues
 No florido de teus annos:
 Vê como vivem ufanos
 Os descuidados de si:

Canta, baila, folga e ri;
Porque os que não se alegraram,
Dous infernos militaram:
Banguê, que será de ti?

Alma--Si para o céu me creastes,
Meu Deus, á imagem vossa,
Como é possível que possa
Fugir-vos, pois me buscastes?
E si para mim tractastes
O melhor remedio e fim;
Eu, como ingrato Caim,
D'este bem tão esquecido,
Tendo-vos tão offendido,
Meu Deus, que será de mim?

Dem.--Todo o cantar allivia
E todo o folgar alegre,
Toda a branca, parda e negra
Tem sua hora de folia:
Só tu na melancolia
Tens allivio? Canta aqui
E torna a cantar alli,
Que d'esse modo o practicam
Os que alegres prognosticam
Banguê, que será de ti?

Alma--Eu para vós--offensor,
Vós para mim--derretido?
Eu--de vós tão esquecido,
E vós de mim--Redemptor?
Ai como sinto, Senhor,
De tão mau principio o fim,
Si me não valeis assim,
Como áquelle que na cruz
Feristes com vossa luz?
Meu Deus, que será de mim?

Dem.--Como assim na flor dos annos
Colhes o fructo amargoso?
Não vês que todo o penoso
É causa de muitos damnos?
Deixa, deixa desenganos,

Segue os deleites, que aqui
Te offereço, porque alli
Os mais que cantando vão,
Dizem na triste canção:
Banguê, que será de ti?

Alma -- Quem vos offendeu, Senhor?
Uma creatura vossa?
Como é possível que eu possa
Offender meu Creador?
Triste de mim peccador,
Si a gloria que daes sem fim,
Perdida num Serafim
Se perder em mim tambem?
Si eu perder tamanho bem,
Meu Deus, que será de mim?

Dem. -- Si a tua culpa merece
Do teu Deus toda a esquivança,
Folga no mundo e descança
Que o arrepende aborrece:
Si o peccado te entristece,
Como já em outros vi,
Te prometto desde aqui
Que os mais da tua facção
E tu no inferno dirão:
Banguê, que será de ti?

CONTRA

OS INGRATOS MURMURADORES DO BEM QUE ACTUALMENTE RECEBEM DA MÃE UNIVERSAL, QUE OS AFFAGA, SE QUEIXA A BAHIA, CONFESSANDO-SE DAS CULPAS, QUE LHE DÃO, PELOS PRECEITOS DO DECALOGO

ROMANCE

Já que me põem a tormento
Murmuradores noviços,
Carregando sobre mim
Suas culpas e delictos;
Por credito do meu nome,
E não por temer castigo,
Confessar quero os peccados
Que faço, e que patrocino.

E si alguém tiver a mal
Descobrir este sigillo,
Não me infame que eu serei
Pedra em poço, ou seixo em rio.
Sabei, céu, sabeis estrelas,
Escutae, flores e lírios,
Montes, serras, peixes, aves,
Lua, sol, mortos e vivos,
Que não ha nem pôde haver,
Desde o Sul ao Norte frio,
Cidade com mais maldades,
Nem provincia com mais vicios,
Do que sou eu, porque em mim
Recopilados e unidos
Estão junctos quantos têm
Mundos e reinos distinctos.
Tenho Turcos, tenho Persas,
Homens de nação impios,
Mogores, Armenios, Gregos,
Infieis e outros gentios.
Tenho ousados Mermidonios,
Tenho Judeus, tenho Assyrios,
E de quantas seitas ha
Muito tenho, e muito abrigo.
E sinão digam aquelles
Presados de vingativos,
Que sanctidade têm mais
Que um Turco e que um Mohabito!
Digam idolatras falsos,
Que estou vendo de continuo
Adorarem ao dinheiro,
Gula, ambição e amóricos!
Quantos com capa christã
Professam o judaismo,
Mostrando hypocritamente
Devoção á Lei de Christo!
Quantos com pelle de ovelha
São lobos enfurecidos,
Ladrões, falsos, aleivosos,
Embusteiros e assassinos!
Estes por seu mau viver,
Sempre pessimo e nocivo,
São os que me accusam damnos,

E põem labéos inauditos.
Mas o que mais me atormenta
É ver que os contemplativos,
Sabendo a minha innocencia,
Dão a seu mentir ouvidos.
Até os mesmos culpados
Têm tomado por capricho,
Para mais me difamarem
Pôrem pela praça escriptos,
Onde escrevem sem vergonha,
Não só brancos, mas mestiços,
Que para os bons sou inferno,
E para os mais paraizo.
Oh velhacos insolentes,
Ingratos, mal procedidos!
Si eu sou essa que dizeis,
Porque não largais meu sitio?
Porque habitais em tal terra,
Podendo em melhor abrigo?
Eu pego em vós? eu vos rogo?
Respondei: dizei, maldictos?
Mandei acaso chamar-vos,
Ou por carta, ou por aviso?
Não viestes para aqui
Por vosso livre alvedrio?
A todos não dei entrada,
Tractando-vos como a filhos?
Que razão tendes agora
De difamar-me atrevidos?
Meus males de quem procedem?
Não é de vós? claro é isso:
Que eu não faço mal a nada
Por ser terra e matto arisco.
Si me lançais má semente
Como quereis fructo limpo?
Lança-e-a boa, e vereis
Si vos dou cachos optimos.
Eu me lembro que algum tempo,
Isto foi no meu principio,
A semente que me davam
Era boa e de bom trigo.
Por cuja causa meus campos
Produziam pomos lindos,

De que ainda se conservam
Alguns remotos indícios.
Mas depois que vós viestes
Carregados, como ouriços,
De sementes invejosas
E legumes de maus vícios;
Logo declinei comvosco,
E tal volta tenho tido,
Que o que produzia rozas
Hoje só produz espinhos.
Mas para que se conheça
Si fallo verdade ou minto,
E quanto os vossos enganos
Têm difamado meu brio:
Confessar quero de plano
O que encubro por servir-vos,
E saiba quem me moteja
Os premios que ganho nisso.
Já que fui tão pouco attenta,
Que a luz da razão e o sizo
Não só quiz cegar por gosto,
Mas ser do mundo ludibrio.
Vós me ensinastes a ser
Das inconstancias archivo,
Pois nem as pedras que gero
Guardam fé aos edificios.
Por vosso respeito dei
Campo franco e grande auxilio
Para que se quebrantassem
Os mandamentos divinos.
Cada um por suas obras
Verá contra quem me explico,
Sem andar excogitando
Para quem se aponta o tiro.

PRECEITO I

Que de quilombos que tenho.
Com mestres superlativos,
Nos quaes se ensina de noite
Os calundús e feitiços!
Com devoção os frequentam
Mil sujeitos femininos,
E tambem muitos barbados,

Que se prezam de Narcisos.
Ventura dizem que buscam
 (Não se viu maior delirio!)
Eu que os ouço e vejo, calo
 Por não poder diverti-los.
O que sei é que em taes danças
 Satanaz anda mettido,
 E que só tal padre mestre
 Póde ensinar taes delirios.
Não ha mulher desprezada,
 Galan desfavorecido,
 Que deixe de ir ao quilombo
 Dançar o seu bocadinho.
E gastam bellas patacas
 Com os mestres da Cachimbo,
 Que são todos jubilados
 Em depennar taes patinhos.
E quando vão confessar-se,
 Encobrem aos padres isto,
 Porque o tem por passatempo,
 Por costume ou por estylo.
Em cumprir as penitencias
 Rebeldes são e remissos,
 E muito peor si as taes
 São de jejuns ou cilicios.
A muitos ouço gemer
 Com pezar muito excessivo,
 Não pelo horror do peccado,
 Mas sim por não consegui-lo.

PRECEITO II

No que toca aos juramentos
 De mim para mim me admiro,
 Por ver a facilidade
 Com que os vão dar a juizo,
Ou porque ganham dinheiro,
 Por vingança, ou pelo amigo,
 E sempre juram conformes
 Sem discreparem do artigo.
Dizem que fallam verdade,
 Mas eu, pelo que imagino,
 Nenhum creio que a conhece,
 Nem sabe seus aphorismos.

Até nos confesionarios
Se justificam mentindo
Com pretextos enganosos
E com rodeios fingidos.
Tambem aquelles a quem
Dão cargos, e dão officios,
Supponho que juram falso,
Por consequencias que hei visto.
Promettem guardar direito,
Mas nenhum segue este fio,
E por seus rodeios tortos
São confusos labyrinthos.
Honras, vidas e fazendas
Vejo perder de continuo,
Por terem como em viveiro
Estes falsarios mettidos.

PRECEITO III

Pois no que toca a guardar
Dias sanctos e domingos,
Ninguem vejo em mim que os guarde,
Si tem em que ganhar gimbo.
Nem aos míseros escravos
Dão taes dias de vazio,
Porque nas leis do interesse
É preceito prohibido.
Quem os vê ir para o templo
Com as contas e os livrinhos
De devoção, julgará
Que vão por ver a Deus Trino;
Porém tudo é mero engano,
Porque si alguns escolhidos
Ouvem missa é perturbados
D'esses, que vão por ser vistos.
E para que não pareça
Aos que escutam o que digo
Que ha mentira no que fallo,
Com a verdade me explico:
Entra um d'estes pela igreja,
Sabe Deus com que sentido,
E faz um signal da cruz
Contrario ao do catechismo.
Logo se põe de joelhos,

Não como servo rendido,
Mas em fôrma de bésteiro,
C'um pé no chão, outro erguido.
Para os altares não olha,
Nem para os Sanctos no nicho,
Mas para quantas pessoas
Vão entrando e vão saindo.
Gastam nisso o mais do tempo,
E o que resta, divertidos
Se põem em conversação
Com os que estão mais propinquos.
Não contam vidas de Sanctos,
Nem exemplos do Divino,
Mas sim muita patarata
Do que não ha, nem tem sido.
Pois si ha sermão, nunca o ouvem,
Porque ou se põem de improviso
A cuchilar como negros,
Ou se vão escapulindo.
As tardes passam nos jogos,
Ou no campo divertidos
Em murmurar dos governos,
Dando leis e dando arbitrios.
As mulheres são peiores,
Porque si lhes faltam brincos,
Manga avola, broche, troco,
Ou saia de labyrintho:
Não querem ir para a igreja,
Seja o dia mais festivo,
Mas em tendo estas alfaias,
Saltam mais do que cabritos.
E si no Carmo repica,
Ei-las lá vão rebolindo,
O mesmo para São Bento,
Ou Collegio, ou São Francisco.
Quem as vir muito devotas,
Julgará, sincero e liso,
Que vão na missa e sermão
A louvar a Deus com hymnos.
Não quero dizer que vão
Por dizer mal dos maridos,
Dos amantes, ou talvez
Cair em erros indignos.

Debaixo do parentesco,
Que fingem pelo appellido,
Mandando-lhes com dinheiro
Muitos e custosos mimos.

PRECEITO IV

Vejo que morrem de fome
Os paes d'aquelles e os tios,
Ou porque os veem lavradores,
Ou porque tractam de officios.
Pois que direi dos respeitos
Com que os taes meus mancebinhos
Tractam esses paes depois
Que deixam de ser meninos?
Digam-no quantos o veem,
Que eu não quero repeti-lo,
A seu tempo direi como
Criam estes morgadinhos.
Si algum em seu testamento
Cerrado ou nuncupativo,
A algum parente encarrega
Sua alma ou legados pios:
Tracta logo de enterra-lo
Com demonstrações de amigo,
Mas passando o requiescat,
Tudo se mette no olvido.
Da fazenda tomam posse,
Até do menor caquinho,
Mas para cumprir as deixas
Adoece de fastio.
E d'esta omissão não fazem
Escrupulo pequenino,
Nem se lhes dá que o defuncto
Arda ou pene em fogo activo.
E quando chega a apertal-os
O Tribunal dos residuos,
Ou mostram quitações falsas,
Ou movem pleitos renhidos.
Contados são os que dão
A seus escravos ensino,
E muitos nem de comer,
Sem lhe perdoar o serviço.
Oh quantas e quantos ha

De bigode fernandino,
Que até de noite ás escravas
Pedem salarios indignos!
Pois no modo de criar
Aos filhos, parecem simios,
Causa porque os não respeitam
Depois que se veem crescidos.
Criam-nos com liberdade
Nos jogos, como nos vicios,
Persuadindo-lhes que saibam
Tanger guitarra e machinho.
As mães por sua imprudencia
São das filhas desperdicio,
Por não haver refestella,
Onde as não levem comsigo.
E como os meus ares são
Muito coados e finos,
Si não ha grande recato
Têm as donzellas perigo.
Ou as quebranta de amores
O ar de algum recadinho,
Ou pelo frio da barra
Sahem co' o ventre crescido.
Então vendo-se opiladas,
Si não é do sancto vinclo,
Para livrarem do achaque
Buscam certos abortivos.
Cada dia o estou vendo,
E com ser isto sabido,
Contadas são as que deixam
De amar estes precipicios.
Com o dedo a todas mostro
Quanto indica o vaticinio,
E si não querem guarda-lo.
Não culpem meu domicilio.

PRECEITO V

Vamos ao quinto preceito,
Sancto Antonio vá commigo,
E me depare algum meio
Para livrar do seu risco.
Porque, supposto que sejam
Quietos, mansos e benignos

Quantos pizam meus oiteiros,
Montes, valles, e sombrios:
Póde succeder que esteja
Algun aspide escondido
Entre as flores, como diz
Aquelle proverbio antigo.
Faltar não quero à verdade,
Nem dar ao mentir ouvidos,
O de Cezar dê-se a Cezar,
O de Deus à Jesu-Christo.
Não tenho brigas, nem mortes,
Pendencias, nem arruidos,
Tudo é paz, tranquillidade,
Cortejo com regosijo.
Era dourada parece,
Mas não é como eu a pinto,
Porque debaixo d'este ouro
Tem as fezes escondido.
Que importa não dar aos corpos
Golpes, catanadas, tiros,
E que só sirvam de ornato
Espadas e cotós limpos?
Que importa que não se enforcem
Nem ladrões, nem assassinos,
Falsarios e maldizentes,
E outros a este tonilho;
Si debaixo d'esta paz,
D'este amor falso e fingido,
Ha fezes tão venenosas
Que o ouro é chumbo mofino?
É o amor um mortal odio,
Sendo todo o incentivo
A cobiça do dinheiro
Ou a inveja dos officios.
Todos peccam no desejo
De querer ver seus patricios,
Ou da pobreza arrastados,
Ou do credito abatidos.
E sem outra causa mais
Se dão a dextra e sinistra,
Pela honra e pela fama
Golpes crueis e infinitos.
Nem ao sagrado perdoam,

Seja rei ou seja bispo,
Ou sacerdote ou donzella
Mettida no seu retiro.
A todos em fim dão golpes
De enredos e mexericos,
Tão crueis e tão nefandos,
Que os despedaçam em cisco.
Pelas mãos nada: porque
Não sabem obrar no quinto;
Mas pelas linguas não ha
Leões mais enfurecidos.
E d'estes valentes fracos
Nasce todo o meu martyrio,
Digam todos os que me ouvem
Si fallo verdade ou minto.

PRECEITO VI

Entremos pelos devotos
Do nefando rei Cupido,
Que tambem ésta semente
Não deixa logar vazio.
Não posso dizer quaes são
Por seu numero infinito,
Mas só digo que são mais
Do que as formigas que crio.
Seja solteiro ou casado,
É questão, é já sabido,
Não estar sem ter borracha,
Seja de bom ou mau vinho.
Em chegando a embebedar-se
De sorte perde os sentidos,
Que deixa a mulher em couros,
E traz os filhos famintos.
Mas a sua concubina
Ha de andar como um palmito,
Para cujo effeito empenham
As botas com seus atilhos.
Ellas, por não se occuparem
Com costuras, nem com bilros,
Antes de chegar aos doze
Vendem o signo de Virgo.
Ouço dizer vulgarmente
(Não sei si é certo este dicto)

Que fazem pouco reparo
Em ser caro ou baratinho.
O que sei é que em magotes
De duas, trez, quatro e cinco,
As vejo todas as noites
Sair de seus encondrijos.
E como ha tal abundancia
D'esta fruita no meu sitio,
Para ver si ha quem a compre
Dão pelas ruas mil gyros.
E é para sentir o quanto
Se dá Deus por offendido,
Não só por este peccado,
Mas pelos seus conjunctivos;
Como são cantigas torpes,
Bailes e toques lascivos,
Venturas e fervedouros,
Pau de forca e pucarinhos:
Quero entregar ao silencio
Outros excessos maldictos,
Como do pae Cazumbá,
Ambrosio e outros pretinhos.
Com os quaes estas formosas
Vão fazer infames brincos,
Governados por aquelles
Que as trazem num cabrestilho.

PRECEITO VII

Já pelo septimo entrando
Sem alterar o tonilho,
Digo que quantos o tocam
Sempre o tiveram por critico.
Eu sou a que mais padeço
De seus effeitos malignos,
Porque todos meus desdouros
Pelo septimo tem vindo.
Não fallo, como lá dizem,
Ao ar, ou libere dicto,
Pois diz o mundo loquaz
Que encubro mil latrocinios.
Si é verdade, eu o não sei,
Pois acho implicancias nisto,
Porque o furtar tem dous verbos,

Um _furor_, outro _surripio_.
Eu não vejo cortar bolsas,
Nem sair pelos caminhos,
Como fazem nas mais partes,
Salvo alguns negros fugidos.
Vejo que a forca ou picota
Paga os altos de vazio,
E que o carrasco não ganha
Nem dous réis para cominhos.
Vejo que nos tribunaes
Ha vigilantes ministros,
E si houvera em mim tal gente,
Andára a sogá em continuo.
Porém si d'isto não ha,
Com que razão ou motivo
Dizem por ahi que sou
Um covil de latrocinios?
Será por verem que em mim
É venerado e querido
Sancto Unhate, irmão de Caco,
Porque faz muitos prodigios?
Sem questão deve de ser,
Porque este Unhate maldicto
Faz uns milagres que eu mesma
Não sei como tenho tino.
Póde haver maior milagre
(Ouça bem quem tem ouvidos)
Do que chegar um Reinol,
Por Lisboa, ou pelo Minho;
Ou degradado por crimes,
Ou por moço ao pae fugido,
Ou por não ter que comer
No logar onde é nascido:
E saltando no meu caes,
Descalso, roto e despido,
Sem trazer mais cabedal
Que piolhos e assobios;
Apenas se offerece a Unhate
De guardar seu compromisso,
Tomando com devoção
Sua regra e seu bentinho,
Quando umas casas aluga
De preço e valor subido,

E se põe em tempo breve
Com dinheiro, e com navios!
Póde haver maior portento,
Nem milagre encarecido,
Como de ver um mazombo
D'estes cá do meu pavio;
Que sem ter eira, nem beira,
Engenho ou juro sabido,
Tem amiga e joga largo,
Veste sedas, põe polvilhos:
D'onde lhe vem isto tudo?
Cahe do céu?--tal não affirmo:
Ou Sancto Unhate lh'o dá,
Ou do Calvario é prodigio.
Consultem agora os sabios,
Que de mim fazem corrilhos,
Si estou illesa da culpa,
Que me dão sobre este artigo.
Mas não quero repetir
A dor e o pezar que sinto,
Por dar mais um passo ávante
Para o oitavo supplicio.

PRECEITO VIII

As culpas que me dão nelle,
São que em tudo quanto digo
Do verdadeiro me aparto
Com animo fementido.
Muito mais é do que fallo,
Mas é grande barbarismo
Quer erem que pague a albarda
O que commette o burrinho.
Si por minha desventura
Estou cheia de preceitos,
Como querem que haja em mim
Fé, verdade, ou fallar liso?
Si, como atraz declarei,
Se puzera cobro nisto,
Apparecêra a verdade
Cruzando os braços comigo.
Mas como dos tribunaes
Proveito nenhum se ha visto,
A mentira está na terra,

A verdade vai fugindo.
O certo é que os mais d'elles
Têm por gala e por capricho,
Não abrir a boca nunca
Sem mentir de ficto a ficto.
Deixar quero as pataratas,
E tornando a meu caminho,
Quem quizer mentir o faça,
Que me não toca impedi-lo.

PRECEITO IX E X

Do nono não digo nada,
Porque para mim é vidro,
E quem o quizer tocar
Vá com o olho sobre aviso.
Eu bem sei que também trazem
O meu credito perdido,
Mas valha sem sêllo ex causa,
Ou lh'os ponham seus maridos.
Confesso que tenho culpas,
Porém humilde confio,
Mais que em riquezas do mundo,
Da virtude num raminho.
Graças a Deus que cheguei
A coroar meus delictos
Com o decimo preceito
No qual tenho delinquido.
Desejo que todos amem,
Seja pobre ou seja rico,
E se contentem com a sorte
Que têm e estão possuindo.
Quero finalmente que
Todos quantos têm ouvido,
Pelas obras que fizeram
Vão para o céu direitinhos.

Á GENTE DA BAHIA

Não sei para que é nascer
Neste Brazil impestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.

Terra tão grosseira e crassa,

Que a ninguem se tem respeito,
Salvo si mostra algum geito
De ser mulato.

Aqui o cão arranha ao gato,
Não por ser mais valentão,
Sinão porque sempre a um cão
Outros acodem.

Os brancos aqui não podem
Mais que soffrer e calar,
E si um negro vão matar
Chovem despezas.

Não lhe valem as defezas
Do atrevimento de um cão,
Porque acorda a Relação
Sempre faminta.

Logo a fazenda e a quinta
Vão com tudo o mais á praça,
Onde se vendem de graça,
Ou de fiado.

Que aguardas, homem honrado,
Vendo tantas sem razões,
Que não vais para as nações
Da Barbaria?

Porque lá se te faria
Com essa barbaridade
Mais razão e mais verdade
Do que aqui fazem.

Por que esperas? que te engrazem
E exgotem os cabedaes
Os que têm por naturaes,
Sendo estrangeiros?

Ao cheiro dos teus dinheiros
Vem c'um cabedal tão fraco,
Que tudo cabe num sacco
Que anda ás costas.

Os pés são duas lagostas,
De andar montes, passar vaus,
E as mãos são dous
 Já bem ardidos.

Sendo dous annos corridos,
Na loja estão recostados
Mais doces e afidalgados
 Que os mesmos Godos.

A mim me faltam apodos
Para apodar estes taes,
Maganos de tres canaes,
 Té a ponta.

Ha outros de peor conta,
Que entre estes e entre aquelles
Vêm cheios de pez, e elles
 Atraz do hombro.

De nada d'isto me assombro,
Pois os bota aqui o Senhor
Outros de marca maior,
 Gualde e tostada.

Perguntae á gente honrada
Porque causa se desterra?
Diz que tem quem lá na terra
 Lhe queime o sangue.

Vem viver ao pé de um mangue,
E já vos veda um mangal,
Porque tem mais cabedal
 Que Porto Rico.

Si algum vem de agudo bico,
Lá vão prende-lo ao sertão,
E ei-lo bugio em grilhão
 Entre galfarros.

A terra é para os bizarros,
Que vêm da sua terrinha

Com mais gorda camizinha
Que um traquete.

Que me dizeis do clerguete
Que mandaram degradado
Por dar o oleo sagrado
Á sua ..?

E a velhaca dissoluta,
Déxtra em todo o artificio,
Fez co'oleo um maleficio
Ao mesmo zote.

Folgo de ver tão asnote
O que com risinho nos labios
Anda zombando dos sabios
E entendidos.

E porque são applaudidos
De outros da sua facção,
Se fazem co'a descripção
Como com terra.

E dizendo ferra ferra,
Quando vão a pôr o pé
Conhecem que em boa fé
São uns asninhos.

Porque com quatro ditinhos,
De conceitos estudados,
Não podem ser graduados
Em as sciencias.

Então suas negligencias
As vão conhecendo alli,
Porque de si para si
Ninguem se engana.

Mas em vindo outra semana,
Já cahem no peccado velho,
E presumem dar conselho
A um Catão.

Aqui frizava o Frizão
Que foi o heresiarca
Porque os mais da sua alparca
O aprenderam.

As mulatas me esqueceram,
A quem com veneração
Darei o meu beliscão
Pelo amoroso.

Geralmente é mui custoso
O conchego das mulatas,
Que se foram mais baratas
Não ha mais Flandes.

As que presumem de grandes
Porque têm casa e são forras,
Têm, e chamam de cachorras
Às mais do trato.

Angelinha do Sapato
Valeria um pipo de ouro,
Porém tem o
Muito abaixo.

Traz o amigo cabisbaixo
Com muitas aleivosias,
Sendo que às Ave-Marias
Lhe fecha a porta.

Mas isso em fim que lhe importa,
Si ao fechar o põe na rua,
E sobre a ver ficar nua
Ainda a veste.

Fica dentro quem a investe,
E o de fóra suspirando
Lhe grita de quando em quando:
Ora isso basta.

Ha gente de tão má casta,
E de tão vil catadura,
Que até esta ...

Bebe e véрте.

Todos a Agrella converte,
Porque si com tão ruim
A alma ha de ser dissoluta,
Antes mui sancta.

Quem encontra ossada tanta,
Dos beijos de uma caveira
Vai fugindo de carreira,
E a Deus busca.

Em uma cova se offusca,
Como eu estou offuscado,
Chorando o magro peccado
Que fiz com ella.

É mui semelhante a Agrella
Á Mingota do Negreiros,
Que me mammou os dinheiros,
E poz-se á orça.

A Manga, com ser de alcorça,
Dá-se a um pardo vaganau,
Que a Cunha do mesmo pau
Melhor atocha.

A Marianna da Rocha,
Por outro nome a Pellica,
A nenhum homem já dedica
A sua prata.

Não ha no Brazil mulata,
Que valha um recado só,
Mas Joanna Picaró
O Brazil todo.

Si em gostos não me accommodo,
Ao mais não haja disputa,
Cada um gabe a sua ...,
E haja socego.

Porque eu calo o meu emprego,

E o fiz adivinhação,
Com que tal veneração
Se lhe devia.

Fica-te embora, Bahia,
Que eu me vou por esse mundo,
Cortando pelo mar fundo
Numa barquinha.

Porque inda que és patria minha,
Sou segundo Scipião,
Que com dobrada razão
A minha idéa
Te diz: Non possidebis ossa mea.

OBSERVAÇÕES

CRITICAS SOBRE VARIAS MATERIAS POR OCCASIÃO DO COMETA AP- PARECIDO EM 1680

Que esteja dando o francez
Cameozas ao romano,
Castanhas ao castelhano,
E ginjas ao portuguez?
E que estejam todos trez
Em uma scisma quieta
Reconhecendo esta treta
Tanto á vista, sem a ver?
Tudo será; mas a ser,
Effeitos são do cometa.

Que esteja o inglez mui quedo,
E o hollandez muito ufano,
Portugal cheio de engano,
Castella cheia de medo:
E que o turco viva ledó,
Vendo a Europa inquieta?
E que cada qual se metta
Em uma cova a tremer?
Tudo será, mas a ser,
Effeitos são do cometa.

Que esteja o francez zombando,
E a India padecendo,

Italia olhando e comendo,
Portugal rindo e chorando?
E que os esteja enganando
Quem sagaz os inquieta
Sem que nada lhe prometta?
Será; mas com mais razão,
Segundo a minha opinião,
Effeitos são do cometa.

Que esteja Angola de graça,
O Mazagão cahe, não cahe,
O Brazil feito Cambray,
Quando Hollanda feita caça?
E que jogue o =passa passa=
Comnosco o turco mahometa,
E que assim nos accometta?
Será, pois é tão ladino;
Porém, segundo imagino,
Effeitos são do cometa.

Que venham os Franchinotes,
Com engano surrateiro,
A levar-nos o dinheiro
Por troca de assobiotes?
Que as patacas em pipotes
Nos levem á fiveleta,
Não sei si nisto me metta:
Porém sem metter-me em rodas,
Digo que estas cousas todas
Effeitos são do cometa.

Que venham homens extranhos
Às direitas, e às esquerdas,
Trazer-nos as suas perdas,
E levar os nossos ganhos:
E que sejamos tammanhos
Ignorantes, que nos metta
Sem debuxos a gazeta?
Será, que tudo é peor;
Mas porém seja o que for,
Effeitos são do cometa.

Que havendo tantas maldades,

Como experimentado temos,
Tantas novidades vemos,
Não havendo novidades?
E que estejam as cidades
Todas postas em dieta
Mau é; porém por directa
Permissão do mesmo Deus,
Si não são peccados meus,
Effeitos são do cometa.

Que se vejam, sem razão,
No extremo em que hoje se veem,
Um tostão feito um vintem,
E uma pataca um tostão?
E que estas mudanças vão
Fabricadas á curveta,
Sem que a ventura prometta
Nunca nenhuma melhora?
Será, que pois o céu chora,
Effeitos são do cometa.

Que o Reino em um estaleiro
Esteja, e nesta ocasião
Haja pão, não haja pão,
Haja, não haja dinheiro:
E que se tome em Aveiro
Todo o ouro e prata invecta
Por certa via secreta?
Eu não sei como isto é:
Porém já que assim se vê,
Effeitos são do cometa.

Que haja no mundo quem tenha
Guizados para comer,
E traças para os haver,
Não tendo lume nem lenha:
E que sem renda mantenha
Carro, carroça, carreta,
E sem ter aonde os metta,
Dentro em si tanto accommode:
Póde ser, porém si póde,
Effeitos são do cometa.

Que andem os officiaes
Como fidalgos vestidos,
E que sejam presumidos
Os humildes como os mais:
E que não possam os taes
Cavalgar sem a maleta,
E que esteja tão quieta
A cidade e o povo mudo:
Será, mas sendo assim tudo,
Effeitos são do cometa.

Que se vejam por prazeres,
Sem repararem nas fomes,
As mulheres feitas homes,
E os homens feitos mulheres:
E que estejam os Misteres
Enfronhados na baeta,
Sem ouvirem a trombeta
Do povo, que é um clarim:
Será, porém sendo assim,
Effeitos são do cometa.

Que vista, quem rendas tem,
Galas vistosas por traça,
Supposto que bem mal faça,
Inda que mal fará bem:
Mas que as vista quem não tem
Mais que uma pobre saieta,
Que lhe vem pelo estafeta,
Por milagre nunca visto:
Será, mas sendo assim isto,
Effeitos são do cometa.

Que não veja o que ha de ver
Mal no bem, e bem no mal,
E se metta cada qual
No que se não ha de metter:
Que queira cada um ser
Capitão sem ter gineta,
Sendo ignorante propheta,
Sem ver quem foi, e quem é:
Será, mas pois si não vê,
Effeitos são do cometa.

Que o pobre e o rico namore,
E que com esta porfia,
O pobre alegre se ria
E o rico triste se chore:
E que o presumido more
Em palacio sem boleta,
E por não ter que lhe metta,
O tenha cheio de vento:
Póde ser; mas ao intento
Effeitos são do cometa.

Que ande o mundo como anda,
E que ao som do seu desvelo
Uns bailem ao saltarello,
E outros á sarabanda:
E que estando tudo á banda
Sendo eu um pobre poeta,
Que nestas cousas me metta
Sem ter licença de Apollo:
Será; porém si sou tolo,
Effeitos são do cometa.

A FOME

QUE HOUVE NA BAHIA NO ANNO DE 1691

Toda a cidade derrota
Esta fome universal,
E uns dão a culpa total
Á Camara, outros á frota;
A frota tudo abarrota
Dentro dos escotilhões,
A carne, o peixe, os feijões;
E si a Camara olha e ri,
Porque anda farta até aqui,
É cousa que me não toca:
 Ponto em boca.

Si dizem que o marinheiro
Nos precede a toda a lei,
Porque é serviço do rei,
Concedo que está primeiro:
Mas tenho por mais inteiro

O Conselho que reparte,
Com igual mão e igual arte,
Por todos jantar e ceia;
Mas frota com tripa cheia,
E povo com pança ôca,
 Ponto em boca.

A fome me tem já mudo,
Que é muda a boca esfaimada,
Mas si a frota não traz nada,
Porque razão leva tudo?
Que o povo por ser sisudo
Largue o ouro, largue a prata
A uma frota patarata,
Que entrando com véla cheia,
O lastro, que traz de areia,
Por lastro de assucar troca:
 Ponto em boca.

Si quando vem para cá
Nenhum frete vem ganhar,
Quando para lá tornar
O mesmo não ganhará:
Quem o assucar lhe dá
Perde a caixa e paga o frete,
Porque o anno não promette
No negocio que o perder:
O frete por se dever
A caixa porque se choca.
 Ponto em boca.

Elle tanto em seu abrigo,
E o povo todo faminto,
Elle chora, e eu não minto,
Si chorando vo-lo digo:
Tem-me cortado o embigo
Este nosso General,
Por isso de tanto mal
Lhe não ponho alguma culpa;
Mas si merece desculpa
O respeito, a que provoca,
 Ponto em boca.

Com justiça pois me tórno
À Camara nó Senhora,
Que pois me trespassa agora,
Agora leve o retorno.
Praza a Deus que o caldo morno,
Que a mim me fazem cear
Da má vacca do jantar,
Por falta do bom pescado,
Lhes seja em cristéis lançado;
Mas si a saude lhes toca,
Ponto em boca.

RETRATO

DO GOVERNADOR ANTONIO LUIS DA CAMARA COUTINHO

Vá de retrato
Por consoantes;
Que eu sou Timantes
De um nariz de tocano côr de pato.

Pelo cabello
Começa a obra,
Que o tempo sobra
Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho
O pêllo untado,
Que de molhado,
Parece que sae sempre de mergulho.

Não pinto as faltas
Dos olhos baios,
Que versos raios
Nunca ferem sinão em coisas altas.

Mas a fachada
Da sobrançelha
Se me assimelha
A uma negra vassoura esparramada.

Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada

Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz que falia
Longe do rosto,
Pois na Sé posto
Na Praça manda pôr a guarda em ala.

Membro de olfactos,
Mas tão quadrado
Que um rei coroadado
O pôde ter por copa de cem pratos.

Tão temerario
É o tal nariz,
Que por um triz
Não ficou cantareira de um armario.

Você perdôe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando
E inda fica nariz em que se assôe.

Ao pé da altura
Do naso oiteiro
Tem o sendeiro
O que boca nasceu e é rasgadura.

Na gargantona,
Membro do gosto,
Está composto
O órgão mui subtil da voz fanhona.

Vamos á giba:
Porém que intento,
Si não sou vento
Para poder subir lá tanto arriba?

Sempre eu insisto
Que no horizonte
D'esse alto monte
Foi tentar o diabo a Jesu-Christo.

Chamam-lhe auctores,

Por fallar fresco,
Dorsum burlesco,
No qual _fabricaverunt peccatores_.

Havendo apostas
Si é home' ou féra,
Se assentou que era
Um caracol que traz a casa ás costas.

De grande arriba
Tanto se entona,
Que já blazona
Que engeitou ser canastra por ser giba.

Oh pico alçado!
Quem lá subira,
Para que vira
Si és Etna abrazador, si Alpe nevado.

Cousa pintada,
Sempre uma cousa,
Pois d'onde pousa
Sempre o vêm de bastão, sempre de espada.

Dos Sanctos Passos
Na bruta cinta
Uma cruz pinta;
A espada o pau da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
Para a dianteira,
Que na trazeira
O lhe vejo açoitado por nefando.

Si bem se infere
Outro fracaso,
Porque em tal caso
Só se açoita quem toma o _miserere_.

Pois que seria,
Si eu vi vergões?
Serão chupões
Que o bruxo do Ferreira lhe daria?

E a entezadeira
Do gram . . . ,
Que em sujo trapo
Se alimpa nos fundilhos do Ferreira.

Seguem-se as pernas,
Sigam-se embora,
Porque eu por ora
Não me quero embarcar em taes cavernas.

Si bem assento
Nos meus miolos,
Que são dois rôlos
De tabaco já podre e fedorento.

Os pés são figas
Á mór grandeza,
Por cuja empreza
Tomaram tanto pé tantas cantigas.

Velha coitada,
Cuja figura
Na architectura
Da pôpa da nau nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tocano,
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

MILAGRES DO BRAZIL

AO PADRE LOURENÇO RIBEIRO, HOMEM PARDO QUE FOI VIGARIO DA FREGUEZIA DE PASSÉ

Lourenço Ribeiro, clérigo e prégador, natural da Bahia, e, segundo se ros-nava, mulato, dava-se muito a compor trovas, que cantava nas sociedades ao som da cythara: este homem teve a indiscrição de mofar e desdenhar publicamente dos versos de Gregorio de Mattos. Chegou isto aos ouvidos do poeta, que offendido da fatuidade do cabrito, resolveu logo tirar a desforra, o que fez na seguinte satyra, á qual deu o titulo acima.

Um branco muito encolhido,
Um mulato muito ousado,

Um branco todo coitado,
Um canaz todo atrevido;
O saber muito abatido,
A ignorancia e ignorante
Muito ufana e mui farfante,
Sem pena ou contradicção:
Milagres do Brazil são.

Que um cão revestido em padre.
Por culpa da Sancta Sé,
Seja tão ousado que
Contra um branco honrado ladre;
E que ésta ousadia quadre
Ao bispo, ao governador,
Ao cortezão, ao senhor,
Tendo naus e maranhão:
Milagres do Brazil são.

Si este tal podengo asneiro
O pae o esvanece já,
A mãe lhe lembro que está
Roendo em um tamoeiro:
Que importa um branco cueiro,
Si o .. é tão denegrido;
Mas si no mixto sentido
Se lhe esconde a negridão,
Milagres do Brazil são.

Prega o perro frandulario,
E como a licença o cega,
Cuida que em pulpito prega,
E ladra em um campanario:
Vão ouvi-lo de ordinario
Tios e tias do Congo,
E si, suando o mondongo,
Elles só o gabo lhe dão,
Milagres do Brazil são.

Que ha de prégar o cachorro,
Sendo uma vil creatura,
Que não sabe de escriptura
Mais que aquella que o pôz forro?
Quem lhe dá ajuda e socorro

São quatro sermões antigos,
Que lhe vão dando os amigos;
E si amigos tem um cão,
Milagres do Brazil são.

Um cão é o timbre maior
Da ordem predicatoria,
Mas não acho em toda a historia
Que um cão fosse prégador,
Si nunca falta um senhor,
Que lhe alcance esta licença
De Lourenço por Lourença,
Que as pardas tudo farão,
Milagres do Brazil são.

Té em versos quer dar pennada,
E porque o genio desbroche,
Como é cão, a troche moche
Mette a unha e dá dentada:
O perro não sabe nada,
E si com pouca vergonha
Tudo abate, porque sonha
Que sabe alguma questão,
Milagres do Brazil são.

Do perro affirmam doutores
Que fez uma apologia
Ao Mestre da theologia,
Outra ao Sol dos prégadores:
Si da lua aos resplendores
Late um cão a noite inteira,
E ella, seguindo a carreira,
Luz com mais ostentação,
Milagres do Brazil são.

Que vos direi do mulato,
Que vos não tenha já dicto,
Si será amanhã delicto
Fallar d'elle sem recato?
Não faltará um mentecapto,
Que como villão de encerro
Sinta que dêem no seu perro,
E se ponha como um cão:

Milagres do Brazil são.

Imaginais que o insensato
Do canzarrão falla tanto
Porque sabe tanto ou quanto?
Não, sinão por ser mulato;
Ter sangue de carrapato,
Seu estoraque de Congo,
Cheirar-lhe a roupa a mondongo,
É cifra de perfeição:
Milagres do Brazil são.

A UM HOMEM HUMILDE QUE SE METTEU A FIDALGO

Cançado de ver pregar
Cultissimas prophecias,
Quero das cultinarias
Hoje o habito enforçar:
De que serve o rebentar
Por quem de mim não tem magua?
Verdades direi como agua,
Porque todos entendaes,
Os ladinos o os boçaes,
A Musa praguejadora.
Entendeis-me agora?

O fallar de intercadencia,
Entre silencio e palavra,
Crer que a testa se vos abra,
E encaixar-vos que é prudencia:
Alerta, homens de sciencia,
Que quer o Xisgaraviz
Que aquillo que vos não diz,
Por lh'o impedir a rudeza,
Avalieis madureza,
Sendo ignorancia traidora.
Entendeis-me agora?

Si notais ao mentecapto
A compra de Conselheiro,
O que nos custa dinheiro,
Isso nos sae mais barato:

E si na meza do trato
Da bolsa, ou da Companhia,
Virdes levar senhoria
Mechanicos deputados;
Crede que nos seus cruzados
Sangue esclarecido mora.
Entendeis-me agora?

Si hoje vos falla de perna
Quem não podia hontem ter
Ramo, de quem descender,
Mais que o da sua taverna;
Tende paciencia interna,
Pois foi sempre Dom dinheiro
Poderoso cavalheiro,
Que com poderes reaes
Faz eguaes aos deseguaes,
E conde ao villão cada hora.
Entendeis-me agora?

Si na comedia ou sainete,
Virdes que um Dom fidalgote
Lhe dá no seu camarote
A chicara do sorvete;
Havei dó do coitadete,
Pois numa chicara só
Seu dinheiro bebe em pó,
Que o senhor, cousa é sabida,
Lhe dá a chupar a bebida,
Para chupa-lo noutra hora.
Entendeis-me agora?

Não reputeis por favor,
Nem tenhais por maravilha
Vê-lo jogar a espadilha
Co'o marquez, co'o grão senhor;
Porque como é perdedor
E mofino adredemente,
E faz um sangue excellente
A qualquer dos ganhadores,
Qualquer d'aquelles senhores
Por fidalgo igual o afóra.
Entendeis-me agora?

A UMA BRIGA

QUE TEVE CERTO VIGARIO COM UM OURIVES POR CAUSA DE UMA MULATA

Naquelle grande motim,
Onde acudiu tanta gente,
A titulo de valente
Tambem veiu o Valentim:
Puxou pelo seu faim,
E tirando-lhe a barriga,
Você si quer que lh'o diga,
Disse ao ourives da prata,
Na obra d'esta mulata
Mette muita falsa liga.
 Briga, briga.

É homem tão desalmado,
Que por lhe a prata faltar,
E estar sempre a trabalhar
Bate no vaso sagrado?
Não vê que está excommungado
Porque com tanta fadiga
A peça da igreja abriga
Numa casa excommungada,
Com censura reservada,
Pela qual Deus o castiga?
 Briga, briga.

Porque com modos violentos
A um vigario tão capaz,
Sôbre os quatro que já traz,
.. lhe põe quatrocentos?
Deixe-se d'esses intentos,
E reponha a rapariga,
Pois a repô-la se obriga
Quando affirma que a possui;
E si ésta razão não conclue,
Vai ésta ponta á barriga.
 Briga, briga.

Senhor ourives, você
Não é ourives de prata?
Pois que era essa mulata,

Que cobre ou tambaca é?
Restitua a moça, que
É peça da igreja antiga;
Restitua a rapariga,
Que se vingará o vigario
Talvez no confessorio,
Ou talvez na desobriga:
 Briga, briga.

Á mulata ja lhe pêja
De trocar odre por odre,
Porque o leigo é membro podre,
E o padre é membro da igreja:
Sempre esta telha gotteja,
Sempre dá grão esta espiga:
E a obra da rapariga
Quer desfazer esta troca,
E deixando a vossa toca,
Quer fazer co'o padre liga:
 Briga, briga.

Largue-lhe a mulata, e seja
Logo logo a bom partido,
Que como tem delinquido,
Si quer recolher á igreja:
Porque todo o mundo veja
Que quando a carne inimiga
Tenta a uma rapariga,
Quer no cabo, quer no rabo,
A igreja vence o diabo
Como outra qualquer estriga:
 Briga, briga.

A PRISÃO DE DUAS MULATAS

POR UMA QUERELLA QUE D'ELLAS DEU O CELEBRE CAPITÃO DOMINGOS CARDOZO, DE ALCUNHA O MANGARÁ, PELO FURTO DE UM PAPAGAIO

CLAUSULAS

A quem não causa desmaio
Esta querella recente,
As mulatas na corrente
Em falta do papagaio?

Eu de verdade não caio
Nesta justiça em rigor:
Ora este tal prendedor
Quem seria, ou quem será?

Mangará.

Diz que em tudo tinha graça
A Jandaya, abrindo a boca,
Dizendo o seu toca toca,
Meu papagaio, quem passa?
Mangará, que vai á caça.
Porém na presente perda
Passará a beber ... ,
Que não faltará quem vá.

Mangará.

As mulatas no seu mal
Vão disfarçando a paixão,
Pois lhe deu dura prisão
O papagaio real.
Diz que para Portugal
Lindamente dava o pé;
Mas uma articula que
O contrario provará.

Mangará.

Provará que elle gostára,
E que não satisfizera,
E muitas cousas dissera
Si o papagaio fallára:
Que o capitão intentára
Pagar-lhe em bens de raiz,
Pois sendo mangará quiz
Transfigurar-se em cará.

Mangará.

Pondo-se o pleito em julgado,
Dar testemunhas procura.
Com o primo Rapadura,
E um compadre seu Melado:
Mas ha de ficar borrado,
Como o tal primo ficou,
Quando a mulata o purgou

Naquelle triste araçá.
Mangará.

Na gaiola ou passarada,
Onde as duas pobres vejo,
A primeira entrou sem pejo,
Mas a segunda pejada:
Arrebentou de embuchada
Um presoquinho pequeno,
Que creado com veneno
Damno jámais lhe fará.
Mangará.

Todo o povo, que isto vê,
Pergunta em seu desabono,
Não ao papagaio, ao dono,
Que casta de passaro é:
Eu por lhe fazer mercê
Dou definição cabal:
Um contrafeito asnaval,
Empenhado em Pirajá.
Mangará.

EPIGRAMMA

SOBRE VARIOS ASSUMPTOS

Sahiu a satyra má,
E empurraram-m'a os perversos,
Porque em quanto a fazer versos
Só eu tenho geito cá:
Noutras obras de talento
Só eu sou o asneirão;
Mas sendo satyra, então
Só eu tenho entendimento.

Acabou-se a Sé, e envolto
Na obra o Sete-caveiras
Enfermou de.,
E fez muito verso solto:
Tu, que o poeta motejas,
Sabe que andou acertado
Que pôr na obra o _louvado_
É costume das egrejas.

Correm-se muitos carneiros
Na festa das Onze mil,
E eu com notavel ardil
Não vou ver os cavalleiros:
Não os vou ver, não se espantem,
Que algum testemunho temo,
Sou velho, pelo que gemo,
Não quero que m'ò levantem.

Querem-me aqui todos mal,
E eu quero mal a todos,
Elles e eu por nossos modos
Nos pagamos tal por tal:
E querendo eu mal a quantos
Me têm odio tão vehemente,
O meu odio é mais valente,
Pois sou só, e elles tantos.

Algum amigo que tenho,
Si é que tenho algum amigo,
Me aconselha que o que digo
O cale com todo o empenho:
Este me diz, diz-me este outro
Que me não fie d'aquelle;
Que farei, si me diz d'elle
Que me não fie aquelle outro?

O Prelado com bons modos
Visitou toda a cidade.
É cortezão na verdade,
Pois nos visitou a todos;
Visitou-se a pura escripta
O povo e seus comarcãos,
E os réus de mui cortezãos
Hão de pagar a visita.

A cidade me provoca
Com virtudes tão commuas,
Ha tantas cruces nas ruas,
Quantas eu faço na boca:
Os diabos a seu centro
Foi cada um por seu cabo,

Nas ruas não ha um diabo,
Ha-os de portas a dentro.

As damas de toda côr,
Como tão pobre me veem,
As mais lástima me têm,
As menos me têm amor:
O que me têm admirado
É fecharem-me o poleiro
Logo acabado o dinheiro:
Deviam ter-m'o contado.

DESCREVE

O P. RACIONAL E VERDADEIRAMENTE QUEIXOSO OS EXTRAVAGANTES MEIOS COM QUE OS EXTRANHOS DOMINAM INDIGNAMENTE SOBRE OS NATURAES NA SUA PATRIA

ROMANCE

Senhora Dona Bahia,
Nobre e opulenta cidade,
Madrasta dos naturaes,
E dos estrangeiros madre.

Dizei-me por vida vossa
Em que fundais o dictame
De exaltar os que aqui vêm,
E abater os que aqui nascem.

Si o fazeis pelo interesse
De que os extranhos vos gabem,
Isso os paisanos fariam
Com conhecidas vantagens.

E supposto que os louvores
Em bocca propria não valem,
Si tem força essa sentença,
Mór força terá a verdade.

O certo é, patria minha,
Que foste terra de alarves,
E inda os resabios vos duram
D'esse tempo e d'essa idade.

Haverá duzentos annos,
Nem tantos podem contar-se,
Que ereis uma pobre aldêa,
Hoje sois rica cidade.

Então vos pizavam Indios,
E vos habitavam Cafres,
Hoje chispais fidalguias,
E arrojais personagens.

A essas personagens vamos,
Sôbre ellas será o debate,
E Deus queira que o vencer-vos
Para envergonhar-vos baste.

Sae um pobrete de Christo
De Portugal ou de Algarve,
Cheio de drogas alheias
Para d'ahi tirar gages.

O tal foi sóta tendeiro
De um christão novo em tal parte,
Que por aquelles serviços
O despachou a embarcar-se.

Fez-lhe uma carregação
Entre amigos e compadres,
E ei-lo commissario feito
De linhas, lonas, beirames.

Entra pela barra dentro,
Dá fundo, e logo a entonar-se
Começa a bordo da nau
Co'um vestidinho flammante.

Salta em terra, toma casas,
Arma a botica dos trastes,
Em casa come balêa,
Na rua antoja manjares.

Vendendo gato por lebre,
Antes que quatro annos passem
Já tem tantos mil cruzados,

Conforme affirmam pasguates.

Começam a olhar para elle
Os paes, que já querem dar-lhe
Filha e dote, porque querem
Homem que coma e não gaste.

Que esse mal ha nos mazombos:
Têm tão pouca habilidade,
Que o seu dinheiro despendem
Para haver de sustentar-se.

Casa-se o meu matachim,
Põe duas negras e um pagem,
Uma rede com dous Minas,
Chapéu de sol, casas grandes.

Entra logo nos pelouros,
E sae do primeiro lance
Vereador da Bahia,
Que é notavel dignidade.

Já temos o canastreiro,
Que inda fede aos seus beirames,
Metamórphosis da Terra,
Transformado em homem grande:
E eis-aqui a personagem.

Vem outro do mesmo lote,
Tão pobre e tão miseravel,
Vende os retalhos, e tira
Commissão com coiro e carne.

Co'o principal se levanta,
E tudo emprega no Iguape,
Que um engenho e tres fazendas
O tem feito um homem grande.
E eis aqui a personagem.

De entre a chusma e a canalha
Da maritima bagagem,
Fica ás vezes um christão,
Que apenas benzer-se sabe.

Fica em terra resoluto
A entrar na ordem mercante,
Troca por covado e vara
Timão, balestilha e mares.

Arma-lhe a tenda um ricaço,
Que a terra chama magnate,
Com pacto de parceria,
Que em Direito é sociedade.

Com isto o marinheiraz
Do primeiro jacto ou lance
Bota fóra o .. breado,
As mãos assimilha em guantes.

Vende o cabedal alheio
E dá com elle em levante,
Vai e vem, e ao dar das contas
Diminue, e não reparte.

Prende aqui, prende acolá,
Nunca falta um bom compadre,
Que ou entretenha o credor,
Ou faça esperar o alcaide.

Passa um anno, e outro anno,
Esperando que elle pague,
Que uns lhe dão para que ajuncte,
E outros para que engane.

Nunca paga, e sempre come,
E quer o triste mascate,
Que em fazer a sua estrella
O tenham por homem grande.

O que elle fez foi furtar,
Que isso faz qualquer birbante,
Tudo o mais lhe fez a terra,
Sempre propicia aos infames:
E eis aqui a personagem.

Vem um clerigo idiota,

Desmaiado como um gualde,
Os vícios com seu bioco,
Com seu rebuço as maldades.

Mais sancto do que Mafoma
Na crença dos seus Arabes,
Lettrado como um matullo
E velhaco como um frade.

Hontem simples sacerdote,
Hoje uma gran'dignidade,
Hontem selvagem notorio,
Hoje encoberto ignorante.

A tal beato fingido
É força que o povo acclame,
E os do governo se obriguem,
Pois edifica a cidade.

Chovem uns e chovem outros
Co'os officios e os logares,
E o beato tudo apanha
Por sua muita humildade.

Cresce em dinheiro e em respeito,
Vai remettendo as fundagens,
Compra toda a sua terra,
Com que fica um homem grande:
E eis aqui a personagem.

Vêm outros lotes de requiem,
Que indo a tomar o character,
Todo o Reino inteiro cruzam
Sobre a chança viandante.

De uma provincia para outra
Como dromedarios partem,
Caminham como camellos,
E comem como selvagens.

Mariolas de missal,
Lacaios missa-cantantes,
Sacerdotes ao burlesco,

Ao serio ganhões de altares.

Chega um d'estes, e toma amo,
Que as capellas dos magnates
São rendas que Deus creou
Para estes Orate fratres.

Fazem-lhe certo ordinario,
Que é dinheiro na verdade
Que o Papa reserva sempre
Das cêas e dos jantares.

Não se gasta, antes se embolsa,
Porque o reverendo padre
É do sancto neque demus
Meritissimo confrade.

Com este cabedal juncto
Já se resolve a embarcar-se,
Vai para a sua terrinha
Com fumos de ser abbade:
E eis aqui a personagem.

Vêem isto os filhos da terra
E entre tanta iniquidade,
São taes que nem inda tomam
Licença para queixar-se.

Sempre vêm, e sempre callam,
Até que Deus lhes depare
Quem lhes faça de justiça
Esta satyra á cidade.

Tão queimada e destruida
Te vejas, torpe cidade,
Como Sodoma e Gomorra,
Duas cidades infames.

Que eu zombe dos teus visinhos,
Sejam pequenos ou grandes,
Gozos, que por natureza
Nunca mordem, sempre latem.

Porque espero entre os Paulistas
Na Divina Magestade,
Que a ti São Marçal te queime,
E a mim São Paulo me guarde.

RETRATO

DO GOVERNADOR ANTONIO DE SOUSA DE MENEZES CHAMADO O
BRAÇO DE PRATA

SYLVA

Oh! não te espantes não, dom Antonia,
Que se atreva a Bahia
Com expremida voz, com plectro esguio,
Cantar ao mundo teu rico feitio,
Porque é já velho em poetas elegantes
O cahir em torpezas semelhantes.

Da pulga acho que Ovidio tem já escripto,
Luciano do mosquito,
Das rans Homero, e d'estes não desprézo,
Que escreveram materia de mais pezo
Do que eu, que canto cousa mais delgada,
Mais chata, mais subtil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata,
Meu Dom Braço de prata,
Cuidei que a esta cidade, tonta e fatua,
Mandava a Inquisição alguma estatua,
Vendo tão expremido salvajola,
Visão de palha sobre um mariola.

O rosto de azarcão afogueado,
E em partes mal untado,
Tão cheio o corpazil de godilhões,
Que o tive por um sacco de melões,
Vi-te o braço pendente da garganta,
E nunca prata vi com liga tanta!

O bigode fanado posto ao ferro
Está alli num desterro,
E cada pello em solidão tão rara,
Que parece ermitão da tua cara;
De cabelleira tal affirmam cegos

Que a mandaste comprar no Arco dos pregos.

Olhos sempre á porta,
Me têm esta alma absorta,
Principalmente vendo-lhe as vidraças
Nos grosseiros caixilhos das couraças;
Cangalhas que formaram luminosas
Em dois arcos de pipa duas ventosas.

De muito cego, e não de malquerer,
A ninguém pôdes ver,
Tão cego és que não vês teu prejuizo,
Sendo cousa que se olha com o juizo;
Tu és mais cego do que eu, que te susurro,
Que em te olhando não vejo mais que um burro.

Chato o nariz, de cócaras sempre posto,
Te corre todo o rosto
De gatinhas buscando algum jazigo,
Aonde o desconheçam por embigo,
Té que se esconde d'onde mal o vejo,
Por fugir ao fedor do teu bocejo.

Faz-lhe tal visinhança a tua bocca
Que com razão não pouca
O nariz se recolhe para o centro,
Mudado para os baixos lá de dentro,
Surge outra vez, e vendo a baforada,
Lhe fica alli a ponta um dia engastada.

Pernas e pés defendem a tua cara
Velhaca, e quem cuidára,
Tomando-te a medida das cavernas,
Se movesse tal corpo com taes pernas?
Cuidei que eras rossim das Alpujarras,
E já frizão te digo pelas garras.

Um cazaquim trazias sobre o coiro,
Qual odre, a quem o toiro
Uma e outra cornada deu traidora,
E lhe deitou de todo o vento fóra;
Tal vinha o teu vestido de enrugado,
Que o tive por um odre esfuracado.

O que te vir ser todo rabadilha
Dirá que te perfilha
Uma quaresma, chato percevejo,
Por arenque de fumo ou por badejo;
Sem carne e osso, quem ha ahí que creia
Sinão que és descendente de lampreia?

Livre-te Deus de um sapateiro ou xastre,
Que te temo um desastre;
E é que por sovêla ou por agulha
Armam sobre levar-te alguma bulha,
Porque, depositando-te a justiça,
Será num agulheiro ou em cortiça.

Na esquerda mão trazias a bengala,
E, ou por força ou por gala,
No sovaco por vezes a mettias,
Só por fazer infindas cortezias,
Tirando ao povo, quando te destapas,
Entonces o chapéu, agora as capas.

Fundia-se a cidade em carcajadas,
Vendo as duas entradas
Que fizeste do mar a Sancto Ignacio,
E depois do Collegio a teu palacio,
O rabo erguido em cortezias mudas,
Como quem pelo .. tomava ajudas.

Ao teu palacio te acolheste, e logo
Casa armaste de jogo,
Ordenando as merendas por tal geito,
Que a cada jogador se dá um confeito:
Dos tafues um confeito era um bocado,
Sendo tu pela cara o enforcado.

Depois déste em fazer tanta parvoice,
Que ainda que o povo risse
A principio, cresceu depois a tanto
Que chegou a chorar com triste pranto:
Chora-se nú de um roubador de falso,
E vendo-te eu de riso me descalço.

Chinga-te o negro, o branco te pragueja,
E a ti nada te aleja;
E por teu sem-sabor e pouca graça
És fabula do lar, riso da praça,
Té que a bala, que o braço te levára,
Venha segunda vez levar-te a cara!

AO CONFESSOR

DO ARCEBISPO D. FREI JOÃO DA MADRE DE DEUS

Eu, que me não sei calar,
Mas antes tenho por mingua,
Não purgar-se qualquer lingua,
A risco de arrebentar:
Vos quero, amigo, contar
(Pois sois o meu secretario)
Um successo extraordinario,
Um caso tremendo e atroz:
Porém fique aqui entre nós.

Do confessor jesuita,
Que ao ladrão do confessado
Não só absolve o peccado,
Mas os fructos lhe alcovita:
Do precursor da visita,
Que na vanguarda marchando,
Vai pedindo e vai tirando,
O demo ha de ser algoz:
Porém fique aqui entre nós.

O ladronaço em rigor
Não tem para que dizer
Furtos, que antes de os fazer
Já os sabe o confessor:
Cala-os, para ouvir melhor,
Pois, com officio alternado,
Confessor e confessado
Alli se barbeam sós:
Porém fique aqui entre nós.

Aqui o ladrão se consente
Sem castigo e com escusa,
Porque do mesmo se accusa

O confessor delinquente:
Ambos alternadamente,
Um a outro e outro a um,
O peccado, que é commum,
Confessa em commua voz:
Porém fique aqui entre nós.

Um e outro, á mór cautela,
Vem a ser neste incidente
Confessor e penitente;
Porém fique ella por ella.
O demo em tanta mazella
Diz: faço, porque façais;
Absolvo, porque absolvais;
Pacto inopinado poz:
Porém fique aqui entre nós.

Não se dá a este ladrão
Penitencia em caso algum;
E sómente em um jejum
Se tira a consolação:
Elle estará como um cão
De levar a bofetada;
Mas na cara ladrilhada
Emenda o pejo não poz:
Porém fique aqui entre nós.

Mechanica disciplina
Vem a impor por derradeiro
O confessor marceneiro
Ao peccador carapina:
E como qualquer se inclina
A furtar e mais furtar,
Se conjura a escavacar
As bolças co' um par de enxós:
Porém fique aqui entre nós.

O tal confessor me abysma,
Que revele, e não se offenda,
Que um frade sagrado venda
O sagrado oleo da Chrisma.
Por dinheiro a gente chrisma,
E por cera, havendo queixa,

Que nem a da orelha deixa
Onde chrismando a mão poz:
Porém fique aqui entre nós.

Que em toda a franciscania
Não achasse um mau ladrão,
Que lhe ouvisse a confissão,
Mais que um padre da _Apanhia_!
Nisto, amigo, ha sympathia;
E é que lhe veiu a pêllo
Que um vá atando no orello
O que o outro mette no coz:
Porém fique aqui entre nós.

Que tanta culpa mortal
Se absolva? eu perco o tino;
Pois absolve um theatino
Peccados de pedra e cal:
Quem em vida monacal
Quer dar á filha um debate
Condemnando em dote ou date,
Vem a dar-lhe o pão e a noz:
Porém fique aqui entre nós.

As freiras com sanctas sêdes
Saem condemnadas em pedra,
Quando o ladronaço medra,
Roubando pedra e paredes.
Vós, amigo, que isto vêdes,
Deveis a Deus graças dar
Por nos fazer secular,
E não zote de albernoz:
Porém fique aqui entre nós.

EM 1686 DIMINUIRAM

AQUELLE VALOR A QUE SE HAVIA ERGUIDO A MOEDA QUANDO O
P. ESTAVA NA CÔRTE, ONDE ENTÃO COM SEU ALTO JUIZO SENTIU
MAL DO ARBITRISTA QUE ASSIM O ACONSELHÁRA A EL-REI, COMO
SE ENTENDE NAQUELLES VERSOS CONTRA ELLE FEITOS:

Sendo pois o alterar da moeda
O assopro, o arbitrio, o ponto e ardil,
De justiça a meu ver se lhe devem

As honras que teve Ferraz e Soliz.

E agora com experiencia dos malos que padocia a Republica nestas alterações so jacta de o haver extranhado então, julgando estos malos por incentivo de outros maiores.

Tractam de diminuir
O dinheiro a meu pezar,
Que para a cousa baixar
O melhor meio é subir:
Quem via tão alto ir,
Como eu vi ir a moeda,
Lhe prognosticou a queda,
Como eu lh'a prognostiquei:
Dizem que o mandou El-Rei,
Quer creais, quer não creiais,
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Mandam a força do fado,
Por ser justo que o dinheiro
Baixe a seu valor primeiro
Depois de tão levantado:
O que se vir sublimado
Por ter mais quatro mangabas,
Hão de peza-lo ás oitavas,
E por leve hão de engeita-lo:
E si com todo este abalo
Por descontentes vos dais,
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

As pessoas de quem rezo
Hão de ser como o ferrollho:
Val pouco tomado a olho,
Val menos tomado a pezo.
Os que prézo, e que desprézo,
Todos serão de uma casta,
E só moços de canasta,
Entre veras e entre chanças
Com pezos e com balanças
Vão á justiça os mais:
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Porque como em Maranhão
Mandam novelos á praça,

Assim vós por esta traça
Mandareis o algodão:
Haverá permutação,
Como ao principio das gentes,
E todos os contrahentes
Trocarão droga por droga,
Pão por sal, lenha por soga,
Vinhas por cannaviaes:
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Virá a frota para o anno,
E que leve vos agouro,
Si não tudo a pezo de ouro,
A pezo tudo de engano:
Não é o valor deshumano,
Que a cada oitava se dá,
Da prata, que corre cá,
Pelo meu fraco conceito;
Mas o cobrar fiel direito,
E obliquo quando pagais:
Não vos espanteis, que inda lá vem mais.

Bem merece esta cidade
Esta afflicção, que a assalta,
Pois os dinheiros exalta
Sem real auctoridade:
Eu si hei de fallar verdade,
O aggressor do delicto
Devia ser só afflicto:
Mas si estão tão descançados,
Talvez que sejam chamados
Nesta frota que esperais:
Não vos espanteis, que ainda lá vem mais.

RETRATO

DO PADRE DAMASO DA SILVA

Pois me enfada o teu feitio,
Quero, Frizão, neste dia
Retratar-te em quatro versos
Ás maravi, maravi, maravilhas.
Ouçam e olhem,
Venham, venham, verão

O Frizão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi, maravi, maravilhas.

A cara é um fardo de arroz,
Que, por larga e por comprida,
É ração de um elephante
Vindo da India.
Ouçam e olhem,
Venham, venham, verão
O Frizão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi, maravi, maravilhas.

A bocca desempedrada
É a ponte de Coimbra,
Onde não entram nem sahem
Mais que mentiras.
Ouçam e olhem,
Venham, venham, verão
O Frizão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi, maravi, maravilhas.

Não é a lingua de vacca
Pelo maldizente e maldicta,
Mas pelo muito que corta
De tiririca.
Ouçam e olhem,
Venham, venham, verão
O Frizão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi, maravi, maravilhas.

No corpazil torreão
A natureza prevista
Formou a fresta da bocca
Para guarita.
Ouçam e olhem,
Venham, venham, verão
O Frizão da Bahia,
Que está retratado
Às maravi, maravi, maravilhas.

Quizera as mãos comparar-lhe
 Às do gigante Golias,
 Si as do gigante não foram
 Tão pequeninas.
 Ouçam e olhem,
 Venham, venham, verão
 O Frizão da Bahia,
 Que está retratado
 Às maravi, maravi, maravilhas.

Os ossos de cada pé
 Encher podem de reliquias
 Para toda a christandade
 As sacristias.
 Ouçam e olhem,
 Venham, venham, verão
 O Frizão da Bahia,
 Que está retratado
 Às maravi, maravi, maravilhas.

É grande Conimbricense
 Sem jámais pôr pé em Coimbra,
 E sendo ignorante sabe
 Mais que gallinha.
 Ouçam e olhem,
 Venham, venham, verão
 O Frizão da Bahia,
 Que está retratado
 Às maravi, maravi, maravilhas.

Como na lei de Mafoma
 Não se argumenta, e se briga,
 Elle, que nada argumenta,
 Tudo porfia.
 Ouçam e olhem,
 Venham, venham, verão
 O Frizão da Bahia,
 Que está retratado
 Às maravi, maravi, maravilhas.

MARINICOLAS

Marinicolas todos os dias

O vejo na sege passar por aqui,
Cavalheiro de tão lindas partes,
Como, verbi gratia, Londres e Pariz.

Mais fidalgo que as mesmas estrellas,
Que as doze do dia viu sempre luzir,
Que seu pae por não sei que desastre
Tudo o que comia vinha pelo giz.

Peneirando-lhe os seus avelorios,
É tal a farinha do nympho gentil,
Que por machos é sangue Tudesco,
Porém pelas femeas humor meretriz.

Um avô, que rodou esta côrte
Num coche de quatro de um Dom Beleaniz,
Sôbre mulas foi tão attractivo,
Que as Senhoras todas trouxe atraz de si.

Foi um grande verdugo de bestas,
Pois co'um azorrague e dois borzeguins,
Ao compás dos maus passos que davam
Lhes ia cantando o lá, sol, fá, mi.

Marinicolas era muchacho
Tão gran' rabaceiro de escumas de rins,
Que jámais para as toucas olhava,
Por achar nas calças melhor fraldelim.

Sendo já sumilher de cortina
De um xastre de barbas, saiu d'aprendiz
Dado só ás lições de canudo,
Rapante de especie de .. viril.

Cabrestilhos tecendo em arames,
Tão pouco lucrava no patrio paiz,
Que se foi dando velas ao vento
Ao reino dos Servos, não mais que a servir.

Lá me dizem que fez carambola
Com certo Cupido, que fôra d'aqui
Empurrado por uma Sodoma,
No anno de tantos em cima de mil.

Por signal que no sitio nefando
Lhe poz a ramella do olho servil
Um travesso, porque de cadeira
A seus .. servisse aquelle ambar gris.

Mordeduras de perro raivoso
Có o pello se curam do mesmo mastim,
E aos mordidos do rabo não póde
O sumo do rabo de cura servir.

Tanto em fim semeou pela terra,
Que havendo colhido bastante quattrim,
Resolvendo a ser Perotangas
Cruzou o Salobre, partiu o Zenith.

Avistando este nosso hemispherio,
Calou pela barra em um bergantim,
Poz em terra os maiores joanetes
Que viram meus olhos desde que nasci.

Pretendendo com recançanilhas
Roubar as guaritas de um salto subtil,
Embolçava com alma de gato,
A risco de sape, dinheiro de miz.

Sinão quando na horta do Duque
Andando de ronda um certo malsim,
Estumando-lhe um cão pechelingue
O demo do gato botou o seutil.

Marinicolas vendo-se entonces
De todo expurgado sem maravedi,
Alugava rapazes ao povo,
Por ter de caminho de quem se servir.

Exercendo-os em jogos de mãos
Tão lestos os tinha o destro arlequim,
Que si não lhes tirára a peçonha
Ganhára com elles dois mil potosis.

A tendeiro se poz de.....
E na taboleta mandou esculpir

Dois cachopos, e a lettra dizia:
Os ordenhadores se alquilam aqui.

Tem por mestre do terço.....
Um pagem de lança, que Marcos se diz,
Que si em casa anda ao rabo d'elle,
O traz pela rua ao rabo de si.

Uma tarde em que o perro celeste
Do sol acozado se poz a latir,
Marinicola estava com Marcos
Limpendo-lhe os moncos de certo nariz.

Mas sentindo ruido na porta,
Aonde batia um Gorra civil,
Um e outro se poz em fugida,
Temiendo los dientes de algun javali.

Era pois o baeta travesso:
Si um pouco de antes aportára alli,
Como sabe latim o baeta,
Pudiera cogerlos en un má latin.

Ao depois dando d'elle uma força
As alcoviteiras do nosso confim,
Lhe valeu no sagrado da egreja
O nó indissoluvel de um rico mongil.

Empossado da simples consorte
Cresceu de maneira naquelles chapins,
Que inda hoje dá graças infindas
Aos falsos informes de _quis_, _quid_ e _quid_.

Não obstante pagar de vazio
O sancto hymeneu um picaro vil,
Se regala á ufa do sogro,
Comendo e bebendo como mochachim.

Com chamar-se prudente com todos,
Que muitos babosos o têm para si,
Elle certo é o meu desenfado,
Que um tolo prudente dá muito que rir.

É dotado de um entendimento
Tão vivo e esperto, que fôra um Beliz,
Si lhe houvera o juizo illustrado
Um dedo de grego, outro de latim.

Entre gabos o triste idiota
Tão pago se mostra dos seus gorgotis,
Que nascendo sendeiro de gemma,
Quer á fina força metter-se a rossim.

Deu agora em famoso arbitrista,
E quer por arbitrios o triste malsim
Que o vejamos subir á Excellencia,
Como diz que vimos Montalvão subir.

Sendo pois o alterar a moeda
O assopro, o arbitrio, o ponto e o ardil,
De justiça, a meu ver, se lhe devem
As honras que teve Ferraz e Soliz.

Dêm com elle no alto da força,
Adonde o fidalgo terá para si
Que é o mais estirado de quantos
Beberam no Douro, mijaram no Rim.

Si o intento é bater-se moeda,
Correrem-lhe gages e ser mandarim,
Porque andando a moeda na forja
Se ri de Cuama, de Sena e de Ophir?

Sempre foi da moeda privado,
Mas vendo-se agora Senhor e Juiz,
Condemnando em portaes a moeda,
Abriu ás unhas portas para si.

Muito mais lhe rendeu cada palmo
D'aquella portada que dois potosis;
Muito mais lhe valeu cada pedra
Que vale un ochavo de Valladolid.

Pés de puas com topes de seda,
Cabellos de cabra com pós de marfim,
Pés e puas de riso motivo,

Cabellos e topes motivo de rir.

Uma tia, que abaixo do muro
Lacões esquarteja, me dizem que diz:
Sua Alteza sem ir meu sobrinho
A nada responde de não ou de sim.

Pois a prima da rua do Saco
Tambem se reputa de todos alli,
Que a furaram como velador
Para o garavato de certo candil.

Outras tias me dizem que foram
Tão fortes gallegas, e tão varonis,
Que sobre ellas foi muito mais gente
Do que sobre Hespanha em tempo do Cid.

Catharina conigibus era
Uma das avôas da parte viril,
D'onde vem conixarem-se todas
As conigibundas do tal genesis.

Despachou-se com habito e tença
Por grandes serviços, que fez ao Sofi,
Em matar nos fieis Portuguezes
De puro enfadonho tres ou quatro mil.

E porque de mechanica tanta
Não foi dispensado, tenho para mim
Que em usar da mechanica falsa
Se soube livrar da mechanica vil.

É possível que calce tão alto
A baixa vileza de um sujo escarpim,
Para o qual não é a agua bastante
Da grossa corrente do Gualdaquibir?

Marinicolas é finalmente
Sugeito de prendas de tanto matiz,
Que está hoje batendo moeda,
Sendo ainda hontem um vilão ruim.

AO BRAÇO FORTE

ESTANDO PRÊSO POR ORDEM DO GOVERNADOR BRAÇO DE PRATA
ROMANCE

Prêso entre quatro paredes
Me tem Sua Senhoria,
Por regatão de despachos,
Por fundidor de mentiras.

Dizem que eu era um velhaco,
E mentem por vida minha,
Que o velhaco era o Governo,
E eu a velhacaria.

Quem dissera, quem pensára,
Quem cuidára, e quem diria,
Que um braço de prata velha,
Pouca prata, e muita liga;

Tanto mais que o braço forte
Fosse forte, que poria
Um Cabo de calabouço,
E um soldado de golilha?

Porém eu de que me espanto,
Si nesta terra maldicta
Póde uma ovelha de prata
Mais que dez onças de alquima?

Quem me chama de ladrão
Erra o trinco á minha vida;
Fui assassino de furtos,
Mandavam-me, obedecia.

Despachavam-me a furtar,
E eu furtava, e abrangia:
Serão boas testemunhas
Inventarios e partilhas.

E eu era o ninho de guincho,
Que sustentava e mantinha
Co' o suor das minhas unhas
Mais de dez aves rapinas.

O povo era quem comprava,
O General quem vendia,
E eu triste era o corrector
De tão torpes mercancias.

Vim depois a aborrecer,
Que sempre no mundo fica
Aborrecido o traidor,
E a traição muito bemquista.

Plantar o ladrão de fóra
Quando a ladroice fica,
Será limpeza de mãos,
Mas de mãos mui pouco limpas.

Elles guardaram o seu
Dinheiro, assucar, farinhas,
E até a mim me embolsaram
Nesta hedionda enxovia.

Si foi bem feito, ou mal feito,
O sabe toda a Bahia;
Mas si á traição me fizeram,
Com elles a traição fica.

Eu sou sempre o Braço forte,
E nesta prisão me anima
Que si é casa de peccados,
Os meus foram ninharias.

Todo este mundo é prisão,
Todo penas e agonias,
Até o dinheiro está prêso
Em um sacco que o opprima.

A pipa é prisão do vinho;
E da agua fugitiva,
Sendo tão livre e ligeira,
É prisão qualquer quartinha.

Os muros de pedra e cal
São prisão de qualquer villa,
Da alma é prisão o corpo,

Do corpo é qualquer almilha.

A casca é prisão da fructa,
Da rosa é prisão a espinha,
O mar é prisão da terra,
A terra é prisão das minas.

Do ar é carcere um odre,
Do fogo é qualquer pedrinha,
E até de um céu outro céu
É uma prisão crystallina.

Na formosura e donaire
De uma muchacha divina
Está presa a liberdade,
E na paz a valentia.

Pois si todos estão presos,
Que me cansa ou me fadiga,
Vendo-me em casa de El-Rei,
Juncto a Sua Senhoria?

Chovam prisões sobre mim,
Pois foi tal minha mofina,
Que a quem dei cadêas de ouro,
De ferro m'as gratifica.

Á D. JOÃO DE ALENCASTRE

QUE VINDO DO GOVERNO DE ANGOLA POR ESCALA A BAHIA, E ESTANDO NELLA HOSPEDE DO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ GONÇALVES DA CAMARA COUTINHO, SEU CUNHADO, EM CUJO DESAGRADO SE ACHAVA O P, SE QUEIXOU DE QUE ESTE O NÃO HOUVESSE VISITADO, PEDINDO-LHE QUE AO MENOS LHE FIZESSE UMA SATYRA POR OBSEQUIO

A quem não dá aos fieis,
Perdão se lhe ha de outorgar,
E eu hoje vo-lo hei de dar,
Pedindo me perdoeis:
Dou-vos o que mais quereis,
E o que pedis por favor,
Que quando chega um senhor
A pedir por não mandar,

Mal lhe podia eu faltar
Co' uma satyra em louvor.

Não fui beijar-vos a mão,
E dar-vos a bem chegada,
Porque nessa alta morada
Nunca tive introducção:
Até agora a indignação
Não quiz tão altivo tracto,
Mas hoje é quasi distracto,
Porque em todo o mundo inteiro
De fidalgo e de escudeiro
São brincos de cão com gato.

Os fidalgos e os senhores
Fartos de jurisdicção
Fazem tudo e tudo dão
Á amigos e servidores:
Os que jogam de maiores
Por sangue, e não por poder,
Fazem jogo de entreter,
Porque o sangue desigual
Sempre bota ao natural,
E o mando bota a perder.

Perdoae a digressão,
Porque esta preluxidade
É boa luz da verdade
E excusa satyra então:
Quando se offereça occasião,
Meu senhor, de que vos veja
(Na igreja ou na rua seja)
Hei de prender-vos os pés,
E estai certo, que essa vez
Vos não valerá a Igreja.

Estou na minha quintinha,
Que é chacara soberana,
Ora comendo a banana,
Jogando ora a laranginha:
Nem vizinho, nem vizinha
Tenho, porque sempre cança,
Quem tudo vê e nada alcança,

E na cidade são raros
Os olhos, que não são claros,
Si olhos são de vizinhança.

Mas inda que desterrado
Me tem o fado e a sorte
Por um Juiz de má morte,
De quem não tenho appellado:
É hoje, que sois chegado,
Senhor, o tempo em que appelle,
Fazei, que el-rei o desvele
Pagar o serviço meu,
Pois é bizarro, e só eu
Não vim muito pago d'elle.

A JOÃO GONÇALVES DA CAMARA COUTINHO

FILHO DO DITO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ GONÇALVES DA CAMARA, TOMANDO POSSE DE UMA COMPANHIA DE INFANTES EM DIA DE S. JOÃO BAPTISTA, ASSISTINDO-LHE DE SARGENTO SEU TIO DOM JOÃO DE ALENCASTRE

No culto que a terra dava,
Equivocava-se a vista,
Si celebrava ao Baptista,
Si a Coutinho celebrava:
Um e outro João estava
Arrojando a sua planta
Tanto applauso e festa tanta;
Mas viu-se, que ao mesmo dia
Em que o Baptista cahia,
O Coutinho se levanta.

Viu-se que um João Baptista
Na terça feira cahira,
E que o outro João subira
A imperar nesta Conquista:
Mas não se enganou a vista
Por desacerto ou desgraça,
Antes com divina traça
Se notou e se advertiu,
Que si um com graça cahiu,
Outro nos cahiu em graça.

Brava occurrencia se achou
No Martyrologio então,
O dia era de um João,
E outro João lh'o levou:
Toda a cidade assentou
Por razão e por carinho,
Ser mais acerto e alinhio
Preferir entre dous grandes
Como um Silva a um Fernandes,
A um Baptista um Coutinho.

Mais concurrencias se deram
Porque pasmasse a Bahia,
Dous num dia ha cada dia,
Mas tres nunca concorreram:
Tres de um nome então vieram,
E qual mais para applaudido;
E assim confuso o sentido,
Ficou, com tão nova traça,
Restaurada a nossa Praça
E o Kalendario aturdido.

Si de um só João no dia
Se abalára a Christandade,
Por tres de tal qualidade
Quem se não abalaria?
Tudo quanto então se via,
Se via com grande abalo,
Um mar de fogo a cavallo,
A pé um Etna de flores,
E por ver tantos primores
O céu dava tanto estalo.

A ver o grande Lencastro
Quem não fez do aperto graça?
Si sahiu o Sol á Praça
Fazer Praça á tanto astro?
O bronze pois e alabastro,
Por solemnizar a gloria,
Consentiram que esta historia
Fique, por mais segurança,
Nos archivos da lembrança,
Nos volumes da memoria.

A PEDRO ALVRES DA NEIVA
QUANDO EMBARCOU PARA PORTUGAL
ROMANCE

Adeus, amigo Pedro Alvres,
Que vos partistes d'aqui
Para geral desconsolo
D'este povo do Brazil.

Partiste-vos, e oxalá
Que então vos vira eu partir,
Que sempre um quarto tomára
A libra por dous seitis.

Puzera o quarto em salmoura
E no fumeiro o pernil,
O pé não, porque me dizem
Que vos fede o escarpim.

Guardára o quarto de sorte,
Que se vos podera unir
Na surreição dos auzentes
Quando tornasseis aqui.

Mas vós não fostes partido,
Mente quem tal cousa diz;
Antes fostes muito inteiro,
E sem se vos dar de mim.

Saudades não as levastes,
Deixaste-las isso sim,
Porque de todo este povo
Ereis o folgar e rir.

Desenfado dos rapazes,
Das moças o perrixil,
O burro da vossa casa,
E da cidade o rossim.

Lá ides por esses mares,
Que são vidraças do anil,
Semeando de asnidades

Toda a vargem zaphir.

O piloto e a companha
Apostarei que já diz
Que vai muito arrependido
De ires no seu camarim.

O homem se vê e deseja,
E desesperado emfim,
Acceita que a nau se perca,
Por vos ver fóra de si.

Deseja ver-vos luctando
Sôbre o elemento subtil,
Onde um tubarão vos parta,
Vos morda um darimdarim.

Deseja que os peixes todos
Tomem accôrdo entre si
De vos darem nos seus buchos
Sepultura portatil.

Sente que em amanhecendo
A fina força ha de ouvir
Os bons dias de uma bocca,
Cujo bafo é tão ruim.

Sente que não empregando
Nem um só maravedí
Em queijos frescos, a elles
Vos trezande o chambaril.

Mas vós heis de ir a Lisboa
Apezar de villão ruim,
E el-rei vos ha de fazer,
Com mil mercês, honras mil.

Os cavalheiros da côrte,
Trazendo-vos juncto a si,
Vos hão de dar como uns doidos
Piparotes no nariz.

E como vós sois doente

De fidalgos phrenesis,
Por ficar afidalgado
Toda a mofa heis de rustir.

O que trazeis de vestidos,
Uns assim, outros assim,
Sereis o moda dos modas,
E o modelo dos Torins.

A conta d'isto me lembro,
Quando em Marapé vos vi
Vestido de pimentão,
Com fundos de flor de liz.

Em verdade vos affirmo
Que então vos suppuz e cri
Surrada tapeçaria,
Tisnado guadamecim.

O que dizeis de mentiras,
Quando tomardes aqui,
Amizades de um visconde,
Favores de um conde vis.

Valído de um tal ministro,
Cabido de um tal juiz,
E até do mesmo Cabido
Leiguissimo mandarim.

El-rei me fez mil favores,
Mil favores, mais de mil,
Bem fez com que eu lá ficasse,
Mas não o pude servir.

Quem casou, como eu casei,
Com mulher tão senhoril,
É captivo de um ferreiro,
Não me posso dividir

De el-rei é a minha cabeça,
Porém o corpo gentil
Todo é de minha mulher,
Não tem remedio, hei de me ir.

Achou-me razão el-rei,
E na hora de partir,
Pondo-me a mão na cabeça,
Medisse: Perico, adi.

Ide-vos Perico embora,
Ide-vos para o Brazil,
Que quem vos tirou da côrte
Não vos tirará d'aqui.

E pondo em seu peito a mão,
Eu que a fineza entendi
Chorei por agradece-la
Lagrimas de mil em mil.

Botei pelo paço fóra,
Metti-me no bergantim,
Cheguei a bordo, embarquei-me,
Levámos ferro, e parti.

Os cavalleiros da côrte
Choraram tanto por mim,
Como por uma commenda
De Sanctiago ou de Aviz.

Hontem avistámos terra,
E quando na barra vi
Coqueiros e bananeiras,
Disse comigo: Brazil!

NO BOQUEIRÃO

DE S. ANTONIO DO CARMO, DENTRO DE UMA PEÇA DE ARTILHARIA
DESCAVALGADA ESTEVE MUITOS DIAS UMA COBRA SURUCUCÚ AS-
SALTANDO AOS QUE PASSAVAM COM MORTE DE VARIAS PESSOAS,
SENDO GOVERNADOR ANTONIO LUIZ GONÇALVES DA CAMARA (É
ESTE O ASSUMPTO DA POESIA QUE SE LÊ EM SEGUIDA)

ROMANCE

Acabou-se esta cidade,
Senhor, já não é Bahia.
Já não ha temor de Deus,
Nem d'El-Rei, nem da Justiça.

Lembra-me que ha poucos annos,
Inda não ha muitos dias,
Que para qualquer funcção
De um crime a prisão se urdia.

Iam por esse sertão
Ao centro da Jacobina
Prender algum matador,
Inda que fosse á espadilha.

Mas hoje dentro na praça,
Nas barbas da infantaria,
Nas bochechas das Granachas,
Com polé e forca á vista:

Que esteja um surucucú
Com soberana ousadia
Feito Parca da cidade,
Cortando os fios ás vidas!

Com tantas mortes ás costas,
E que não haja uma rifa
De paus, que ao tal matador
Lhe sacuda o basto em cima.

É mui barbaro rigor
O d'esta cobra atrevida,
Que esteja na estrada posta
Fazendo assaltos á vista.

Onde está Gaspar Soares,
Que não vai á espora fita
No lazão lançar-lhe a garra,
E mette-la na enxovia?

Si está no matto emboscada,
No seu mocambo mettida,
Mandem-lhe um terço ligeiro
De infantes de Henrique Dias.

Si dizem que está na peça,
Dem-lhe fogo á colubrina,

Já que faz peças tão caras,
Custe-lhe esta peça a vida.

Vão quatro ou seis artilheiros
Cavalgar-lhe a artilharia,
Porque em sendo noite dá
Fogo a toda cousa viva.

Fira com balas hervadas,
A que não ha medicina,
Porque as traz sempre na bocca
Com venenosa saliva.

O caso é monstruosidade,
Porém não é maravilha,
Que haja cobras e lagartos
Entre tanta sevandija.

Só digo que é boa peça,
Porque na peça escondida,
Vella na peça de noite,
Dorme na peça de dia.

Á BRITES

UMA PARDA DAMA, VULGARMENTE CHAMADA BETICA, PEDINDO-
LHE CEM MIL RÉIS

ROMANCE

Betica, a bom matto vens
Com teu dá cá, com teu toma,
O diabo te enganou,
Não pôde ser outra cousa.

Viste-me acaso com geito
De commissario de frotas,
Que faz roupa de Francezes
Dos brocados de Lisboa?

Sou eu acaso o Masullo,
Que do que tem de outras contas
Dá sem conta em cada um anno
Cem mil cruzados á Rola?

Sou matachim por ventura,
Que vim ante-hontem da Angola,
Que dos escravos alheios
Faço mercancia propria?

Menina, eu bato moeda?
Eu sou um pobre idiota,
Que para um tostão ganhar
Estudo uma noite toda.

Cem mil réis me vens pedir?
A mim cem mil réis, demonia?
Si eu algum dia os vi junctos,
Deus m'os dê e tu m'os comas.

Si eu nascêra Genovez,
Ou fôra Viz-Rei de Goa
Vinte e quatro de Sevilha,
Ou quarent'oitto de Roma:

Dera-te, minha Betica,
Pela graça com que tomas,
Mais ouro que vinte minas,
Mais seda que trinta frotas.

Mas um pobre estudantão,
Que vive á pura tramoia,
E sendo leigo se finge
Cleriguissimo corona:

Que pôde, Betica, dar-te
Sinão que versos, nem prosas?
Eu não dou sinão conselhos,
Si m'os paga quem m'os toma.

Si me ha de custar tão caro
Erguer-te uma vez a roupa,
Com outra antes de barrete,
Do que contigo de gorra.

Para que sendo tão rica
Pedes como pobretona,
Si esses teus dentes de prata

Estorvam dar-se-te esmola?

Que mais cabedal deseja,
Si és tão rica de perolas,
Que com varios chistes pedes
Todo um dia a mesma cousa?

Tu pedindo, e eu negando,
Que cousa mais preciosa,
Que val mais do que desejas,
E a ti nada te consola.

Cem mil réis de uma só vez!
Pois, pobreta, á outra porta:
Deus te favoreça, irmã,
Não ha trocado, perdoa.

Não ha real em palacio:
Ando baldo; perdi a bolsa,
Que são os modos com que
Se despede uma pidona.

Á ANNICA

OUTRA SIMILHANTE PARDA PEDINDO-LHE UM CRUZADO PARA PAGAR UNS SAPATOS

ROMANCE

Um cruzado pede o homem,
Annica, pelos sapatos,
Mas eu ponho isso á viola
Na postura do cruzado.

Diz que são de sete pontos,
Mas como eu tanjo rasgado,
Nem nesses pontos me metto
Nem me tiro d'esses trastos:

Inda assim si eu não soubera
O como tens trastejado
Na banza dos meus sentidos,
Pondo-me a viola em cacos:

O cruzado pagaria,

Já que fui tão desgraçado,
Que boli co' a escaravelha,
E toquei sôbre o buraco.

Porém como já conheço
Que o teu instrumento é baixo,
E são tão falsas as cordas,
Que quebram a cada passo:

Não te rasgo, nem ponteio,
Não te ato, nem desato,
Que pelo tom que me tanges,
Pelo mesmo tom te danço.

Busca outros temperilhos,
Que eu já estou destemperado,
E estou na quinta do Pegas
Minhas cousas cachimbando.

Si tens o cruzado, Annica,
Manda tirar os sapatos,
E sinão lembre-te o tempo,
Que andaste de pé rapado.

E andavas mais bem segura,
Que isto de pizar em saltos
É susto para quem piza,
E a quem paga é sobresalto.

Quem te curte o cordavão
Porque não te dá sapatos?
Mas eu que te rão o osso
É que hei de pagar o pato?

Que diria quem te visse
No meu dinheiro pizando?
Diria que quem t'o deu
Ou era besta, ou cavallo.

Pois porque não digam isso,
Leve-me a mim São Fernando,
Si os der, e si tu os calçares,
Leve-te, Annica, o diabo.

De mais, que estou de caminho,
E seria mui grande asno
Estar para dar a sola,
E a ti deixar-te os sapatos.

Agora si eu cá tornar,
Trarei pelles de veado
Para dar-te umas chinelas
Duraveis, que é mais barato.

Fica-te na paz de Deus,
Saudades até quando,
Vem-te despedir de mim,
Porque de hoje a oito parto.

A UMAS MOÇAS

QUE COSTUMAVAM IR A UMA ROÇA

ROMANCE

Vamos cada dia á roça,
 Si é que vai a camarada,
 Que ri e folga á franceza,
 E pinta á italiana.
Vamos, e fiquemos lá
 Um dia ou uma semana,
 Que emquanto as gaitas se tocam
 Sabe a roça como gaitas.
Vamos á roça inda que
 Nos fique em tantas jornadas
 Cada meia sem palmilha,
 E sem sola cada alparca.
Vá Mané, e vá Marcella,
 Vá toda a nossa prosapia,
 Excepto a que por casar
 Não põe pé fóra de casa.
Case e tão casada fique,
 Que nem para fazer caca
 Jamais o marido a deixe,
 Nem se lhe tire da ilharga.
Case, e depois de casar-se
 Tanto gema, e tanto paira,
 Que caia em meio das dores

Na razão das minhas pragas.
Case, e tanto se arrependa,
Como faz toda a que casa,
Que nem para descasar-se
A via da igreja saiba.
E nós vamos para a roça
Co'nosso feixe de gaitas,
Até ver-me descasada,
Para me rir de quem casa.

Á MULATA JOANNA GAFEIRA

ESTANDO QUEIXOSA DO POETA A HAVER SATYRISADO

ROMANCE

Não posso cobrar-lhes medo,
Joanna, a vossos focinhos,
Que como sois tão formosa,
Cede á verdade o fingido.
Tanta olhadura a travez,
Tanto focinho torcido,
Tanto pescoço empinado,
Tanto esguelhado beicinho,
São modos tão estrangeiros,
Alheios e peregrinos
Das perfeições naturaes
Do vosso rosto divino,
Que jámais podem fazer
No meu peito amante e fino
Retroceder as tenções,
Nem arribar os designios.
Sempre caminhando ávante,
Nunca deixando o caminho,
Ando atraz de ver si posso
Chegar a vosso captivo.
Si me ferraes esta cara
Co'um favorzinho de riso,
Me hei de rir de farto então
Do mundo e seus regosijos.
Hei de pôr-me a rir então
De sorte que a riso fito
Me hão de ter em todo o orbe
Por Democrito dos risos.
Olharei para a Beleta,

E me rirei dos meninos,
Que andam sempre a belisca-la
Qual mono com seus bugios.
Olharei para Apollonia,
E de a ver entre os corrilhos
De tanta canastra honrada,
Que é a nobreza do sitio.
Rirei de ver cada um
Ir-se d'aqui despedido,
Entonces mais carregado,
Porque entonces mais vazio.
A elles pelas estradas
Suspirando pelo sitio,
A ella pelos oiteiros
Zombando de taes suspiros.
A elles tomando o tolle
Para o sertão fugitivos,
Tanto fugindo dos amos,
Como da conta fugindo.
A ella por capoeiras
Estreando co' os meninos
A baetinha dos pobres,
A serafina dos ricos.
Para a Ursula olharei,
E rirei de a ver no Sitio
Parafuzando pivetes
Pela tarracha do embigo.
Rirei de ver os amantes,
Rirei de ver os queridos,
Que tendo-se por ditosos,
São em seus gostos mofinos.
E só feliz eu serei,
Si lôgro os vossos carinhos,
E me impingis nesta cara
Da vossa bocca um beijinho.
Tende-me na vossa graça,
E a queixa se torne em riso,
A malquerença em amor,
E o desfavor em carinho.

Á DAMAZIA

OUTRA MULATA QUE CHAMAVA SEU UM VESTIDO QUE TRAZIA DE
SUA SENHORA

ROMANCE

Muito mentes, mulatinha!

Valha-te Deus por Damazia,
Não sei quem, sendo tu escura,
Te ensina a mentir às claras.

Tal vestido, e com tal pressa!
Não vi mais ligeira saia:
Mas como a seda é ligeira,
Foi a mentira apressada.

Tal vestido não é teu,
Nem tu tens, Damazia, cara
Para ganhar um vestido,
Que custa tantas patacas.

Tu ganhas dous, tres tostões
Por duas ou tres topadas,
Não chegam as galaduras
Para deitar uma gala.

Nem para os feitios chegam
Os troquinhos que tu ganhas,
Pois não vale o teu feitio
Mais que até meia pataca.

De soldado até sargento,
Ou até cabo de esquadra,
Não passa o teu roçagante,
Não te chega a triste alçada.

Estes que te podem dar
Mais que uma vara de cassa,
Uma cinta de baeta
E saia de persiana;

Collete de chamalote,
E de vara e meia a fralda,
Que fazem oito mil réis,
Que é valor da pobre farda.

Todos sabem que o vestido,
Que em verdes campos se esmalta,
É verdura de algum besta,
Que em tua senhora pasta.

Mas o que é d'ella teu é,
Que é outra que tal jangada,
E talvez por t'o emprestar
Se ficaria ella em fraldas.

Apostemos que não vestes

Outra vez a verde saia!
E nem de a vestires mais
Te ficam as esperanças.
Ora toma o meu conselho,
E vive desenganada,
Que enquanto fores faceira
Não has de ganhar pataca.

Á UMA DAMA

POR NOME IGNACIA PAREDES

ROMANCE

Quiz ir a festa da Cruz
Ignacia, e faltou-lhe a rede,
Como que foi força ficar
Paredes entre paredes.

Outros dizem que uma amiga
Lhe pediu o manto adrede,
Pela ter emparedada
Todo o dia, em que lhe peze.

Não sei a verdade d'isto,
Sei que eu paguei a patente,
Tendo um dia de trabalho,
Porque de festa lh'o dêsse.

A saber que estava em casa,
Visitara-a como sempre,
E fizera o que costumam
Casados *_in facie Ecclesiæ_*.

Fôra-me pôr á janella,
Porque o calor me refresque,
Fallára co'as Guapas sujas,
Que são limpas guapamente.

Marianna se agastára,
Que tudo escuta e attende,
Por isso diz o adagio:
Manso, que ouvem as paredes.

Sabendo d'este ciume

Foram as Guapas contentes,
Que inda que mulheres feias,
São feias, porém mulheres.

Ignacia se socegára,
Que é moça mansa e alegre,
E com dous mimos se põe,
Sendo Ignacia, uma clemente.

Da sua amiga me queixo,
Que cão de horta me parece,
Pois em todo o dia nunca
Comeu, nem deixou comer-me.

Com Ignacia já não quero
Lançar mais barro á parede,
Que de mui sêcca receio
Que allí meu barro não pegue.

Uma mãe com duas filhas
Na verdade é pouca gente,
Para que eu possa cantar
Prêso entre quatro paredes.

Tres só não fazem prisão,
Porque um triangulo breve,
Que um sino Salmão figura,
Mais enfeitiza que prende.

Mas a parede de Ignacia,
Com ser uma tão sómente,
Como é tão forte e tão rija,
Bastou só para prender-me.

Perdi o ganho essa tarde,
E cuido que para sempre,
Quem m'a pegou uma vez,
Não quero que outra me pegue.

Da Sancta Cruz era a festa,
E a maldicta da Paredes,
Com cruz e sem cruz receio
Me faça calvarios sempre.

Eu perdi moça que agrade,
Ella velho que aconselhe,
Ambos ficámos perdidos,
Quem o vê que o remedeie.

Á UMA MOÇA POR NOME BARBARA

ROMANCE

Babú, como ha de ser isto?
Eu me sinto já acabar,
E estou tão intercadente,
Que não chego té amanhã.
Morro da vossa belleza,
E si ella me ha de matar,
Como eu creio que me mata,
Formosa morte será.
Mas seja formosa ou feia,
Si o Deão me ha de enterrar,
Por mais formosa que seja,
Sempre caveira será.
Todos já aqui desconfiam,
Tudo é já desconfiar,
Da minha vida os doutores,
E eu de vosso natural.
Desconfio de que abrande
Vosso rigor pertinaz;
E a minha vida sem cura
Sem duvida acabará;
Porque si estaes incuravel,
E tão sem remedio está
O achaque de não querer-me,
E o mal de querer-me mal:
Que esperança posso eu ter,
Ou que remedio ha capaz,
Si vós sois a minha vida,
E morreis por me matar?
Amor é união das almas
Em conformidade tal,
Que porque estaes sem remedio,
Por contagio me mataes.
Curai-vos de mal querer-me,
E do fastio em que estaes

A minha triste figura,
Que ao demo enfastiará.
Comei, e seja o bocado,
Que com gosto se vos dá,
Porque em vós convalescendo,
Hei de eu também melhorar.
Assim sararemos ambos,
Porque si vós me enfermaes
Pelo contagio, o remedio
Por sympathia será.
Vós, Babú, viraes-me as costas,
Pois eu faço outro por tal:
Estou ás portas da morte,
A falla me falta já.
Quero fazer testamento,
Mas já não posso fallar,
Que vós por costume antigo
Sempre a falla me quitaes.
Mas testarei por acenos,
Que tudo em direito ha,
E si por louco o não posso,
Posso por louco em amar.
Todos meus bens, si os tivera,
Os deixára a vós não mais;
Mas deixo-vos para outrem,
Que é o mais que posso deixar
Si hei de deixar-vos a vós
Quantos bens no mundo ha,
Em vos deixar a vós mesma,
Arto herdada assim ficaes.
Em suffragios da minha alma
Não gasteis o cabedal,
Que aos vossos rigores feita
Penas não ha de extranhar.
Mas si por minhas virtudes,
E si por vos jejuar,
E si por tantas novenas,
Que á vossa imagem fiz já,
Vos mereço algum perdão
Dos peccados que fiz cá,
Assim em vos perseguir,
Como em vos desagradar:
Com as mãos postas vos peço

Que no vosso universal
Juízo mandeis minha alma
Ao vosso Céu descansar
Não a mandeis ao Inferno,
Que arto inferno passou cá:
Adeus, e apertae-me a mão,
Que eu me vou a enterrar.

SATYRISA

ALLEGORICAMENTE A VARIOS LADRÕES DA REPUBLICA

ROMANCE

Hontem, Nise, á prima noite
Vi sôbre o vosso telhado,
Assentados em cabido,
Cinco ou seis formosos gatos.
Estava a noite mui clara,
Fazia um luar galhardo,
E porque tudo vos diga,
Estava eu em vós cuidando.
O presidente ou deão,
Na cumieira assentado,
Era um gato macilento,
Barbirruço e carichato.
Os demais em boa ordem,
Pela cumieira abaixo,
Lavandeiros de si mesmos,
Lavavam punhos e rabos.
Tão profundo era o silencio,
Que não se ouvia um miau,
E o deão interrompeu
Dando um mio acatarrado.
Tossiu, tossiu, e não pôde
Articular um miau,
Que de puro penitente
Traz sempre o peito cerrado.
Eis que um gatinho Reinol,
Muito estitico e mui magro,
Relambido de feições,
E de tono afalcetado,
Quiz por primeiro fallar,
E fallára em todo o caso,
Si outro gato casquiduro

Lhe não sahira aos embargos.
«Eu sou gato de um meirinho,
Disse, que pelos telhados
Vim fugindo a todo o trote
Do poder de um saibam quantos.
Com que venho a concluir
Que servindo a taes dous amos,
Hei de fallar por primeiro,
Porque sou gato de gatos.
Falle, disse o Presidente,
Pois lhe toca por anciano,
E elle tomando-lhe a venia
Foi o seu conto contando.
Em casa d'este escrivão
Me criei com tal regalo,
Que os demais gatos de casa
Eram commigo uns bichanos.
Mas cresci e aborreci,
Porque se cumprisse o adagio
Que official de teu officio
Teu inimigo declarado.
Foi-me tomando tal odio
Porque foi vendo e notando,
Que era eu capaz de dar-lhe
Até no officio um gatazio.
Topou-me em uns entreforros,
E tirando-me porraços,
Eu lhe miava os narizes,
Quando elle me enchia os quartos.
Fugi, como tenho dito,
E me acolhi ao sagrado
De uma vara de justiça,
Que é valhacouto de gatos.
Sahe meu amo aos prendimentos,
E eu fico em casa encerrado
Por caçador de balcões,
Onde jejuo o trespasso.
Porque em casa de um meirinho,
Nas suas arcas e armarios,
É quaresma toda a vida,
E temporas todo o anno.
Não posso comer ratinhos,
Porque cuido, e não me engano,

Que de meu amo são todos
Ou parentes ou paisanos.
Porque os ratinhos do Douro
São grandissimos velhacos:
Em Portugal são ratinhos,
E cá no Brazil são gatos.
Eu sou gato virtuoso,
Que a puro jejum sou magro:
Não como por não ter que,
Não furto por não ter quando.
E como sobra isto hoje
Para me terem por sancto,
Venho a pedir que me ponham
No calendario dos gatos.»
Acabada esta parlanda,
Muito ethico de espinhaço
Sôbre as moletas das pernas
Se levantou outro gato,
Dizendo: ha annos que sirvo
Na casa de um boticario,
Que a recipe de pancadas
Me tem os bofes purgados.
Queixa-se que lhe comi
Um boião de unguento branco,
E lhe bebi nessa noite
Um cangirão de rhuibarbo.
Diz bem, porque assim passou,
Mas eu fiquei tão passado,
Como de tal solutivo
Dirá qualquer matasanos.
Fiquei de humores exangue,
Tão escorrido e exhausto,
Que não sou gato de humor,
Porque nem bom, nem máu gato.
Supplico ao Senhor Cabido
Que de um homem tão malvado
Me vingue com ter saude,
Por não gastar-lhe os emplastos.»
Apenas este acabou,
Quando se ergueu outro gato,
E entoando o _jube domine_,
Disse humilde e mesurado:
«Meu amo é um alfaiate

Gerado sobre um telhado
Na maior força do inverno,
Alcoviteiro dos gatos.
É pardo rajado em preto,
Ou preto embutido em pardo,
Malhado ou já malhadiço
Do tempo em que fôra escravo:
Tão caçador das ourellas,
Tão murador dos retalhos,
Que com onças de retroz
Brinca qual gato com rato.
E porque com fio e meio
Joguei o sapateado,
Houve de haver por tão pouco
Uma de todo' os diabos.
Estrugiu-me a puros gritos
E plantou-me no pedrado,
Que elle pelo cato é cão,
E eu fiquei gato por cabo.
Que de verdades dissera,
A estar menos indignado!
Que para fallar de um cão
É mui suspeito um gato.
Pelo menos quando eu corto,
Nunca dobro a téla em quatro,
Por dar um córte a seu dono
E outro a mim pelo trabalho.
Nem menos peço dinheiro
Para retroz, e o não gasto,
Porque o gavetão do cisco
Me dá o retroz necessario.
Não sizo covado e meio
Por dar um collete ao diabo,
Nem vendo de téla fina
Retalhinhos de tres palmos.
Tudo emfim se ha de saber
No universal cadafalso,
Que no tribunal de Deus
Não se estylam Secretarios.
Requeiro a vossas mercês
Que me ponham com outro amo,
Porque com este hei de estar
Sempre como cão com gato.»

«Á vista d'este alfaiate,
Disse o Cabido espantado,
«Somos nós gatos mirins,
Que inda agora engatinhamos.
O gato tome amo novo
Em qualquer convento honrado,
Seja fundador Barbonio,
Ou Sacristão mór do Carmo.»
A proposito do que
Se foi erguendo outro gato,
E amortalhado de mãos
Armou os hombros em arco.
E dizendo o _jube domine_,
Se poz em terra prostrado,
E eu disse logo: «me matem,
Si não é dos Franciscanos.»
«Sou gato de refeitório,
Disse, ha tres ou quatro annos
Pagem do refeitoreiro,
Do despenseiro criado.
Fui custodio da cozinha,
E dei má conta do cargo,
Porque sizando rações
Fui guardião de tassalhos.
Era eu em outro tempo
Mui gordo e mui anafado,
Porque os da esmola então vinham
Despejar em casa os saccos.
Mas hoje que já da rua
Vêm os bolsos despejados,
Veiu a ser o refeitório
Uma Thebaida de gatos.
Não pôde o pão das esmolas
Manter tantos remendados,
Que em lhe manter as amigas
Sendo infinitas, faz arto.
Dei com isto em tizicar-me
E esburgar-se-me o espinhaço,
Não tanto já de faminto,
Quanto de escandalizado.
Não posso viver entre homens,
Que, si remendam uns pannos,
É mais por nos enganar

Que porque lhes dure o anno.
E hoje que na Casa Nova
Gastam tantos mil cruzados,
São gatos de maior dura,
Pois de pedra e cal são gatos.»
Palavras não eram ditas,
Quando zunindo e silvando
Sentiram pelas orelhas
Um chuveiro de bastardos.
E logo atraz d'isso o tiro
De um bacamarte atacado,
Que disparou de um quintal
Um malfazejo soldado.
Descompoz-se-lhe a audiencia,
E cada qual por seu cabo
Pela campanha dos ares
Foram de telha em telhado.
E depois que legua e meia
Tinha cada qual andado,
Parando olharam atraz
Attonitos e assustados.
E vendo-se desunidos,
Confusos, desarranchados,
Usaram da contra senha,
Miáu aqui, alli miáu.
E depois que se ajunctaram,
Disse um gato castelhano:
«Cada qual a sua cabana,
Que hoje de boa escapámos.»
Choviscou naquelle instante,
E safaram-se de um salto,
Porque sempre de agua fria
Ha mêdo o gato escaldado.

AO PADRE DAMASO DA SILVA

ROMANCE

Damaso, aquelle madraço,
Que em pés, mãos e mais miudos,
Pode bem dar seis e az
Ao maior Frizão de Hamburgo:
Cuja bocca é mentideira,
Onde acode todo o vulgo,

A escutar lá sobre a tarde
As mentiras como punhos:
Mentideiro frequentado
De quantos Senhores burros
Perdem o nome de limpos,
Pela amizade de um sujo:
Cuja lingua é Relação,
Onde acham os mais puros
Para accusar um fiscal,
Para cortar um verdugo.
Zote muito parecido
Aos vicios todos do mundo,
Pois nunca os alheios corta
Sem dar no seu proprio escudo.
Sancto Antonio de baeta,
Que em toda a parte do mundo
Os casos, que succederam,
Viu e foi presente a tudo.
O padre papa-jantares,
Hospede tão importuno,
Que para todo o banquete
Traz sempre de trote o buxo.
Professo da Providencia,
Que sem logar bazaruco
Para passar todo um anno
Nem dous vintens faz de custo.
Que os amigos o sustentam,
E lhe dão como de juro
O jantar, quando lhes cabe
A cada qual por seu turno.
E essa vez que tem dinheiro,
Que é de sete em sete lustros,
Tres vintens com um tostão,
Ou dois tostões quando muito:
Com um vintem de bananas,
E de farinha dois punhos,
Para passar dia e meio,
Tem certo o pão e o conducto.
Lisonjeiro sem recato,
Adulador sem rebuço,
Que por papar um jantar
De um sacristão faz um Nuncio,
De um tambor um general,

Um branco de um mameluco,
De uma sanzala um palacio,
E um galeão de um pantufo.
E em passando a ocasião,
Tendo já repleto o buxo,
Desanda cu'a taramella,
E a todos despe de tudo.

Outro Satyro de Esopo,
Que co' o mesmo bafo astuto
Esfriava o caldo quente,
E aqueitava o frio punho.

O Zote que tudo sabe,
O grande jurisconsulto
Dos litigios fedorentos
D'esta cidade monturo.

O Bartolo de improviso,
O subitaneo Lycurgo,
Que anoitece um sabe nada
E amanhece um sabe tudo.

O lettrado gratis dato,
E o que com saber infuso
Quer ser legista sem mestre,
Canonista sem estudo.

O graduado de douto
Na Academia dos burros,
Que é brava Universidade
Para doutorar brunduzios.

Magano sem repugnancia,
Desaforado sem susto,
Intromettido sem risco,
E sem desar abelhudo.

Fraquissimo pelas mãos,
E valentão pelo vulto,
No corpo um grande de Hespanha,
No sangue escoria do mundo.

Este tal, de quem falamos,
Como tem grandes impulsos
De ser baptiza-crianças
Para ser soca-defunctos;

E a Magestade de El-Rei
Tem já com mil esconjuros
Ordenado que o não collem,
Nem a uma igreja de junco:

Elle por manter desejos
Foi-se ao adro devoluto
Da Senhora do Loreto,
Onde está parocho intruso.
Ouvir é um grande prazer,
E ver é um gosto summo,
Quando diz: os meus Freguezes--,
Sem temor de um abrenuncio.
Item é um gosto grande,
Nas manhãs em que madrugo,
Vê-lo repicar o sino
Para congregar o vulgo.
E como ninguem acode,
Se fica o triste mazullo
Em solitaria estação
Dizendo missa aos defunctos.
Quando o Frizão considero,
O menos que d'elle cuido
É ser parocho boneco,
Feito de trapos immundos.
Isto sois, minha Bahia,
Isto passa em vosso burgo,
Toda sois, burgo rural,
Cidade nobre até os muros.

Á BENTO PEREIRA

ROMANCE

Amigo Bento Pereira,
Que em todo o nosso Brazil
Sois homem de muitas prendas,
Tendo tão pouco quattrim.
Assim agradára eu
A quatro villões ruins,
A quem nesta terra enfado,
Como me agradais a mim.
Vós sois um homem honrado
De generosa raiz,
Nobre com ventosidade,
Honrado com retintins.
Sois galan com artificio,
Aceiado com ardil,
Só vós sois homem honrado,

Os de mais homens gentis.
Todo o mundo vos quer bem,
Porque tendes, e é assim,
Cara de ter mil amigos.
Mil amigos? mais de mil.
Sois muito leal com todos,
Cousa que não se usa aqui,
Por isso sois mal servido
De quantos sabem servir.
Empeçou-vos a fortuna,
Que a fortuna é villão ruim,
Para os seus sempre a chegar-se,
E de vós sempre a fugir.
Agradais-me dentro d'alma,
Que como eu tambem cahi,
E os semelhantes se amam,
Por semelhante vos quiz.
Tende-me em conta de amigo,
E tereis sempre de mim
Excessos de par em par,
Finezas de mil em mil.

AOS CAVALLEIROS

QUE CORRERAM NA FESTA DAS VIRGENS NO ANNO DE 1685, PRIMEIRO DO GOVERNO DO MARQUEZ DAS MINAS

Clori, nas Festas passadas,
Que ás virgens são off'recidas,
Houve quadrilhas corridas
Parentas de envergonhadas:
Porém estas realçadas
Vi neste anno derradeiro;
Pois na esphera do Terreiro
Apparecia um Brandão,
Que correndo exhalação,
Acabava cavalleiro.

Com estas apparições
De cometas tão luzidos
Nos Mirões espavoridos
Eram tudo admirações:
Em maximas conjuncções
De ouro, de prata e mil côres,

Notei que os festejadores
Faziam com graças summas,
No ar um jardim de plumas,
E na terra um mar de flôres.

Sua Excellencia[3] assistia,
O Conde[4] e toda a nobreza,
E os padres por natureza
Lhes faziam companhia:
Estava sereno o dia,
A esphera toda anilada,
A agua do mar estanhada,
Brando o vento e lisongeiro;
E com tudo no Terreiro
Houve grande carneirada.

[3] Marquez das Minas.

[4] Conde do Prado.

Emfim, que a festa passada
Tão cheia de cavalleiros
Si a fizessem de barbeiros
Não seria mais sangrada:
Alli vi dar cutilada,
Que todo o ventre dissipa
Do bruto que a participa,
E eu disse pasmado e absorto
Que a Catana era do Porto,
Por rilhar sempre na tripa.

Logo na primeira entrada
Houve jogo de manilha,
Que para isso a quadrilha
Pelo Lindo era pintada:
Quem lhe dava uma encontrada,
E quem na ponta a levava,
Tudo então nos agradava,
Pois conforme ouvi julgar
Alli entre dar e levar
Pouca vantagem se dava.

Cada qual sem mais tardança

Á dama, a quem mais se applica,
Levou na ponta da ...
O que ganhou pela lança.
Até o padre Hortalança,
Digo, o conego Gonçalo,
Se logrou d'este regalo:
E eu só na baralha ingrata
Não vi manilha de prata,
Que na de ouro já não fallo.

Ao Marinho generoso
O dia franco e escasso
Concedeu-lhe o galanaço,
Recatando-lhe o ditoso;
E visto que por airoso
É o Adonis da quadrilha,
Zundú se lhe rende e humilha,
Dando-lhe, porque o conforto,
No cravo a primeira sorte
E a segunda na manilha.

Barreto alheio de susto,
Que não implica ha mostrado
Nem ao forte o asseado,
Nem ao galante o robusto;
Luzimento á pouco custo,
Bom ar sem affectação,
Foi julgado em conclusão
Que a destreza o não desvela,
Pois sem cuidado na sella
Cahia no caprazão.

Muito Euzebio se desvella
Em correr mais que ninguem,
E por correr sempre bem
Nunca se assentou na sella;
Como ha de assentar-se nella,
Si correr só pretendia?
Tão propriamente o fazia
Que porque estar e correr
Não podem junctos caber,
Não se assentava, corria.

O valeroso Moniz
Em gala, cavallo e arreo
Quanto ganhou pelo asseio,
O perdeu pelo infeliz;
O que eu vi e a terra diz
É que de muito adestrado
Andou tão avantajado,
Que a voz do povo levou:
Com que desde então ficou
O povo mudo e pasmado.

Outro Moniz valentão
O fez tão perfeitamente,
Que sendo em sangue parente,
Era na destreza irmão:
Pelo forte em conclusão
Deixou de si tal memoria,
Para sua e nossa gloria;
Mas deixando aos mais em calma,
Fez pouco em levar a palma
Quem é filho da Victoria.

Do Bolatim a cavallo
Dizia o povo gostoso
Que era da festa o gracioso,
E eu digo, que era o badalo,
Quem chegou á pondera-lo
Correndo sobre a rocina,
Revirar a culatrina,
Pernil aberto para o ar,
A que o pôde accomodar
Mais que a um sino que se empina.

Ao Araujo famoso
No principio da carreira
Resveiou-lhe a dianteira
O cavallo de furioso;
Cego, arrojado e fogoso
Entre uns Baetas metteu-se,
Quem sentado estava ergueu-se,
Porém o baixel violento,
Como ia arrazado em vento
Deu nuns bancos e perdeu-se.

Cahido o moço infeliz
Houve grita e alarido,
Sendo que cabe o entendido
Em tudo o que se lhe diz;
Ergueu-se em menos de um triz,
E pondo-se na vereda
Correu com cara tão leda,
Que causou admiração
Em todos, porque já então
Tinha elle com todos queda.

Um sobrinho do Frizão
Ao cheiro acudiu dos patos,
Porque é em publicos actos
Muito ouzado um patifão;
Prezea a redea a um arpão,
Nos estribos dous arpeus,
Puz eu os olhos nos céus,
E disse que bem podiam
Louvar a Deus os que viam
A cavallo um louva-Deus.

Uma aguilhada por lança
Trabalhava á meio trote,
Qual servo de dom Quixote,
A quem chamam Sancho Pança;
Na cara infame confiança,
Na sella infame pernetta,
E com tramoia secreta
Eia sôbre o seu jumento
Pelo arreio e nascimento
Á bastarda e á gineta.

Elle andou tão desastrado,
Que para dar-lhe sentido,
O cavallo era o corrido
E elle o desavergonhado;
Estava o Frizão pasmado
De gosto babando o freio,
Por ser de razão alheio
Vêr-se com tão pouco abalo
Não no centeio o cavallo,

Mas no cavallo o centeio.

A este filho universal,
Com tres paes e tres padraustos,
Todo vestido de emplastos
Se emprestado o mesmo val;
Se seguia um sigarral,
De quem tomaram modelos
Para a corcova os camellos
Cuja perna dobradiça
Sempre a memoria me atiga
Da rua dos Cotovellos.

No menino Ascanio fallo,
Que o pae Eneas a murro,
Devendo de o pôr num burro,
O mandou pôr a cavallo;
Este menino ia ao gallo,
E encontrou-se co'a galhofa,
Onde servira de mofa
Os dias, que alli gastára,
Si um braço lhe não quebrára,
E mandaram numa alcofa.

Lá vem o Chico ás carreiras,
Dando esporadas crueis;
Numa sella de alambeis,
Vestido de bananeiras;
Nas laranjadas primeiras
Teve tão adversa estrella
Que foi cahir na esparrella,
Não como rôla em verdade,
Porque queda foi de frade,
Pois logo agarrou da sella.

Ás festas não deu desmaio
Nenhum d'estes entremezes,
Que não ha ouro sem fezes,
Nem comedia sem lacaio:
Qualquer correu como um raio,
E fez sua obrigação,
Excepto o boi do sertão,
Sendo que alguém lhe cubiça

O resistir á justiça,
E dar co' a forca no chão.

O lindo Eusebio da Costa,
Escrivão das Onze mil,
Por assombrar o Brazil,
Fez tudo de sobre a posta;
C'os passados deu á costa,
E excedeu á toda a lei,
E assim eu sempre direi
Hoje, em toda a occasião,
Que o ser por casta Reimão,
Lhe vem por ter mão de Rei.

Á CAVALLARIA

DA FESTA DAS VIRGENS NO TEMPO DO GOVERNO DE D. JOÃO DE ALENCASTRE, SENDO JUIZ GONÇALO RAVASCO CAVALCANTE DE AL- BUQUERQUE

Foi das Onze mil donzellas
Juiz o juiz mais nobre
De quantos no Brazil cobre
O manto azul das estrellas:
Nesta festa sem cautellas
Gastou com liberal mão;
E para mais devoção
Usar de escrivão não quiz,
Sendo o primeiro juiz
Que serviu sem escrivão.

Bem mostra que de Bernardo
Tem herdado o natural,
Além de ser principal
O seu amigo galhardo:
Applausos grandes aguardo,
E de Camena melhor,
Que publiquem seu primor,
Que a minha Thalia nova
Hoje admirações approva
Por mais heroico louvor

Seis dias de cavalleiros
Houve com bastante graça,

Foram bons e maus á Praça
Em ginetes e sendeiros:
Tambem houve aventureiros
Premios e mantenedor,
Touros que foi o melhor:
Porém sem ferocidade,
Que os touros nesta cidade
Não são de muito furor

E pois eu chronista sou
D'esta gran festividade,
Tenho de fallar verdade
E dizer o que passou:
Agaste-se quem andou
Mal, que á mim se me não dá;
Sem saber não fôra lá;
E si lhe der isto espanto,
Quando eu fizer outro tanto
Tambem de mim fallará.

Bem sei que é culpa fatal,
E contra a razão sossobra
Dizer mal de quem bem obra,
E bem de quem obra mal:
Mas nesta festa cabal
Com meu fraco entendimento,
Aos cavalleiros intento
Julgar sem odio nenhum,
Applaudindo á cada um
Conforme o merecimento.

Nestes dias festivaes
Com summa gala e grandeza,
Assistiu toda a nobreza
Dos homens mais principaes,
Ministros, officiaes
De guerra e damas mui bellas,
Que em palanques e janellas
Mostravam com arrebol,
Que estando alli posto o sol, [5]
Bem podiam ser estrellas.

[5] Refere-se ao governador.

Posto o sol alli se via,
Porém com notavel gosto,
Quando vi que era o sol posto
Mais o Terreiro luzia:
Dois soes[6] postos na Bahia
Vi com differença atroz
Um Saturno que se poz,
Outro posto na janella
Sol de luz mais clara e bella,
Que hoje nasce para nós.

[6] Allude aos dois governadores d. J. de Aloncastre e Camara Coutinho, que se achavam presentes.

Desterrando sombras mil
De um sol que causou desmaios,
Nasce com benignos raios
Este sol para o Brazil:
Oh quem tivera a subtil
De Apollo lyra discreta,
Da fama a aguda trombeta,
Para que pudesse ousado,
Sem temor, nem perturbado
Descrever este planeta.

Mas é fraco o meu engenho
Para de um sol sem desmaios
Querer ventilar os raios
Quando olhos de aguia não tenho:
E si a tão sublime empenho,

Onde o mais sabio delira,
Meu pensamento subira,
Logo d'essa esphera clara
Como Phaetonte rodára,
Ou como Icaro cahira.

Quando o planeta maior
Á vista humana se expõe,
É que a seus raios se oppõe
Atrevido algum vapor:
E si neste sol melhor
Nenhuns eclipses se vêm,

Não se atreverá ninguém
Sem ter de nescio desmaios
Querer contemplar os raios
Esclarecidos que tem.

Quando da esteril mulher
Nasceu o maior do mundo
Admirações e profundo
Pasma veio a gente a ter:
E si com João nascer
Houve tanta admiração,
Á Bahia outro João,
Sol de claro nascimento
Nasce com merecimento
Para a mesma suspensão.

E como não pasmarei
Eu, e este povo também,
De ter por General, quem
Sceptro merece de rei?
Pois a ventura e a lei
Divina dispoz, senhor,
O seres Governador,
Com tudo sabemos nós,
Que um foi de vossos avós
De Pedro progenitor.

D'aquelle em tudo primeiro
João era nada segundo
Sois, e bem conhece o mundo,
Descendente verdadeiro:
Tambem da Casa de Aveiro
Muita nobreza alcançaes:
Alencastre vos chamaes,
De Duarte Inglez potente
Clarissimo descendente:
Silva sois, não digo mais.

Com branca e encarnada pluma
Galan vestido de verde,
Que inda a esperança não perde
Do Neto da clara espuma:
Capitão de graça summa

André Cavallo sahiu:
Logo o povo se sentiu;
Porque de incidente novo
Os olhos levou do povo
Quando no Terreiro o viu.

Num branco bruto corria
Mais ligeiro do que o vento,
Tanto que c'o pensamento
Correr parelhas podia:
Veloz desaparecia
Das pernas ao leve abalo,
E não podia julga-lo
O povo que alli se achava,
Si era vento que levava
Pelos ares o Cavallo.

Poz André com bizzarria
Todas as lanças mui bem,
E inda assim não faltou quem
Murmurasse todavia.
Soube elle da zombaria,
Que se fez e presentiu
Quem fôra o que alli se riu,
E no outro dia com brio
Um cartel de desafio
Fixou, mas ninguem sahiu.

No cartel que poz, mostrava
Que a qualquer que se julgassem
Tres lanças que se tirassem,
Mil cruzados offertava:
O delinquente acceitava
O desafio esta vez,
Porém que sem interêz
Com gosto perder queria
Nesta contenda e porfia
Não só mil cruzados, tres.

Pede licença ao senhor,
Que no nome a graça traz;
Mas elle como sagaz
O aconselha com primor:

Diz-lhe que fôra melhor
Esta contenda escuzar;
Porém o mancebo alvar,
Fiado em ser cavalleiro
E fiado em ter dinheiro,
Não quiz o pacto acceitar.

Porque se não vence não;
Dizia o moço magnata,
Nem por ouro, nem por prata
O seu sangue de Aragão;
E vendo o senhor dom João
Que si a licença negava
A André Cavallo ultrajava,
Pois podiam presumir,
Si ao Campo o não vissem ir,
Que o dinheiro lhe faltava.

Lhe disse que não só tres
Si corressem mil cruzados,
Si não que depositados
Tinha André Cavallo dez:
Mas o moço Aragonez
Vendo esta resolução,
Por temer a perdição,
A que punha o seu dinheiro,
Toma conselho primeiro
Co' o reverendo Frizão.

O padre, que sem estudo
As leis entende civis,
E com manhosos ardis
Obra mal e entende tudo;
Lhe diria mui sizudo
Com aspecto venerando,
Rindo-se de quando em quando,
Que assim seus enganos lavra:
«Não se lhe dê da palavra,
Diga que estava zombando.»

Assim foi que o desafio
Veiu a parar em burrada,
Que a palavra não val nada,

Si na ocasião falta o brio:
E para que com desvio
Não fossem mais inimigos,
Evitando alguns perigos,
Em boa paz os chamou
O General e tractou
De que ficassem amigos.

Depois das pazes, emfim
Lhes pediu que cavalgassem,
E um par de lanças tirassem
Cada qual em seu rossim:
Elle lhe disse que sim,
E de improviso avisou
Ao irmão que não tardou
Com trazer-lhe bons arreios,
Cavallos, sellas e freios,
E com elles se embarcou.

Num dia dos derradeiros
Ao Terreiro os dous chegaram,
E ambos se separaram
Logo dos mais cavalleiros:
Cuidam que são os primeiros
Fidalgos que a terra tem;
E nescios não antevem
Que diz o povo, e não erra,
Que são Fidalgos da Terra,
E outros na Terra ha tambem.

Empinou-se-lhes a Ruça,
E de quatro companheiros,
Sem mais outros cavalleiros,
Fizeram a escaramuça:
O General se debruça,
Para mette-los bem nella,
Na janella com cautela;
Porém usou de revoltas,
Porque mettendo-os nas voltas,
Mandou fechar a janella.

A escaramuça acabada
Fizeram a cortezia,

E todo o povo seria
Vendo a janella fechada:
Nas voltas não viram nada;
Que com notavel trabalho
No ay hombre cuerdo á cavallo;
Porém depois que acabaram,
E o General não acharam,
Ficaram de vinha d'alho.

Com rostos descoloridos,
Desesperados agora
Iam por dentro e por fóra
Da propria côr dos vestidos:
Os que são desvanecidos
E, sem prudencia e razão,
Presumem mais do que são,
Emendem seus pensamentos,
Que para seus desalentos
É vivo o senhor d. João.

Não presumam porque tem,
Que são mais que os pobres, nobres,
Pois ha muitos homens pobres
Mui bem nascidos tambem:
Ao pequeno não convém
Por pequeno desprezar,
Que si este quizer fallar,
Achar pôde algum defeito,
Que nenhum ha tão perfeito
Em quem se não possa achar.

Seguia-se um cavalleiro
Ao famoso André Cavallo,
Que levou sem intervallo
De cada golpe um carneiro:
Tambem foi aventureiro
De um premio, mas com defeito
Dava ao corpo um grande geito,
E ficou passado e absorto
De que fosse ao premio torto
E o premio a outro direito.

Ao famoso Braz Rabello

Razão é de mestre o apode,
Pois dar dias sanctos póde
Nesta arte ao que fôr mais bello;
E si com louco desvelo,
Do que digo algum se abraza,
Attenda á razão que é raza,
E verá se faz espantos
Que dar possa os dias sanctos
Quem tem Domingas de Casa.

Nas lanças que poz mui bem
Teve de premios ganança,
E certo que pela lança
Não o ha de vencer ninguem:
Dos cavalleiros que tem
Modernos hoje a Bahia
Leva Braz a primazia,
Porque não ha nesta Praça
Quem se ponha com mais graça,
Fortaleza e bizarria.

Tambem aquella fatal
Emulação de Mavorte,
Para os inimigos forte,
Para os amigos leal;
Applauso merece equal;
Pois nesta cavallaria
Si aos mestres não excedia
Por mais antigos nesta arte,
Aos modernos nesta parte
Elle leva a primazia.

Tambem no Machado fallo,
Que é razão por elle accuda,
Pois sempre ao Cavallo ajuda,
Mas não o ajuda o Cavallo:
Inda assim posso louva-lo
Dando-lhe varios apodos,
Porque conheço em seus modos,
E mui bem posso affirmar
Que nisto de cavalgar
Leva vantagens á todos.

Em mau cavallo corria,
Mas um premio mereceu:
Veja-se quem o perdeu
Que cavalleiro seria?
Aposto que alguém diria,
Vendo que ás carreiras passa
Sem fortaleza, nem graça,
Que o moço com seu sendeiro
É nos fumos cavalleiro,
Porém não cá para a Praça.

Outro cavalleiro airoso
Andou na festividade,
E vi na velocidade
Com que corre ser Velloso;
Por cavalleiro famoso
O povo o acclamou de novo,
E eu só admirando o louvo,
E acho discricção calar,
Porque é escusado fallar
Quando por mim falla o povo.

O Ricardo valeroso
Andou bem, porém sem sorte,
Porque tem pouco de forte,
Si bem tem muito de airoso:
Perdeu pouco venturoso,
Mas sem nenhum sentimento,
Um premio que Braz attento
Ganhou; porque não se atreva
Á aquillo que tambem leva
Com as palavras o vento.

CHEGANDO O MARQUEZ DAS MINAS

A GOVERNAR O ESTADO COM O CONDE DO PRADO SEU FILHO, TRAC-
TOU LOGO DE ALLIVAR OS MAGNATES DA BAHIA, CHAMANDO-OS
DO DESTERRO EM QUE PADECIAM, AMEDRONTADOS DO SEU ANTE-
CESSOR PELA MORTE QUE OUTROS DERAM AO ALCAIDE MÓR FRAN-
CISCO TELLES, E POR ACÇÃO DE GRAÇAS LHE FEZ O SECRETARIO DE
ESTADO BERNARDO VIEIRA RAVASCO ESTA DECIMA, QUE O POETA
GLOZOU COM OS PRIMORES COSTUMADOS METAPHORICAMENTE

DECIMA

De flores e pedras finas
Floresce e enriquece o Estado,
Floresce sim pelo Prado,
E enriquece pelas Minas[7]:
As aves que peregrinas
Aos montes se retiraram,
Nesta manhã já cantaram
Com tão doce melodia,
Que a noite se tornou dia
Porque as penas se acabaram.

[7] Refere-se ao conde do Prado e ao marquez das Minas.

GLOZA

Já da primavera entrou
A alegre serenidade,
Com que toda a tempestade
Do triste inverno acabou:
Já Saturno declinou
Nas operações malignas:
Com influencias benignas
Jupiter predominante
Nos promette anno abundante
De flores e pedras finas.

Si d'estes aspectos taes
Bem se calcula a figura,
Teremos grande fartura,
Não ha de haver fome mais:
Mostras temos e signaes
De um tempo muito abastado:
Porque bem considerado
D'elle tem o proprio effeito,
Já vemos que a seu respeito
Floresce e enriquece o Estado.

Para ser enriquecido
Este Estado e florescente,
Temos a causa patente
No planeta referido:
Não se equivoque o sentido
No effeito aqui declarado,
Porque sendo bem notado,

O Estado (como parece)
Si pelo mais não floresce
Floresce sim pelo Prado.

Pelo Prado flôr á flôr
Se vai a terra esmaltando,
Com que o clima está mostrando
Temperamento melhor:
Do luminar superior
Por taes influencias dignas,
Sendo as pedras o boninas
Da terra unicos primores,
Pois se esmalta pelas flores
E enriquece pelas Minas.

Na terra já se experimentam
Virações tão temperadas,
Que as aves exterminadas
Tornar aos ninhos intentam:
Já não sentem, não lamentam
Tempestuosas ruinas;
Pois com salvas matutinas
Se mostram tão prasenteiras,
Que mais parecem caseiras
As aves que peregrinas.

Sua peregrinação
Influxo foi de Saturno,
Planeta sempre nocturno,
E muito importuno então:
Todas nessa conjuncção
Si os doces ninhos deixaram,
E tanto se receiaram
Do nocivo temporal,
Que escolhendo o menor mal
Aos montes se retiraram.

Porém tanto que sentiram
Haver no tempo mudança
Sem receio e sem tardança
Aos ninhos se reduziram:
Outros ares advertiram,
Outra clemencia notaram,

Com que alegres publicaram
Dos astros os movimentos,
E com festivos accents
Nesta manhã já cantaram.

Cantaram para mostrar
Com repetidas cadencias
Singulares excellencias
De um planeta singular:
Tal doçura no cantar
Não se ouviu nesta Bahia,
Ouvindo-se na harmonia
Modulações tão suaves,
Que nunca cantaram aves
Com tão doce melodia.

Cada qual com voz sonora
Nos mottetes que cantaram,
Por mil modos explicaram
De todo o Estado a melhora:
Cada instante e cada hora
A musica mais se ouvia,
No Prado resplandecia
Por modo maravilhoso
Um lustre tão luminoso,
Que a noite se tornou dia.

Entre as aves modulantes,
Que este nosso paiz tem,
Todas cantaram o bem
De que são participantes:
Dos males que foram antes
Todas tambem se queixaram;
Assim que todas mostraram
Com alegrias notorias
Que começaram as glorias
Porque as penas se acabaram.

A UNS CLERIGOS

QUE INDO AO EXAME DO CANTOCHÃO PARA ORDENS SACRAS NA
PRESENÇA DO ARCEBISPO D. JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA, DESAFI-
NARAM PERTURBADOS

Senhor, os padres d'aqui
Por b quadro e por b mol
Cantam bem re mi fa sol,
Cantam mal la sol, fa mi:
A razão que eu nisto ouvi,
E tenho para vos dar,
É que como ao ordenar
Fazem tanto por luzir,
Cantam bem para subir,
Cantam mal para baixar.

Porém como cantariam
Os pobres perante vós?
Tão bem cantariam sós,
Quão mal onde vos ouviam:
Quando o fa bordão erguiam
Cada um parece que berra,
E si um dissona, outro erra,
Mui justo me pareceu,
Que sempre á vista do céu
Fica abatido o que é terra.

Os padres cantaram mal,
Como estava presupposto,
E inda assim vos deram gosto,
Que eu no riso vi o signal:
Foi-se logo cada qual
Direito ás suas pousadas,
Á estudar nas taboadas
Da musica os sete signos,
Não por cantar a Deus hymnos,
Mas por vos dar badaladas.

Vós com voz tão doce e grata
Enleastes meus sentidos,
Que ficaram meus ouvidos
Engastados nessa prata:
Tanto o povo se desata
Ouvindo os vossos esp'ritos,
Que com laudatorios gritos
Dou em fé que uma donzella
Disse, qual outra Marcella,
O Cantico Benedictus.

EPISTOLA AO CONDE DO PRADO

ROMANCE

D'aqui d'esta praia grande
Onde á cidade fugindo,
Conventual das arêas
Entre mariscos habito:
A vós, meu conde do Prado,
A vós, meu principe invicto,
Illustrissimo Mecenas
De um poeta tão indigno,
Enfermo da vossa ausencia,
Quero curar por escripto
Sentimentos, saudades,
Lagrimas, penas, suspiros.
Ausentei-me d'esta Terra,
Porque esse povo maldicto
Me poz em guerra com todos,
E aqui vivo em paz commigo.
Graças a Deus que não vejo
Neste meu doce retiro
Hypocritas embusteiros,
Velhacos intromettidos.
Não me entram nesta palhoça
Visitadores prolixos,
Politicos enfadonhos,
Ceremoniosos vadios.
Visitam-me o lavrador
Sincero, simples e liso,
Que entra co'a bocca fechada,
E sahe co'o queixo cahido.
Dou na varanda um passeio,
Ouço cantar passarinhos
Docemente, ao que entendo,
Excepto a lettra e tonilho.
Vou-me logo para a Praia,
E vendo os alvos seixinhos,
De quem as ondas murmuram,
Por mui brancos e mui limpos,
Os tomo em minha desgraça
Por exemplo expresso e vivo,
Pois eu por limpo e por branco
Fui na Bahia mofino.

Queimada veja eu a Terra
Onde o torpe idiotismo
Chama aos entendidos nescios,
E aos nescios chama entendidos.

Queimada veja eu a Terra,
Onde em casa e nos corrilhos
Os asnos me chamam asno;
Parece cousa de riso.

Eu sei de um clerigo Zote,
Parente em grau conhecido
D'estes que não sabem musa,
Mau grego e pior latino,
Ambicioso avarento,
Das proprias negras amigo,
Só por levar a gaudere
O que aos outros custa gimbo;

Que si acaso em mim lhe fallam
Torcendo logo o focinho,
«Não me fallem neste asno»,
Responde em todo o seu sizo.

Tambem sei que um certo Beca,
No Pretorio presidindo,
Onde é salvage em cadeira,
Me pôz asno de banquinho.

Por signal que eu respondi
A quem me trouxe este aviso,
Si fôra asno, como eu sou,
Que mal fôra á esse ministro.

Era eu em Portugal
Sabio, discreto, entendido,
Poeta, melhor que alguns,
Douto como os meus vizinhos.

E chegando á esta Terra,
Logo não fui nada d'isto,
Porque um direito entre tortos
Parece que anda torcido.

De noite vou tomar fresco
E vejo em seu epicyclo
A lua desfeita em quartos,
Como ladrão de caminhos.

Faço versos mal limados
Á uma moça como um brinco,
Que hontem foi alvo dos olhos,

E hoje é negro dos sentidos.
Esta é a vida que passo,
E no descanso em que vivo,
Me riu dos Reis de Hespanha
Em seu celebre Retiro.
Si à quem vive em solidão
Chamou beato um gentio,
Espero em Deus que hei de ser
Por beato inda bemquisto.
Mas aqui e em toda a parte
Estou tão offerecido
Às coisas do vosso gosto,
Como às do vosso serviço.

Á TRES FREIRAS

DO CONVENTO DA ROSA, TODAS IRMÃS, A QUEM OUVIU O AUCTOR
CANTAR, E A UMA TANGER RABECÃO

Clara sim, mas breve esphera
Ostenta em purpureas horas
As mais bellas tres Auroras,
Que undoso o Tejo venera;
Tantos raios reverbera
Cada qual quando amanhece
Nas almas á que apparece,
Que não foi muito esta vez,
Que sendo as Auroras tres,
Pela tarde amanhecesse.

Clara na brancura rara
E de candidez rica,
Com ser freira Dominica,
A julguei por freira Clara;
Tanta flor, á flor da cara
Dada em tão varias maneiras,
Que entre as cinzas derradeiras
Jurou certa maripoza,
As mais por freiras da Rosa
Clara por Rosa das freiras.

Branca si por varios modos
Airosa o arco conspira,
Inda que a todos atira,

É Branca o branco de todos;
Mas deixando outros apodos
Dignos de tanto esplendor,
Vibrando o arco em rigor
Parece em traje fingido
Venus, que ensina a Cupido
Atirar settas de amor.

Maria a imitação
Por seu capricho escolheu,
Ser freira branca no véu,
Já que as mais no nome o são;
E em tão candida união
Com as duas irmãs se enlaça,
Que jurada então por graça,
Chove-lhe a graça em maneira,
Que sendo a Graça terceira,
Não é terceira na graça.

Entoando logo um solo
Em consonancia jocunda
Prima terceira e segunda,
A lyra formam de Apollo;
Vaguei um e outro polo,
Mas foi diligencia vã,
Porque a cara mais louçã
Cotejando-a nas brancuras
Com as tres irmãs formosuras,
Não vi formosura irmã.

Vendo tão raros primores,
Para em retrato adorar-vos,
Tractaram de retratar-vos
Estes meus versos pintores;
E me tendo já de côres
Essas vossas luzes puras
Entre metricas pinturas
Ficam, de muito emendados,
Meus versos os retratados,
E não vossas formosuras.

Á DUAS MOÇAS PARDAS

Altercaram-se em questão

Thereza com Mariquita
Sôbre qual é mais bonita,
Si Thereza, si Assumpção:
Eu tomo por conclusão
Nesta questão altercada,
Que Assumpção é mais rasgada,
E Thereza mais senhora,
E o galante que as namora
Verá a conclusão provada.

Si Thereza é mui bonita,
Mulata guapa e bizarra,
Com mui bom ar se desgarrá
A mestiça Mariquita:
Ninguém á uma e outra quita
Serem lindissimas cambas,
E o Cupido, que d'entre ambas
Quizer escolher a sua,
Escolha vendo-as na rua,
Que eu para mim venero ambas.

As damas d'esta cidade,
Ainda as que são mais bellas,
Não são nada diante d'ellas,
São bazofias da beldade:
São patarata em verdade,
Si ha verdade em pataratas,
Porque brancas e mulatas,
Mestiças, cabras e angolas
São o azeviche em parolas,
E as duas são duas pratas.

Jámais amanhece o dia,
Porque sahe a Aurora bella,
Si não porque na janella
Si põem Thereza e Maria:
Uma manhã em que ardia
O sol em luzes divinas,
Pelas horas matutinas
Vi eu Thereza assistir,
Ensinando-a a luzir
Como mestra de meninas.

Á SOGRA DE GONÇALO DIAS
MANDANDO-LHE UNS SONHOS

Senhora velha, si é dado
Á quem é vosso valido
Applicardes-lhe o sentido,
Ouvi vosso apaixonado:
Dá-me notavel cuidado
Saber como ides urdindo
Um e outro sonho lindo,
Porque me atrevo á dizer
Que, para taes sonhos ter,
Sempre estivera dormindo.

Diz um portuguez rifão
Nascido em tempo dos monhos,
Que ninguem creia em seus sonhos,
Porque sonhos, sonhos são:
Eu sigo outra opinião
Dês que os vossos sonhos vi,
E tão firmemente os cri,
Que si os tenho por verdade,
É porque na realidade
Os masquei e os engoli.

Eu dormira todo o dia,
E a vida desperdiçando
Sempre estivera sonhando,
Só por sonhar que os comia:
O sonhar é phantasia
Da alma que quando descança
Não larga a sua lavrança,
O seu trabalho e tarefa,
E como a minha alma é trefa,
No que lida é na papança.

Não são sonhos enfadonhos
Sonhos tão adocicados,
Que em vez de sonhos sonhados,
São sempre engolidos sonhos:
Outros sonhos ha medonhos,
Que um homem deixam turbado
Depois do sonho acordado:

Os vossos tal não farão,
E ao menos me deixarão
Mel pelos beijos untado.

Á BRITES

UMA DAMA PRETENDIDA DE MUITOS E DE NENHUM LOGRADA

Senhora, estou já em crer,
Que não é vosso rigor
Crueldade, mas temor,
Que tendes de vos render:
Hei de dar-vos á entender,
Por mais vos desenganar,
Que só pretendo adorar
Isento e independente,
Que o querer do pretendente
É mui distincto do amar

Bem posso, sem ser amado,
Amar-vos, minha senhora,
Porque amor sempre melhora
O fino em o desgraçado.
No impossivel adorado
Está o affecto maior;
Que quem aspira ao favor
Em sua dor importuna,
Faz lisonjas á fortuna,
E não serviços á amor.

Si do meu conhecimento
Nasceu a minha vontade,
Não pague uma divindade
Ter eu este entendimento.
Que mais agradecimento,
Quer uma amante paixão
Que amar e amar com razão!
E si é preciso querer
Ao bello, porque ha de ser
Merito a obrigação?

O amar correspondido
Não é o mais perfeito amar,
Que não se hão de equivocar

Amante e agradecido.
Sempre contingencia ha sido
O rigor ou a clemencia,
E si da correspondencia
Nascêra sempre a vontade,
Não fôra amor divindade,
Porque o fôra a contingencia.

O amante que procura
Ser em seu amor ditoso,
Tem ambição ao formoso,
Não amor á formosura.
Quem idolatra á luz pura
Da belleza rigorosa,
Cora fineza generosa,
Ame sempre despresado,
Porque o ser eu desgraçado,
Não vos tira o ser formosa.

Não ser de vós admittido
Acredita o meu cuidado;
Logo á ser tão despresado
Devo estar agradecido.
Rigores peço soffrido,
Não clemencia, nem piedade;
Porque inutil é a vontade,
Que deixa em sua fineza
Pelos logros da belleza
Respeitos da divindade.

CONVERSA

QUE TEVE O AUCTOR EM UMA ROÇA COM A MESMA DAMA

Brit. Ao velho que está na roça
Que fuja ás moças direi:

Poet. Abofé não fugirei,
Em quanto Brites fôr moça:

Brit. Si lhe não fazeis já móssa,
Porque não heis de fugir?

Poet. Porque? porque hei de cumprir

Com a obrigação de cascar,
Dando-lhe sete ao entrar,
E quatorze ao despedir.
E já que em vosso sujeito
Ha fidalguia estirada,
Honrae-me que a que é honrada
Não perde a um velho respeito:

Brit. Tendes commigo máu pleito
Pelas cans que penteaes.

Poet. Nisso mais vos enganaes,
Que eu penteio desenganos,
Não pelo pêzo dos annos,
Pelo pezar que me daes.

Á MESMA BRITES

ARREPENDIDA DE HAVER CASADO

Vós casada e eu vingado,
Tudo o meu coração sente,
Mas a vingança presente
Mais que o aggravo passado
No aggravo já perdoado,
Pelas desculpas que daes,
Menor dor me occasionaes,
Por ser contra o meu respeito:
Que o que contra vós é feito
Força ó que me dêa mais.

Chorar vosso casamento
É sentir a minha dor:
E agora me obriga amor
Á sentir vosso tormento.
Vosso descontentamento
Do meu mal distancia encerra.
Que o meu coração não erra,
Censurando um e outro sim,
Pois de vós vai tanto á mim
Como vai do céu á terra.

A um só coração assestam
Os pezares de quem ama;

Mas os pezares da dama
A dois corações molesta:
Si duas vidas infestam
Males de que estaes sentida,
Com razão, prenda querida,
Dois prantos faço em commum,
Pela minha vida um,
E outro pela vossa vida.

Levae prudente e sagaz
Esse cargo, essa pensão,
Porque o êrro da eleição
Comsigo outros erros traz:
Si é de remedio incapaz
O êrro do casamento,
Dissimule o soffrimento
Esse êrro, porque maior
Não façam o êrro de amor
Erros do arrependimento.

Á UMA MOÇA

CHAMADA THEREZA DE CÓR TRIGUEIRA

Seres Thereza formosa,
Sendo trigueira, me espanta;
Pois tendo belleza tanta
É sôbre isso milagrosa.
Como não será espantosa,
Si o adagio me assegura,
Que quem quizer formosura
A ha de ir na alvura ver,
E vós sois linda mulher
Contra o adagio da alvura.

Mas o nosso adagio mente,
E eu lhe acho a repugnancia
De que a belleza é substancia,
E a alvura é accidente:
Si na esphera tão luzente
D'essa cara prazenteira,
O sol como por vidreira
Se duplica retratado,
Sendo vós sol duplicado

Que importa seres trigueira.

Á UMA DAMA

A QUEM O P. EM CERTA OCCASIÃO ACHOU MAIS FORMOSA DO QUE COSTUMAVA VER

Tenho por admiração,
Menina, e por cousa rara,
Que mudasseis vós de cara,
Porém não de condição:
Vendo-vos nesta ocasião
De feições tão desmentida,
Mais dura e mais sacudida,
Vos julguei, porque o revele,
Qual cobra que muda a pelle,
Mas não põe emenda á vida.

Como não terá desgosto
Quem adora uma belleza,
Si sem mudar natureza,
Tão mudada está de rosto?
Para vós me dares gosto
E pagares minha fé,
O que haveis de fazer é,
Por dar-me algum galardão,
Mudares de condição:
Mas de cara para que?

Cara que já me agradára,
Por bonita e por graciosa,
Commigo é mudança nova,
Comvosco é mudança cara.
Si amor vos desenganára,
Que me parecíeis bem,
Não tivereis vós por quem
Fazer esta variação,
Sendo varia na feição,
E tão firme no desdem.

Não digo, minha senhora,
Mal da vossa perfeição:
Quero Marianna de então,
E não Marianna de agora;

Que quem vos ama e adora
Tão firme e constantemente,
Quer que saiba toda a gente
Que minha alma enamorada
Não dá Marianna passada
Por Marianna presente.

Quem faz mudanças na cara,
Bem que não no coração,
Sempre deixa a presumpção
Que por pouco se mudára.
Eu a amar-vos não chegára,
Sem ter por delicto atroz
Que haja mudança entre nós;
Pois não só mudar se chama
Ires vós para outra dama,
Como de vós para vós.

Ou mudada ou não mudada,
Vos affirmo reverente
Que sois mais moça ao presente,
Para ser fructa passada.
E está tão idolatrada
De mim essa cara bella,
Que ou seja esta ou aquella,
O que agora importa é
Que deis um geito com que
Eu pobre me logre d'ella.

Á UMA DAMA ESQUIVA

Filena, eu que mal vos fiz,
Que sempre a matar-me andaes,
Uma vez quando me olhaes,
Outra quando me fugis?
Vi-vos e logo vos quiz
Tão inseparavelmente,
Que nem a vista o presente,
Nem menos sabe dizer-me
Entre o ver-vos e o render-me
Qual foi primeiro accidente.

Vós sois tão esquiva e tal,
Que outras coisas não sabendo,

Da vossa esquivança entendo
Que meu amor vos faz mal:
Não cabe em meu natural
Fugir de quem me maltracta,
E si me sahir tão barata
A vingança de adorar-vos,
Quero querer-vos e amar-vos,
Porque fiqueis mais ingrata.

Não sinto esta pena atroz
Que me fazeis padecer,
Antes folgo de morrer,
Vendo que morro por vós:
E si com passo veloz
Presinto a morte chegar,
Não sinto o ver-me acabar,
Sinto a gloria que vos cresce,
Que uma ingrata não merece
A gloria de me matar.

Vivam vossas esquivanças
E vossa crueldade viva,
Que a sem razão de uma esquiva
Acredita as esperanças.
Tudo tem certas mudanças,
Tambem se muda o rigor;
E si amor me dá valor
Para soffrer-vos e amar-vos,
Claro está que hão de mudar-vos
Firmezas do meu amor.

DANDO UMA QUEDA

Á VISTA DE UMA DAMA QUE SE ENTENDE SER A CELEBRADA BABÚ.

Filena, o ter eu cahido
Nenhum susto me tem dado,
Porque a vossos pés prostrado
Me julgo então mais subido:
Direis que fiquei sentido,
Mas sabeis que não sentira,
Inda que me não subira
A cahir onde cahi,
Si como no chão me vi,

Com vosco em terra me vira.

Porém que isso me succeda,
Por mais quédas que inda dê,
Não creio, pois vejo que
Não tenho com vosco quéda.
Vossa crueza me veda
Este bem que eu tanto abraço:
Quem viu semelhante passo,
Que encontre meu desvario,
Filena, em vosso desvio
A minha quéda embaraço.

Confesso que então cahido
Fiz tenção de me sangrar,
Mas não me quiz mais picar,
Porque assaz fiquei corrido.
Não andei pouco advertido,
Fallo como quem vos ama;
Porque eu sei, formosa dama,
Que por mais que me sangrasse,
Livre estou de que chegasse
A vêr-me por vós na cama.

E com toda essa desgraça
Por satisfeito me dera
Si com cahir merecêra
Siquer cahir-vos em graça:
Mas porque, Filena, faça
D'esta quéda estimação,
Inda sobeja razão,
Si a quéda motivo é
De prostar-me a vosso pé
Para beijar-vos a mão.

Dizeis que quereis tomar,
Para dar, vosso conselho:
Quereis conselho de velho?
Nunca o tomeis para o dar:
Os olhos se hão de fechar
Para o dar, e abrir da mão,
Com razão ou sem razão,
Que os negocios que se tractam,

Com conselhos que dilatam,
Nunca se conseguirão.

Si conselhos não tomaes,
Quando alvedrios rendeis,
Como conselhos quereis,
Quando alvedrios pagaes?
Sem conselho me mataes,
E daes-me a vida em conselho?
Este estylo é já tão velho
Na eschola da tyrannia,
Que da mais tyranna harpia
Podereis vós ser espelho.

JULGA

O P. COM SUBTILEZA TODA A CULPA DE ACONTECIMENTOS INIQUOS
NO TEMPO ABSTRACTO. ENTENDE-SE SER ESTA OBRA SATYRA AO
GOVERNADOR ANTONIO DE SOUSA DE MENEZES, POR ALCUNHA O
BRAÇO DE PRATA

Tempo, que tudo trasfegas,
Fazendo aos pelludos calvos,
E pelos tornar mais alvos
Até os bigodes lhe esfregas:
Todas as caras congregas,
E á cada uma pões mudas;
Tudo acabas, nada ajudas:
Ao rico pões em pobreza,
Ao pobre dando riqueza,
Só para mim te não mudas.

Tu tens dado em malquerer-me,
Pois vejo que dá em faltar-te
Tempo só para mudar-te,
Si é para favorecer-me:
Por conservar-me e manter-me
No meu infeliz estado,
Até em mudar-te has faltado,
E estás tão constante agora,
Que para minha melhora
De mudanças te has mudado.

Tu que esmaltas e prateias

Tanta guedelha dourada,
E tanta face encarnada
Descoras, turbas e affeias:
Que sejas pincel não creias,
Si não dias já passados,
Mas si esmaltes prateados
Branqueam tantos cabellos,
Como branqueando pellos,
Não me branqueias cruzados?

Si corres tão apressado,
Como paraste commigo?
Corre outra vez, inimigo,
Que o teu curro é meu sangrado:
Corre para vir mudado,
Não pares por mal de um triste;
Porque si pobre me viste,
Paraste ha tantas Auroras,
Si de tão infaustas horas,
O teu relógio consiste?

O certo é, que és um caco,
Um ladrão da mocidade,
Por isso nessa cidade
Corre um tempo tão velhaco:
Farinha, assucar, tabaco
No teu tempo não se alcança;
E por tua intemperança
Te culpa o Brazil inteiro;
Porque sempre és o primeiro
Movel de qualquer mudança.

Não ha já quem te suporte,
E quem armado te vê
De fouce e relógio, crê
Que és o precursor da morte:
Vens adeante de sorte
E com tão fino artificio
Que á morte forras o officio;
Pois ao tempo de morrer,
Não tendo já que fazer,
Perde a morte o exercicio.

Si o tempo consta de dias,
Que revolve o céu opaco,
Como tu, tempo velhaco,
Constas de velhacarias?
Não temes que as carestias,
Que de ti se hão de escrever,
Te darão á aborrecer
Tanto ás futuras edades,
Que ouvindo as tuas maldades
A cara te hão de trocar.

Si porque penas me dês,
Páras cruel e inhumano,
O céu sancto e soberano
Te fará mover os pés:
Esse azul movel que vês
Te fará ser tão corrente,
Que não parando entre a gente
Preveja a Bahia inteira
Que has de correr a carreira
Com pregão de delinquente.

Á LUIZ CESAR DE MENEZES

GOVERNADOR DE ANGOLA, PEDINDO-LHE DE CARCONDA CERTO FAVOR OU DESPACHO POR TITULOS DE COMEDIAS

Meu príncipe, d'esta vez
Espero que o plectro obre,
Ainda que para um pobre
Tudo succede al revéz:
O que tão raro me fez,
Levante-me hoje de raso,
Que é já meu timbre em tal caso
Querer por solo querer,
Porfiar hasta vencer
Los empenos de un acaso.

Tanta tragedia e inopia
Tenho em Angola soffrido,
Que em mim se vê el parecido
Del mentir de la Ethiopia:
De tal retrato e tal cópia
Foi causa um general zêlo,

Mas por divino modelo
Quem tanto me fez cahir,
Tanto me viu resurgir:
Lo que juizios del cielo!

Senhor: favores tão grandes
Nunca os poderei pagar:
Mas eu hei de vos mandar
Un valiente Negro en Flandes:
Ao senhor Vasco Fernandes,
A quem por fé tanto adoro,
Por quien a Cruz Sancta imploro,
Que lhe dê Sancta Cruz Neto,
Tambem mandar-lhe prometto
Un esclavo en grilhos de oro.

Dois negros são não pequenos,
Que offereço de antemão;
E posto que só dois são
Pocos bastan, si son buenos:
A El-rei, quando não dê menos,
Ao menos o servirei
Com muita amigavel lei,
E prometto desde aqui
Que tenha em Carconda em mi
El maior Amigo El-rei.

REDARGUE

O P. A DOCTRINA OU MAXIMA DO BEM VIVER QUE MUITOS POLITICOS
SEGUEM DE INVOLVER-SE NA CONFUSÃO DE HOMENS PERDIDOS E
nescios, PARA PASSAR COM MENOS INCOMMODO ESTA HUMANA
VIDA

Que nescio que eu era então
Quando cuidava o não era!
Mas o tempo, a idade, a era
Puderam mais que a razão:
Fiei-me na discrição,
E perdi-me, em que me pez,
E agora dando ao travez,
Vem no cabo á conhecer
Que o tempo veiu a fazer
O que a razão nunca fez.

O tempo me tem mostrado
Que, por me não conformar
Com o tempo e com logar,
Estou de todo arruinado:
Na politica de estado
Nunca houve principios certos,
E posto que homens expertos
Alguns documentos deram,
Tudo o que nisto escreveram
São contingentes acertos.

Muitos por vias erradas
Têm acertos mui perfeitos,
Muitos por meios direitos
Não dão sem erro as passadas:
Cousas tão disparatadas
Obra-as a sorte importuna,
Que de indignos é columna.
E si me ha de ser preciso
Lograr fortuna sem sizo,
Eu renuncio á fortuna.

Para ter por mim bons fados
Escuso discretos meios,
Que ha muitos burros sem freios
E bem afortunados:
Logo os que andara bem livrados,
Não é propria diligencia,
É o ceu e sua influencia,
São forças do fado puras,
Que põem mentidas figuras
No theatro da prudencia.

De diques de agua cercaram
Esta nossa cidadella,
Todos se molharam nella,
E todos tontos ficaram:
Eu, á quem os céus livraram
D'esta agua, fonte da asnia,
Fiquei são da fantasia
Por meu mal, pois nestes tratos
Entre tantos insensatos

Por sisudo eu só perdia.

Vinham tontos em manada,
Um simples, outro doudete,
Este me dava um moquete,
Aquell'outro uma punhada:
Tá: que sou pessoa honrada,
E um homem de entendimento,
Qual honrado ou qual talento?
Foram-me pondo num trapo,
Vi-me tornado um farrapo,
Porque um tolo fará cento.

Considerarei logo então
Os baldões que padecia,
Vagarosamente um dia,
Com toda a circumspecção:
Assentei por conclusão
Ser duro de os correger,
E livrar do seu poder,
Dizendo com grande magua:
Si me não molho nesta agua,
Mal posso entre estes viver.

Eia: estamos na Bahia,
Onde agrada a adulação,
Onde a verdade é baldão,
E a virtude hypocrisia:
Sigamos esta harmonia
De tão fatua consonancia,
E inda que seja ignorancia
Seguir erros conhecidos,
Sejam-me a mim permittidos
Si em ser besta está a ganancia.

Alto pois com planta presta
Me vou ao Dique botar,
E ou me hei de nelle afogar,
Ou tambem hei de ser besta:
Do bico do pé até a testa
Lavei as carnes e os ossos:
Ei-los vêm com alvoroços
Todos para mim correndo,

Ei-los me abraçam dizendo:
«Agora sim que é dos nossos.»

Dei por besta em mais valer,
Um me serve, outro me presta,
Não sou eu de todo besta,
Pois tractei de o parecer:
Assim vim á merecer
Favores e applausos tantos
Pelos meus nescios encantos,
Que emfim e por derradeiro
Fui gallo do seu poleiro
E lhes dava os dias sanctos.

Já sou na terra bem visto,
Louvado e engrandecido,
Já passei de aborrecido
Ao auge de ser bemquisto:
Já entre os grandes me alisto,
E amigos são quantos topo:
Estou fabula de Esopo,
Vendo fallar animaes,
E fallando eu que elles mais,
Bebemos todos num copo.

Seja pois a conclusão,
Que eu me puz aqui a escrever
O que devia fazer,
Mas que tal faça, isso não:
Decrete a Divina mão,
Influam malignos fados,
Seja eu entre os desgraçados
Exemplo da desventura,
Não culpem minha cordura,
Que eu sei que são meus peccados.

DESCREVE

O RICO FEITIO DE UM CELEBRE GREGORIO DE NEGREIROS EM QUE
VARIAS VEZES FALLA, MOÇO COM QUEM GRACEJAVA COM DIVERTI-
MENTO NAQUELLE SITIO

ROMANCE

Eu vos retrato Gregorio,

Desde a cabeça á tamanca,
Co' um pincel esfarrapado
Numa pobrissima tabua.
Tão pobre é nossa gadelha,
Que nem de lendias é farta,
E inda que cheia de aneis,
São aneis de piassaba.
Vossa cara é tão estreita,
Tão faminta e apertada,
Que dá inveja aos Buçacos,
E que entender ás Thebaidas.
Tende dois dedos de testa
Porque da frente á fachada
Quiz Deus e a vossa miseria
Que não chegue á pollegada.
Os olhos dois ermitães,
Que em uma lobrega estancia
Sempre fazem penitencia
Nas grutas da vossa cara.
Dois arcos quizeram ser
As sobancelhas, mas para
Os dois arcos se acabarem
Até de pello houve falta.
Vosso pae vos amassou,
Porém com miseria tanta,
Que tremeu a natureza
Que algum membro vos faltára.
Deu-vos tão curto o nariz,
Que parece uma migalha,
E no tempo dos defluxos
Para assoar-vos não basta.
Vós devieis de ser feito
No tempo em que a lua se acha
Pobrissima já de luz,
Correndo á minguante quarta.
Pareceis homem meminho,
Como o meminho da palma,
O mais pequeno na rua,
E o mais pobresinho em casa.
Vamos aos vossos vestidos,
E peguemos na casaca,
Com tento, porque sem tento
A leva qualquer palavra.

Anda tão rota, senhor,
Que tenho por coisa clara
Que no Tribunal da Rota
De Roma está sentenciada.
A vossa grande pobreza
Para perpetua lembrança
Dedico á de Manuel Trapo,
Que foi no mundo affamada.

Á HENRIQUE DA CUNHA

CHEGANDO DO SITIO DA ITAPEMA Á CAJAHYBA

ROMANCE

Senhor Henrique da Cunha,
Vós que sois lá na Itapema
Conhecido pelo brio,
Graça, garbo, e gentileza:
Vós que aonde quer que estais
Todo o mundo se vos chega
A escutar a muita graça,
Que vos chove á bocca cheia:
Vós que partindo de casa,
Ou seja ao remo, ou á vela,
Bem que venhais sem velame,
Vindes fiado na verga:
E apenas tendes chegado
A esta Cahyba amena,
Logo São Francisco o sabe,
Logo Apollonia se enfeita:
Logo chovem os recados,
Logo a canôa se apresta,
Logo vai, e logo encalha,
Logo a toma, volta e chega:
Logo vós a conduzis
Para a Casa das galhetas,
Onde o melado se adoça,
Onde a garapa se azeda:
Entra ella, e vós tambem,
Assenta-se, e vós com ella
E assentada lhe brindais
Á saude das parentas.
Vós: mas baste tanto vós,
Si bem que a Musa burlesca

Anda tão desentoadada,
Que em vez de cantar, vozea.
Às vossas palavras vamos,
Vamos às vossas promessas,
Que com serem infinitas,
Não são mais que as minhas queixas.
Promettestes-me, ha dois annos,
De fazer-me aquella entrega
Da viuva de Naim,
Que hoje é gloria da Itapema.
Não me mandastes comboy,
Necessaria diligencia,
Para um triste que não sabe
Nem caminho, nem carreira.
Tão penoso desde então
Fiquei com tamanha perda,
Que ou a pena ha de acabar-me,
Ou ha de acabar-se a pena.
Mas inda fio e confio
Na Senhora Dona Tecla
Que nas dez varas de hollanda
Hei de amortalhar a peça.
Disse amortalhar, mal disse,
Melhor resurgir dissera,
Que em capello tal resurge
A mais defuncta potencia.
Vós me tirastes o ganho:
Sois meu amigo, paciencia;
Por isso diz o rifão
Que o maior amigo apega.
Só vós soubestes logra-la,
Que sois com summa destreza
Grande jogador de gorra,
Pela branca e pela negra.
Jogais a negra e a branca,
E tudo na eschola mesma,
Bem haja escrava e senhora,
Que uma de outra se não zela.
Esta é a queixa passada,
Porém a presente queixa
É que a todos os amigos
Mandastes mimos da Terra.
A uns peças de piassabas,

A outros fizeste a peça,
E eu já essa peça tomára,
Por ter de vós uma prenda.
Enviar-me alguma cousa,
Mais que seja um pau de lenha,
Terei um pau para os caens,
Que é o que ha na nossa terra.
Lembre-vos vosso compadre,
Que o tal Duarte de Almeida
Co' a obra parou, emquanto
A piassaba não chega.
Mandae-me uma melancia,
Que ainda que é fruita velha,
Não importa o ser passada,
Como de presente venha.
Mandae-me um par de tipoyas,
Das que se fazem na Terra,
A dois cruzados cada uma,
Que eu mandarei a moeda.
Mandae-m'as sem zombaria,
Que eu vo-las peço de veras,
Porque não peço de graça
Quanto a dinheiro se venda.
Mandae-me boas novas vossas,
E em que vos sirva e obedeça,
Que como vosso captivo
Irei por mar e por terra.
Mandae-me novas da mãe,
Das filhas muitas novellas,
Pois em faze-las excedem
Cervantes e outros poetas.
E perdoae disparates
De quem tanto vos venera,
Que por em tudo imitar-vos
Vos quer seguir na pespega.

PEDINDO-SE

A SOLTURA DE UM MULATO Á SEU SENHOR

Não estamos nos Ilheos,
Que é terra de meus peccados,
Mas estamos melhorados
Aqui na Madre de Deus:

E si aquelles tabaréus
Por vossa mesma verdade
Dão tão geral liberdade
Aos delinquentes da terra,
Vós c'o peccador que erra
Como usaes tal crueldade?

Um castigo tão tyranno,
Uma prisão tão severa,
Satisfaria a uma fera,
E eu cuidei que ereis humano:
Ha pouco menos de um anno
Que está esse peccador
Purgando com grande dor,
E com trabalho infinito,
Á principio o seu delicto,
E agora o de seu senhor.

E si na festividade
D'aquelle martyr frechado
Se dá á todo o culpado
Remissão e liberdade,
De Deus na Natividade,
Á que já de agora assisto,
Muito mais logar tem isto,
E com tanta mais razão
Quanto vai por medição
De São Sebastião á Christo.

Nós os abaixo assignados
Pedimos com humildade,
Ou fundados na piedade,
Ou na amizade fiados,
Que d'esses grilhões malvados
Por seu duro e infame tracto,
Solteis o prêzo malato,
Porque tem bons fiadores
Nestes vossos servidores,
De que ha de ser bom mulato.

Á ANTONIA

MOÇA PARDA DE PERNAMIRIM CHAMADA VULGARMENTE CATONA

Que pouco sabe de amor
Quem viu, formosa Catona,
Que ha nessa celeste zona
Astro ou luminar maior.
Tambem a violeta é flor,
E mais é negra a violeta,
E si bem pôde um poeta
Uma flor negra estimar,
Tambem eu posso adorar
Nos céus um pardo planeta.

Catona é moça luzida,
Que á pouco custo se asseia,
Entende-se como feia,
Mas é formosa entendida:
Escuza-se commedida,
E ajusta-se envergonhada,
Não é tão desapegada
Que negue á uma alma esperança,
Porque emquanto a não alcança,
Não morra desesperada.

Piza airoso e compassado,
Sabe-se airosa mover,
Calça que é folgar de ver,
E mais anda a pé folgado:
Conversa bem sem cuidado,
Ri sizuda na occasião,
Escuta com attenção,
Responde com seu desdem,
E inda assim responde bem,
E bemquista a sem razão.

É parda de tal talento,
Que a mais branca e a mais bella,
Podéra trocar com ella
A côr pelo entendimento
A um prodigio, um portento;
E si vos espanta ver,
Que adrêde me ando a perder;
Dá-me por desculpa amor,
Que é femea trajada em flor,
E sol mentido em mulher.

Á MESMA CATONA

DESPEDINDO-SE O AUCTOR DE PERNAMIRIM PARA A VILLA DE S. FRANCISCO

Não vos pude merecer,
Pois vos não pude agradar,
Mas eu hei de me vingar,
Catona, em mais vos querer;
Vós sempre á me aborrecer
Com odio mortal e atroz,
E eu a seguir-vos veloz,
Si sois veremos emfim
Mais firme em fugir-me a mim,
Que eu em seguir-vos á vós.

Quizera vos persuadir,
Porque vos saibaes haver,
Que sou mais firme em querer,
Que vós ligeira em fugir:
Eu não hei de desistir
D'esta minha pretensão,
Quer vós o aproveis, quer não,
Porque vêr me importaria
Si talvez faz a porfia
O que não fez a razão.

Mil vezes o tempo faz
O que á razão não conveio,
Metterei pois tempo em meio,
Porque elle nos metta em paz:
Vós estaes muito tenaz
Em dar-me um e outro não,
E eu, levado da affeição,
Espero tempo melhor,
Onde o que não obra amor
Vença o tempo, obre a razão.

Catona, a minha esperança
Me dá por conselho são,
Que espere, porque o rifão
Diz que quem espera alcança:
Tudo tem certa mudança,
O bem males ameaça,

O mal para bem se passa,
Que como a fortuna joga,
O braço que hoje me affoga,
Talvez amanhã me abraça.

Á ANNICA

UMA MULATA DA CAJAHYBA

Annica, o que me quereis,
Que tanto me enfeitiçaes,
Uma vez quando cantaes,
E outra quando appareceis?
Si por matar-me o fazeis,
Fazei esse crime atroz
De matar-me sós por sós,
Para que eu tenha o soccorro,
Que vendo que por vós morro,
Viva de morrer por vós.

Matar-me eu o soffrerei,
Mas soffrei tambem chegar-me,
Que ter asco de matar-me
Jámais o consentirei:
Fugir e matar não sei,
Anna, como o conseguis?
Mas si a minha sorte o quiz
E vós, Anna, o intentaes,
Não podeis matar-me mais
Do que quando me fugis.

Chegae e matar-me já:
Não chegando estou já morto;
Coisa que se me tem absorto,
Matar-me quem não me dá:
Chegae, Anna, para cá,
Para dar-me essa ferida,
Porque fugir de corrida
E matar-me d'essa sorte,
Si o vejo na minha morte,
O não vi na minha vida.

Não sei que pós foram estes
Que na alma me derramastes?

Não sei com que me matastes?
Não sei o que me fizestes?
Sei que aqui me apparecestes,
E vendo-vos com antolhos,
Topei com tantos abrolhos
Na vossa dura conquista,
Que me tirastes a vista
E me quebrastes os olhos.

Á UMA MULATA

DE PERNAMIRIM CHAMADA LUZIA

Parti o bolo, Luzia,
Que a mim mesmo me accomoda:
Não deis a fatia toda,
Dae-me parte da fatia:
Quem pede como eu pedia,
Pede tudo o que lhe importa
E acceita o que se lhe corta,
E quem dá com manha e arte
Seus dados sempre reparte,
Si tem mais pobres á porta.

Não é bem que tudo eu cobre,
E é bem que um pouco me deis;
Dae-me um pouco e alegrar-me-heis:
Com pouco se alegra o pobre;
Não deis coisa que me sóbre,
Dai-me siquer um bocado;
Mas o que vos persuado
Que deis com manha e com arte,
Dando vós e de tal parte,
Sempre será grande o dado.

Si á todos cinco sentidos
Não tendes coisa que dar,
Dae ao de vêr e apalpar,
Os dois sejam preferidos:
Não deis que ouvir aos ouvidos,
Mas dae aos olhos que vêr
E ao tacto em que se entreter;
Deitemos á bom partir
Os dois sentidos a rir

E os demais a padecer

As mãos folgam de apalpar,
Os olhos folgam de vêr,
Os dois logrem seu prazer,
Os tres sintam seu pezar:
Que depois que isto lograr,
Virá o mais por seu pé,
Que inda que ninguem me dê,
Nem eu o tome á ninguem,
Morrerá vosso desdem
Ás forças de minha fé.

A ANTONIA

MOÇA PARDA, CHAMADA A MARIMBONDA, QUE MORAVA NA RUA DA POEIRA, E A VIU O P. NO CAMPO DA PALMA DEBAIXO DE UMA URUPEMBA EM CASA DE UMA AMIGA. ALLUDE AO REMEDIO SYMPATHICO DE SE QUEIMAR A CASA DOS MARIMBONDOS, PARA SE EXTINGUIR LOGO A DÓR DAS SUAS PICADAS

Fui hoje ao Campo da Palma,
Onde com subito estrondo
Me investiu um marimbondo,
Que me picou dentro da alma:
Era já passada a calma,
E eu me sentia encalmado,
Corrido e injuriado,
Porque sendo obrigação
Metter-lhe eu o meu ferrão,
Eu fui o que vim picado.

Fiz por fecha-lo na mão,
Mas o marimbondo azedo
Me picava em qualquer dedo
E escapava por então:
Desesperada funcção
Foi esta, pois me fui pondo
Tão abolhado em redondo
Por cara, peito e vasios,
Que estou com febres e frios
Morrendo do marimbondo.

Dizem que a vingança está

Em lhe saber eu da casa,
Porque deixando-lh'a em braza,
Um fogo outro abrandará:
Mas temo não arderá,
Por mais que toda uma matta
Lhe applique com mão ingrata,
Porque o que eu lhe hei de pôr
Ha de ser fogo de amor,
Que inda que abraza, não mata.

Nesta afflicção tão penosa
D'onde me virá o soccorro?
Morrerei, pois por quem morro,
Morro uma morte formosa:
Esta dôr tão tormentosa
Me levará de maneira,
Que, ou ella queira ou não queira,
Em chegando á sua rua,
Si acaso se mostrar crua,
Tudo irá numa poeira.

SAUDOSO

DE PERNAMIRIM, E POR OCCASIÃO DE HAVER VISTO NA VILLA DE S.
FRANCISCO, ONDE ESTAVA, UM MOLEQUE CHAMADO MOÇORONGO,
ESCREVE A UM AMIGO D'AQUELLE SITIO

ROMANCE

Veu aqui o Moçorongo
Tão occulto e escondido,
Que não sei si o tenha a elle,
Si a vós por meu inimigo.

Chegou terça feira á tarde,
Metteu-se em casa de Chico,
Passou a tarde e a noite,
E o peor é que dormindo.

Porque havia de dormir
O Moçorongo maldicto,
Sabendo que estava eu
Desvelado e affligido?

Amanheceu quarta feira,

Chegou o nosso Arcebispo,
Gastou-se toda a manhã
Com visitas e visitos.

Deu meio dia, e fui eu
Para casa dos amigos
Esfaimado como um cão,
E como um lobo faminto.

Quando o cão do Moçorongo
Sahiu do seu escondrijo,
E sem lhe occorrer o encontro
Deu de focinhos commigo.

Alegrei-me, e enfadei-me,
Que ha casos em que é preciso
Que se mostre ao mesmo tempo
Alegre um peito e mofino.

Amofinou-me a traição
Com que elle esteve escondido,
E alegrei-me de encontrar
Com gente d'esse districto.

Perguntei logo por vós,
Por Ignacio e Antonico,
Por Luzia e por Catona,
E mais gente d'esse sitio.

Todos estão com saude,
Me disse o crioulo esquivo,
Um tanto triste da cara,
Pouco alegre do focinho.

Mas eu fiz-lhe muita festa,
Assim por ser seu amigo,
Como por ser cousa vossa,
E neste pasto nascido.

Perguntei si me escreveras,
Zombou d'isso, e deu-me um trinco
Zombou com cara risonha,
Trincou com dedo tangido.

D'isto formo a minha queixa,
D'isto fico mui sentido,
Pois sei que tendes papel,
Tinteiro, penna e juizo.

Mais andar lá nos veremos,
E vereis que de sentido
Vos hei de estrugir a vozes,
E me hei de espojar a gritos.

Meus recados a Luzia,
E que estou já de caminho,
Porque só ella me farta,
E á fome aqui me entizico.

ESCREVE

TAMBEM QUEIXOSO A SEU AMIGO IGNACIO, MORADOR EM PERNA-
MIRIM, EM QUEM FALLA NO ROMANCE ANTECEDENTE.

ROMANCE

Senhor Ignacio, é possível
Que quizestes desdizer
D'aquella boa opinião
Que eu tinha na vossa fé?

É possível que um amigo,
De que tanto confiei,
Nem por escripto me falla,
Nem em pessoa me vê?

É possível que uma ausencia
Tanta potestade tem,
Que ao vivo morto reputa
No que toca ao bem querer?

Si isto em vós a ausencia faz,
Como em meu peito o não fez?
Não sois vós o meu ausente,
Que em meu peito viveis?

O certo é, meu amigo,
Disse amigo, mas errei,

Que não sois amigo já,
Sois o meu socio talvez.

Fostes socio nos caminhos
D'aquella terra infiel,
Onde Luzia traidora,
E Catona descortez,

Me privaram dos sentidos,
E me deixaram crueis
O corpo uma chaga viva
A golpes de seus desdens.

Mas eu me não queixo d'ellas,
Que de nenhuma mulher,
Má ou boa, ha de queixar-se
Homem que juizo tem.

Queixo-mo de vosso tio,
Que se foi por me empecer
Esta terceira jornada
Para acabar o entremez.

Praza a Deus que ache Simoa,
A quem amante foi ver,
Como ha de achar Antonica
Farta de xesmininez.

D'aquella Antonica fallo,
Que pôz no negro poder
Das Quitas, para que a guardem,
E a guardarem ao revez.

Que a Silvestre a entregaram,
O qual, como vós sabeis,
Apezar dos dias sanctos
Lhe deu tanto que fazer.

Mas pois em Pernamirim,
E em suas cousas toquei,
Neste mesmo assumpto quero
Me façais uma mercê.

Dizei-me si está o Antonio
Recolhido a seu vergel,
Onde era geral Adão
Das Evas que Deus lhe deu.

E si acaso tiver vindo,
Vos peço que lhe mandeis
Este romance fechado
Em um molhado papel.

Porque no molhado veja
O chôro com que lancei
Estes versinhos tão tristes
Por amar e querer bem,

A elle, que me fugiu
D'esta casa, ha mais de um mez,
E á Catona que o imita
No esquivo e no infiel.

E com isto, e outro tanto
Que me fica por dizer,
Adeus, até que tenhais
Quem vos traga a meu vergel.

Á ANTONIO DE ANDRADE

SENDO DESPENSEIRO DA MISERICORDIA

Senhor Antonio de Andrade,
Não sei si vos gabe mais
As franquezas naturaes,
Ou si a christã charidade:
Toda esta nossa Irmandade,
Que á pasmos emmudeceis,
Vendo as obras que fazeis,
Não sabe decidir não
Si egualaes o amor de irmão,
Ou si de pae o excedeis.

Ou, senhor, vós sois parente
De toda esta enfermaria,
Ou vos vem por recta via
Ser pae de todo o doente:

Quem vos vê tão diligente,
Tão caritativo e tão
Inclinado á compaixão,
Dirá de absorto e pasmado,
Que entretanto mal curado,
Só vós fostes homem são.

Aquella mesma piedade,
A que vos move um doente,
Vos mostra evidentemente
Homem são na qualidade:
De qualquer enfermidade
São aphorismos não vãos,
Que enfermarão mil irmãos:
Mas si o contrario se alude
Somente a vossa saude
Foi contagio de mil sãos.

Quem não sarou d'esta vez
Fica muito temeroso,
Que lhe ha de ser mui penoso
Acabar-se-vos o mez:
Ninguem jámais isto fez,
Nem é coisa contingente
O ficar toda esta gente
Com perigo tão atroz,
Que se acabe o mez á vós
Para mal de outro doente.

AO CAPITÃO

JOÃO RODRIGUES DOS REIS, HOMEM GENEROSO E ALENTADO,
GRANDE AMIGO DO P.

Meu capitão dos Infantes,
Que por vossas boas artes,
Sois homem de muitas partes,
Nascendo só em Abrantes:
Por vossos ditos galantes,
Discretos e cortezãos,
E por largueza de mãos
Á todos nos pareceis
Não sómente João dos Reis,
Si não o rei dos Joãos.

O príncipe, que de juro
Senhorêa os corações,
Como lá disse Camões,
Que sois vós o conjecturo:
Tanto nisto me asseguro,
Que em ver como procedeis,
Presumo que descendeis
De algum príncipe de França,
D'onde tendes por herança
Esse appellido dos Reis.

A boa arte de reinar
Em um coração rendido,
A não serdes vós nascido,
Não se pudera imitar:
Vós não podeis ensinar
Com paridades e apodos
Os bons meios e os bons modos,
Com que todo o mundo embaça,
Porque sempre estaes de graça,
Por fazer-nos graça á todos.

O generoso da mão,
O coração varonil,
Onde vos cabe o Brazil,
E sobeja coração:
Com pobres a compaixão,
Com ricos o liberal,
Na amizade tão leal,
Na palavra tão massiço,
Para mim tudo é feitiço,
Sendo tudo natural.

DESPEDE-SE

O P. DA BAHIA QUANDO FOI DEGRADADO PARA ANGOLA

Adeus, praia; adeus, cidade,
E agora me deverás,
Velhaca, dar eu a Deus
A quem devo ao demo dar.

Quero agora que me devas

Dar-te a Deus, como quem cahe,
Sendo que estás tão cahida,
Que nem Deus te quererá:

Adeus, povo; adeus, Bahia,
Digo canalha infernal,
E não fallo na nobreza,
Tabula era que se não dá.

Porque o nobre emfim é nobre,
Quem honra tem, honra dá,
Picaros dão picardias,
E ainda lhes fica que dar

E tu, cidade, és tão vil,
Que o que em ti quizer campar
Não tem mais do que metter-se
A magano, e campará.

Seja ladrão descoberto,
E qual aguia imperial
Tenha na unha o rapante,
E na vista o prespicaz.

A uns compre, a outros venda,
Que eu lhe seguro o medrar,
Seja velhaco notorio,
E tramoeiro fatal.

Compre tudo e pague nada,
Deva aqui, deva acolá,
Perca o pejo e a vergonha,
E si casar case mal.

Porfiar em ser fidalgo,
Que com tanto se achará:
Si tiver mulher formosa,
Gabe-a por esses poiaes;

De virtuosa talvez,
E de entendida outro tal;
Introduza-se ao burlesco
Nas casas onde se achar.

Que ha donzellas de belisco,
E aos punhos se gastára,
Tracte-lhes um galanteio,
E um....., que é o principal.

Arrime-se a um poderoso,
Que lhe alimente o gargaz,
Que ha pagadores na terra
Tão duros como no mar

A estes faça alguns mandados
A titulo de agradar,
E conserve o affectuoso
Confessando desigual.

Intime-lhe a fidalguia,
Que eu creio que lh'o crerá,
E que fique ella por ella
Quando lhe ouvir outro tal.

Vá visitar os amigos
No engenho de cada qual,
E comendo-os por um pé
Nunca tire o pé de lá.

Que os Brasileiros são bestas,
E estarão a trabalhar
Toda a vida, por manterem
Maganos de Portugal.

Como se vir homem rico,
Tenha cuidado em guardar,
Que aqui honram os mofinos,
E mofam dos liberaes.

No Brazil a fidalguia
No bom sangue nunca está,
Nem no bom procedimento:
Pois logo em que póde estar?

Consiste em muito dinheiro,
E consiste em o guardar,

Cada um a guardar bem,
Para ter que gastar mal.

Consiste em da-lo a maganos
Que o saibam lisongear,
Dizendo que é descendente
Da casa de Villa Real.

Si guardar o seu dinheiro,
Onde quizer casará,
Que os sogros não querem homens,
Querem caixas de guardar.

Não coma o genro, nem vista,
Que esse é genro universal,
Todos o querem por genro,
Genro de todos será.

Oh! assolada veja eu
Cidade tão suja e tal,
Avesso de todo o mundo,
Só direita em se entortar.

Terra, que não se parece
Neste mappa universal
Com outra; e ou são ruins todas,
Ou ella sómente é má.

FIM DO TOMO PRIMEIRO

INDICE DO TOMO I

Introdução V

Vida do dr. Gregorio de Mattos Guerra pelo licenceado Manuel Pereira
Rebello 1

Aos vicios: tercetos 41

Benze-se o P. de varias acções que observava na sua patria 45

Salinas da Margarida - Bahia

Reprovações 48

Verdades 53

Justiça que faz o P. na honra hypocrita pelos estragos que anda fazendo na verdadeira honra 67

Dialogo entre o Demonio e a Alma 73

Contra os ingratos murmuradores do bem que actualmente recebem da mãe universal, que os affaga, se queixa a Bahia, confessando-se das culpas, que lhe dão, pelos preceitos do Decalogo 77

Á gente da Bahia 100

Observações criticas sobre varias materias por occasião do cometa apparcido em 1680 109

A fome que houve na Bahia no anno de 1691 116

Retrato do governador Antonio Luiz da Camara Coutinho 120

Milagres do Brazil. Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo, que foi vigario da freguezia de Passé 126

A um homem humilde que se metteu a fidalgo 130

A uma briga que teve certo vigario com um ourives por causa de uma mulata 134

A prisão de duas mulatas por uma querella que d'ellas deu o celebre capitão Domingos Cardoso, de alcunha o Mangará, pelo furto de um papagaio 138

Epigramma sobre varios assumptos 141

Descreve o P. racional e verdadeiramente queixoso os extravagantes meios com que os extranhos dominam indignamente sobre os naturaes na sua patria 144

Retrato do governador Antonio de Sousa de Menezes, chamado o Braço de Prata: sylva 154

Ao confessor do arcebispo d. frei João da Madre de Deus 159

Em 1686 diminuiram aquelle valor a que se havia erguido a moeda quando o P. estava na côrte, onde então com seu alto juizo sentiu mal do arbitrista que assim o aconselhára a el-rei, & 164

Retrato do padre Damaso da Silva 168

Marinicolas 172

Ao Braço Forte, estando preso por ordem do governador Braço de Prata 180

Á D. João de Alencastre, que vindo do governo de Angola por escala a Bahia, e estando nella hospede do governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, seu cunhado, em cujo desagrado se achava o P., se queixou de que este o não houvesse visitado, pedindo-lhe que ao menos lhe fizesse uma satyra por obsequio 185

Á João Gonçalves da Camara Coutinho, filho do dito governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara, tomando posse de uma Companhia de infantes em dia de S. João Baptista, assistindo-lhe de sargento seu tio dom João de Alencastre 188

Á Pedro Alvres da Neiva, quando embarcou para Portugal: romance 191

No Boqueirão de S. Antonio do Carmo, dentro de uma peça de artilharia descavalgada esteve muitos dias uma cobra surucucú assaltando aos que passavam com morte de varias pessoas, sendo governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho (é este o assumpto da poesia): romance 197

Á Brites, uma parda dama, vulgarmente chamada Betica, pedindo-lhe cem mil réis: romance 200

Á Annica, outra semelhante parda, pedindo-lhe um cruzado para pagar uns sapatos: romance 204

Á umas moças que costumavam ir a uma roça: romance 207

Á mulata Joanna Gafeira, estando queixosa do P. a haver satyrisado 209

Á Damazia, outra mulata que chamava seu um vestido que trazia de sua senhora: romance 212

Á uma dama por nome Ignacia Paredes: romance 215

Á uma moça por nome Barbara: romance 219

Satyrisa allegoricamente a varios ladrões da republica: romance 223

Ao padre Damaso da Silva: romance 232

Á Bento Pereira: romance 237

Aos cavalleiros que correram na Festa das Virgens no anno de 1685, primeiro do govêrno do marquez das Minas 239

Á cavallaria da Festa das Virgens no tempo do governo de João de Alencastre, sendo juiz Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque 249

Chegando o marquez das Minas a governar o Estado com o conde do Prado, seu filho, tractou logo de alliviar os magnates da Bahia, chamando-os do desterro em que padeciam, amedrontados do seu antecessor pela morte que outros deram ao alcaide mór Francisco Telles, e por acção de graças lhe fez o secretario de Estado Bernardo Vieira Ravasco esta decima, que o P. glozou com os primeiros costumados metaphoricamente 264

Á uns clerigos, que indo ao exame do cantochão para ordens sacras na presença do arcebispo d. João Franco de Oliveira, desafinaram perturbados 270

Epistola ao conde do Prado: romance 273

Á tres freiras do Convento da Rosa, todas irmãs, a quem ouviu o auctor cantar, e a uma tanger rabeção 277

Á duas moças pardas 280

Á sogra de Gonçalo Dias, mandando-lhes uns sonhos 283

Á Brites, uma dama pretendida de muitos e de nenhum lograda 286

Conversa que teve o auctor em uma roça com a mesma dama 289

Á mesma Brites, arrependida de haver casado 291

Á uma moça chamada Thereza, de côr trigueira 294

Á uma dama a quem o P. em certa occasião achou mais formosa do que costumava ver 296

Á uma dama esquiva 299

Dando uma que da á vista de uma dama, que se entende ser a celebrada Babú 302

Julga o P. com subtileza a culpa de acontecimentos iniquos no tempo abstracto. Entende-se ser esta obra satyra ao governador Antonio de Sousa de Menezes, por alcunha o Braço de Prata 305

Á Luiz Cesar de Menezes, governador de Angola, pedindo-lhe de Carconda certo favor ou despacho por titulos de comedias 309

Redargue o P. a doutrina ou maxima do bem viver que muitos politicos seguem de involver-se na confusão de homens perdidos o nescios, para passarem com menos incommodo esta humana vida 312

Descreve o rico feitio de um celebre Gregorio de Negreiros, em que varias vezes falla, moço com quem gracejava com divertimento naquelle sitio 318

Á Henrique da Cunha, chegando do sitio da Itapema á Cahyba 321

Pedindo-se a soltura de um mulato á seu senhor 326

Á Antonia, moça parda de Pernamirim chamada vulgarmente Catona 329

Á mesma Catona, despedindo-se o auctor de Pernamirim para a villa de S. Francisco 332

Á Annica, uma mulata da Cahyba 335

Á uma mulata de Pernamirim chamada Luzia 338

Á Antonia, moça parda, chamada a Marimbonda, que morava na rua da Poeira, e a viu o P. no Campo da Palma debaixo de uma urupemba em casa de uma amiga. Allude ao remedio sympathico de se queimar a casa dos marimbondos, para se extinguir logo a dôr das suas picadas 341

Saudoso de Pernamirim e por occasião de haver visto na villa de S. Francisco, onde estava, um moleque chamado Moçorongo, escreve a um amigo d'aquelle sitio: romance 344

Escreve tambem queixoso a um seu amigo Ignacio, morador em Pernamirim, em quem falla no romance antecedente: romance 347

Á Antonio de Andrade, sendo dispenseiro da Misericordia 351

Ao capitão João Rodrigues dos Reis, homem generoso e alentado, grande amigo do P. 354

Despede-se o P. da Bahia quando foi degradado para Angola 357